

Sabrina
Sensual

Laura Lee Guhrke

32
R\$ 8,50

18352001



*Esqueça as mentiras,
pois tudo o que importa é reviver*

Nosso Amor de Ontem



Sobre a autora:

Laura Lee Ghurke se formou na faculdade e trabalhou em diferentes áreas até conseguir escrever e publicar seu primeiro livro. Hoje ela é autora de dez romances históricos e vencedora do prêmio RITA, uma das homenagens de maior prestígio concedidas aos escritores de romances dos Estados Unidos.

"Com muito humor, cenas picantes e diálogos inteligentes, *Nosso **Amor de Ontem***, de Laura Lee Guhrke, é uma história profundamente carregada de emoção, de amores perdidos, encontros e reencontros."

- *Kathe Robin (Romantic Times)*

"Uma delícia de ler!"

- *Christina Dodd*

Leitoras:

"Um romance maravilhosamente bem escrito!"

"Os personagens realistas fazem do livro uma leitura inesquecível!"

"Tocante, comovente, um verdadeiro primor!"

"*Nosso **Amor de Ontem*** é um romance que desperta fortes emoções. Eu gostaria que houvesse mais histórias assim para ler!"

Querida leitora,

Esta é uma história de amor que fala de esperança, perdão e reconquista. Com personagens realistas e abordando o tema da infidelidade, a autora Laura Lee Guhrke mostra que o verdadeiro amor pode sobreviver e que nunca é tarde demais para perder a esperança de ser feliz.

Leonice Pomponio Editora

Capítulo I

Londres, 1833

Sempre que os membros da alta sociedade londrina comentavam sobre lorde e lady Hammond, o senso comum era: o visconde e sua esposa não se suportavam. Mesmo a mais inexperiente das anfitriãs sabia que eles não podiam ser convidados para o mesmo jantar. Ninguém conseguia entender as razões que separaram o casal apenas seis meses após o casamento, e por que, passados oito anos, lady Hammond ainda não dera a seu marido um herdeiro, como era usual.

Apesar de não haver nenhum herdeiro direto ao título do visconde, o contrato matrimonial de lorde e lady Hammond não dava sinais de que seria quebrado por nenhuma das partes. Pelo menos não até 15 de março de 1833. Esse foi o dia em que a chegada de uma carta mudou tudo, pelo menos para o visconde.

A mensagem era urgente e foi entregue na residência dele em Londres por volta das onze horas da noite. Lorde Hammond, porém, não se encontrava. No meio da alta temporada londrina, John Hammond, assim como todos de sua posição social, se ocupava com a nada sagrada trindade masculina: bebida, jogo e mulheres.

Seus amigos, lorde Damon Hewit e sir Robert Jamison o assistiam alegremente nessas atividades. Depois de várias horas de seu jogo predileto, chegaram ao Brook's pouco antes da meia-noite. Após a sexta garrafa de vinho, começaram a discutir onde deveriam pernoitar.

— Eu creio, Hammond, que deveríamos ir ao baile da Sra. Kettering pelo menos por uma hora ou duas — disse Robert. — Damon e eu prometemos a ela que iríamos. Você sabe como a dama fica quando não aparecemos.

— Nesse caso, serei forçado a deixá-los. — John despejou mais um pouco de vinho em seu copo. — Victoria foi convidada para o baile e aceitou o convite. Portanto, sou forçado a declinar. Sabe muito bem que eu e minha mulher nunca comparecemos aos mesmos eventos.

— Nenhum cavalheiro comparece aos mesmos eventos que sua esposa, Robert — esclareceu Damon. — Por isso seria melhor que Hammond explicasse que a verdadeira razão é a seguinte: Emma Rawlins estará lá, e isso é sinal de confusão certa.

John quase teve vontade de rir. Sua mais recente amante não provocaria emoção alguma em Victoria, a não ser o mesmo desprezo que demonstrava por ele havia vários anos. Um final melancólico, visto que John se casara com uma linda e adorável jovem. Mas casamentos raramente davam certo, e ele já desistira do seu.

— A Srta. Rawlins é uma criatura adorável — acrescentou Robert. — Pena que o romance tenha terminado.

John lembrou-se de como Emma se tornara possessiva, exigindo coisas que não cabiam a uma amante exigir. Por isso, havia terminado com ela dois meses atrás, não sem antes pagar uma boa quantia pelo rompimento do contrato.

— Veremos o quanto Emma é adorável, pois o fim do romance não foi nada amigável. Não hei de querer saber de mulheres tão cedo. — John tomou mais um gole.

— É o que sempre diz, meu amigo! — Damon deu risada. — Mas essa resolução só dura até aparecer a próxima beldade. Você precisaria ter um harém.

— Uma mulher de cada vez já basta. Minhas duas últimas amantes me deram motivos de sobra para eu nunca mais pensar em romance.

A amante anterior a Emma, a cantora de ópera Maria Allen, fez John se envolver num duelo em que acabou ferido no ombro pelo marido traído. O casal se separou, e Maria se tornou amante de lorde Dewhurst.

Emma Rawlins, entretanto, não parecia disposta a encontrar um novo protetor. Continuava a escrever toda semana, implorando que John voltasse para ela. As respostas com recusas formais não a satisfizeram, e Emma decidiu deixar a propriedade que ele lhe dera em Sussex para segui-lo até a capital. O visconde, porém, não tinha a menor intenção de revê-la.

— Não, não, meus amigos, mulheres são criaturas maravilhosas, mas cobram muito e de muitas maneiras. Pretendo passar este ano inteiro sem nenhuma amante.

— O ano inteiro, John? — Damon meneou a cabeça, incrédulo. — Estamos apenas em março. Você ama demais o sexo frágil para ficar tanto tempo longe.

John se recostou no espaldar e ergueu seu copo.

— Só porque um homem não tem uma amante não quer dizer que não goste mais de mulheres.

Seus amigos deram boas risadas e decidiram que aquele era um bom pretexto para brindar. Voltaram a encher os copos e brindaram várias vezes às damas de todas as categorias. Em menos de cinco minutos, outra garrafa foi esvaziada.

— Olhe, Hammond! — Damon ficou sério de repente. — Aquele não é um de seus empregados?

John seguiu o olhar do amigo e viu um de seus criados à soleira, perscrutando ansiosamente para dentro do salão lotado. Ao ver o patrão, o rapaz se apressou a entregar-lhe uma correspondência.

— É uma carta expressa, senhor, vinda do Norte. O Sr. Pershing ficou preocupado e me mandou entregá-la de imediato.

As cartas expressas costumavam trazer más notícias. John pensou logo em Hammond Park, sua propriedade no norte do país. Quando deparou com a caligrafia, contudo, constatou que não era a de seu administrador, mas de Constance, esposa de seu primo, o que significava que as más notícias eram assunto de família. Sua apreensão aumentou ainda mais quando quebrou o selo e desdobrou a única folha.

A missiva continha apenas quatro linhas; a tinta estava manchada de lágrimas. As novas eram piores do que ele poderia ter imaginado. Continuou olhando para as palavras, lendo e relendo, sem poder acreditar. Não podia ser verdade.

— Percy. Oh! Meu Deus! Percy!

A dor parecia insuportável. Tentou entender o que aquela notícia significava, o que teria de fazer, mas só o que lhe ocorria era que deixara passar um ano inteiro sem visitar seu primo e melhor amigo... e agora era tarde demais.

— Hammond? — A voz preocupada de Damon trouxe-o de volta à realidade.

John dobrou o papel e o colocou no bolso. Lutando para se controlar, fitou o criado, que esperava ansioso por suas ordens.

— Prepare minha carruagem neste instante.

— Pois não, milorde. O empregado partiu.

Seus amigos continuavam a estudá-lo, preocupados. Nenhum deles fez pergunta alguma, nem John pronunciou mais nenhuma palavra. Apanhou o copo e engoliu o restante do vinho, tentando se recuperar.

Mais tarde, disse a si mesmo, tentando ignorar a dor. Deixaria para sofrer depois.

Naquele momento, tinha de pensar no efeito que aquilo teria sobre suas propriedades.

Elas tinham de vir em primeiro lugar; sempre fora assim.

Afastou a cadeira e ficou de pé.

— Perdão, cavalheiros, mas tenho de deixá-los. Negócios urgentes exigem minha presença. — John se curvou, afastou-se da mesa e partiu.

Meia hora depois, Stephens, o camareiro, arrumava os pertences Sra. Kettering. Victoria tinha de saber do ocorrido.

O encontro ia ser difícil. Sua esposa era uma mulher de fortes paixões, e a mais intensa delas era o ódio declarado que nutria por ele. Sabia que Victoria abominava qualquer possível encontro entre os dois, mas daquela vez seria inevitável. A vida de Victoria seria profundamente alterada pelas notícias que estava a ponto de receber.

A chegada de John, sem dúvida, causaria muitos comentários, pois nem ele nem Victoria se incomodavam em manter as aparências. Não era segredo para ninguém que aquela era uma união de conveniência, e que assim permanecia havia mais de oito anos. No entanto, isso ia mudar, John jurou para si mesmo no momento em que entrava na mansão de lorde Kettering.

Apesar da multidão que se apertava no salão e do fato de sua esposa não ser muito alta, John a encontrou com facilidade. Victoria usava um vestido de seda cor-de-rosa, mas, mesmo que não estivesse usando sua cor predileta, ele a acharia do mesmo jeito.

Decerto por causa dos cabelos dourados brilhando à luz dos castiçais, que sempre o faziam lembrar-se da luz do sol.

Victoria estava de costas para ele, mas não importava. John conhecia cada centímetro daquele rosto, o formato oval, os grandes olhos amendoados com cílios espessos, aquela minúscula pinta do lado direito da boca, as covinhas na face quando sorria. Nem sabia como podia se lembrar disso, pois fazia muitos anos que não a via sorrir. Mas John se lembrava. Victoria tinha um sorriso que parecia abrir as portas do Paraíso. Todavia, era capaz também de tanto sarcasmo que poderia mandar alguém para o inferno. John conhecera os dois destinos.

Alguns convidados se envolviam com a dança; outros se distraíam apenas observando os casais dançarem. Assim, levou algum tempo até que sua presença fosse notada. Quando aconteceu, a quadrilha se desorganizou, pois os casais ficaram ocupados demais olhando para ele, em vez de atentar para os intrincados passos. Logo em seguida, os músicos pararam de tocar, a conversa se transformou num silêncio desajeitado e começaram a circular murmúrios de especulação pela sala. Reações inevitáveis, pois havia muitos anos lorde e lady Hammond não compareciam ao mesmo evento social. John observou sua esposa se voltando para ele. Quase perdeu o fôlego, aturdido, como sempre, pela beleza de seu rosto e a perfeição de seu corpo. Embora não a visse por quase um ano, Victoria continuava tão linda quanto da última vez.

Quando John caminhou em sua direção, ela não teve escolha a não ser agir como a viscondessa e cumprimentá-lo com polidez.

— Hammond! — exclamou, surpresa, oferecendo a mão para que ele a beijasse.

O visconde tocou com os lábios a mãozinha estendida e ofereceu-lhe o braço. Victoria hesitou, mas, passado um momento, apoiou-se no marido e tratou de arrastá-lo para um local mais reservado.

— Por que veio até aqui depois de ter declinado do convite? — perguntou, zangada.

— Por uma razão que não pode ser explicada em público. Todos nos olham.

— Se isso o incomoda, pode ir embora — sugeriu ela ao observar o olhar que uma bela jovem ruiva, vestida de verde, dirigia a seu marido.

Embora John fingisse não tê-la visto, Victoria compreendeu que o pior de seus pesadelos estava se repetindo.

— Quer dizer que Emma Rawlins é o motivo pelo qual veio até aqui. As pessoas dizem que você tinha terminado com ela, mas parece que não é bem assim. Será que não se cansa de me humilhar?

— Eu vivo para isso, querida. E arranco asas de moscas também, mas prefiro torturar filhotes de gatos.

Ela quase explodiu de ira e tentou se afastar, mas John não , permitiu.

— Pare de tentar provocar uma briga e ouça-me. Tenho negócios urgentes a resolver no Norte, e quero discuti-los com você em particular.

— Ter um encontro privado com você? Jamais!

— Mas é importante, Victoria, porque a envolve. Ela se voltou e, embora relutante, concordou:

— Muito bem, então. Mas terá de esperar. Estou comprometida para a próxima dança. Quando Victoria se afastou, John apertou a carta em seu bolso, pensando em seu significado. Se a animosidade de sua mulher fosse tão grande quanto parecia, sua vida acabara de se transformar num inferno.

Por que ele viera? A pergunta continuava na cabeça de Victoria, que girava pelo salão, tentando se concentrar nos passos da dança.

Havia anos John não sentia necessidade de discutir nada com ela. O que teria para conversar agora, e por que aquela noite?

Quando a música terminou, seu olhar buscou pelo marido no meio da multidão, quase sem acreditar que ele estava mesmo ali. Encontrou-o num animado grupo, rindo e conversando como se fosse a coisa mais natural. Uma pontada da antiga dor calou fundo em seu coração, uma dor que Victoria acreditava já ter superado.

Tentou recuperar o escudo de gelo que a protegera das mentiras dele e de suas amantes. Podia ouvir os comentários sobre a presença de seu marido e de Emma Rawlins no mesmo local. No dia seguinte, em toda a Londres, não se falaria de outro assunto.

Victoria mal voltara para perto do duque de Tremore, seu irmão, e de sua cunhada Daphne, quando John chegou e a conduziu até a biblioteca de lorde Kettering. Assim que as portas se fecharam, ele foi direto ao assunto:

— Percy está morto. E também o filho dele. Victoria levou a mão ao peito, tamanho o choque.

— Como? O que houve?!

— Escarlatina. Uma epidemia devastadora se abateu em Shropshire. Acabei de receber uma carta expressa.

Incapaz de assimilar a infausta notícia, Victoria balançava a cabeça, pensando no que acontecera a Percival Hammond, o primo e melhor amigo de seu marido. Num gesto instintivo, aproximou-se e tocou-lhe o braço.

— Sinto muito. Sei que ele era como um irmão para você. John se desvencilhou, como se aquele toque o queimasse, e se virou de costas, imaginando por que Victoria teria expressado solidariedade.

— Tenho de ir a Whitechurch para os funerais.

— E está aqui para me pedir para acompanhá-lo...

— Deus! Claro que não! Jamais lhe pediria isso. Você nunca teve escarlatina e, com essa epidemia, poderia adoecer.

Victoria soube, então, que deveria haver mais alguma coisa, pois, se fosse apenas para comunicar-lhe a morte do primo, John poderia ter enviado um mensageiro.

— Foi para isso que veio? Para me contar pessoalmente? — arriscou.

John tornou a olhá-la.

— O filho de Percy também faleceu, Victoria, e isso muda tudo. Você deveria perceber. O impacto daquelas palavras a atingiram com a força de um furacão. Incapaz de disfarçar a vertigem de que foi tomada, tentou argumentar:

— Por quê? Você tem outro primo. Bertram também é um Hammond, e herdará o título e as propriedades no lugar de Percy.

— Bertie, aquele inútil? Ele não é capaz de dar um nó na própria gravata. Por causa de nossas brigas, eu me resignei a deixar o que é meu aos cuidados de Percy, pois sabia que ele o faria tão bem quanto eu, assim como o filho dele. Mas Bertie é totalmente

diferente. É desleixado e esbanjador, como meu pai. Seria um desastre total se ele, algum dia, viesse a pôr suas mãos ambiciosas sobre Hammond Park, Enderby ou qualquer outra de minhas propriedades.

— Será que esta discussão não pode esperar até seu retorno? — Victoria tinha esperança de mudar de assunto, até que pudesse raciocinar melhor. — Seu primo está morto. Não podemos, ao menos, chorar por ele? Temos de discutir sobre a herança agora?

A fisionomia de John se tomou implacável, fato raro em alguém conhecido pelo charme e bom humor.

— Meu principal dever é com minhas propriedades, Victoria. Bertie me arruinaria, gastando até meu último centavo e destruindo nove anos de meu trabalho. Não deixarei que isso aconteça. Quando eu voltar de Shropshire, nossa separação vai acabar. Você será minha esposa, não só no sentido legal, mas também no sentido literal e moral do termo.

— Sentido moral? — Tomada de fúria e desespero, Victoria levou alguns segundos para tornar a falar: — Você falando em "senso moral"? É algum tipo de piada?!

— Não tenho tempo para discussões hoje. As circunstâncias exigem uma conversa sobre deveres e obrigações, e isso nem sempre é agradável.

— John, o que seus deveres têm a ver comigo? No entanto, ela sabia a resposta.

— Estou falando de seu dever como minha esposa e como viscondessa.

Um zumbido se instalou no cérebro de Victoria, que pensou que fosse desmaiar pela primeira vez na vida.

— Sim — disse John, como se a mente dela fosse um livro aberto. — Sei como me despreza, como não suporta que eu a toque, mas preciso de um filho, Victoria, e pretendo ter um, custe o que custar.

Que Deus tivesse piedade dela, mas John estava falando sério. Victoria olhava para o marido, assustada, as palavras martelando em sua cabeça.

John queria um herdeiro. Agora, depois de todos esses anos, resolvia querer um herdeiro. Depois de toda a dor e humilhação por que Victoria passara, a censura social e a culpa por não ter lhe dado um filho antes. Após todas as amantes que o marido tivera, como esperava tê-la de volta ao leito conjugal?

— Nem em um milhão de anos! — Victoria lhe deu as costas, para sair.

John colocou as mãos em seus ombros para detê-la.

— Um herdeiro agora é crucial, Victoria, e você sabe disso. Sem Percy, se torna necessário que eu tenha um filho.

— Você já tem um. Todos sabem que o caçula de lady Darwin é seu.

— É o que se diz, mas lhe asseguro que é mentira. Victoria fez um esgar de deboche e incredulidade, e ele continuou:

— E mesmo que fosse, isso não significaria nada. Eu preciso de um filho legítimo.

— Pouco me importa do que precisa, John!

— Quer goste, quer não, você é minha esposa, eu sou seu marido e as circunstâncias nos obrigam a fazer o que se espera de nós.

— As circunstâncias não me obrigam a nada. Nosso casamento é uma farsa e sempre foi. Não vejo motivo para que isso mude.

— Sério? Você é uma dama da sociedade, a irmã de um duque e esposa de um visconde. Não é uma qualquer e conhece as regras que regem nossas existências.

Victoria sustentou o olhar dele com a mesma determinação, e não se intimidou.

— Posso ser sua esposa no papel, mas não serei de fato. Às favas com as regras e com as circunstâncias. Às favas você!

— Ainda que contra sua vontade, nós voltaremos a viver juntos quando eu voltar do Norte. Pode escolher onde prefere morar, se na casa de campo em Chiswick ou em

minha mansão em Bloomsbury Square. Se escolher a residência da cidade, avise Pershing para que ele leve seus pertences para lá, enquanto estou fora.

— Você e eu sob o mesmo teto? Deus tenha piedade!

— Sim, Victoria, sob o mesmo teto, a mesma sala de jantar. — Então, John fez uma pausa e completou com um olhar cheio de significados. — E na mesma cama.

— Se acha... se realmente acredita... se...

A idéia de tomar a fazer amor com ele depois de todas as amantes que o marido tivera era insuportável. Assim, Victoria respirou fundo e disparou:

— Se passa por sua cabeça que permitirei que me toque de novo, deve estar louco!

— Pode ser uma lástima para você, mas esse é o único jeito de se fazerem os bebês. Não há loucura nenhuma nisso. Casais se amam todos os dias e, a partir de agora, nós os imitaremos.

— John fez uma reverência e se virou para a saída.

— Ah, como eu o desprezo!

— Obrigado por me informar. Ainda não tinha percebido.

— Ele parou à soleira, com a mão na maçaneta, e a fitou de soslaio.

O rosto dele estava de perfil, a cabeça baixa e uma mecha de cabelo caída na testa.

Quando a encarou, não havia nenhum sorriso sarcástico em seus lábios e, quando falou, não surgiu nenhum sinal de ironia em sua voz:

— Nunca quis magoá-la, Victoria. Queria muito que pudesse acreditar em mim.

Se ele não fosse o canalha que era, ela poderia jurar ter visto um pouco de sinceridade naquele olhar. Mas John era um mentiroso, e nunca a amara.

— Não pode estar falando sério. Sabe que o odeio e, mesmo assim, espera que o receba em meu leito?

— Bem, a cama é o lugar mais confortável, entretanto, se tiver outra sugestão, estou propenso a aceitar. Faz muito tempo, mas lembro que fazer amor em lugares estranhos era um de nossos passatempos prediletos.

Antes que Victoria pudesse responder, ele partiu. Sentia tanta raiva que não podia acreditar que o tivesse amado um dia.

Quando conhecera John Hammond nove anos atrás, tudo parecia um romance perfeito.

Ele tinha vinte e seis anos e era o homem mais simpático que jamais conhecera. Era dono de um corpo atlético e olhos cor de conhaque, e acabara de receber seu título de nobreza. Contudo, se fosse um comerciante, e não um visconde, não teria feito a menor diferença. Aos dezessete anos, Victoria se apaixonou perdidamente por ele.

Detestava admitir, mas John era ainda mais atraente agora do que antes. Ao contrário dos outros cavalheiros na faixa dos trinta, a maturidade o tornara ainda mais forte, e havia apenas alguns fios de cabelo branco em sua fronte. Os olhos mostravam o mesmo tom de conhaque, só que agora surgiram marcas ao redor deles; marcas do riso que outras mulheres lhe proporcionaram. Tantas outras...

John dizia que a amava, mas era tudo mentira. Não se casara com ela por amor, mas por dinheiro. Todo o amor de Victoria desperdiçado com um homem que só precisava de uma esposa rica para resolver suas questões financeiras e cujo coração jamais lhe pertencera.

Bem, tudo aquilo pertencia ao passado. Fazia anos que aceitara seu destino. Enquanto o marido colecionava aventuras, ela construíra uma vida própria, com trabalhos de caridade, bons amigos e tranquilidade. Uma vida que não o incluía. E ela não iria permitir que isso mudasse.

Capítulo II

Um mês depois de ter comparecido ao enterro de seu primo e de ter ajudado a viúva a tomar as providências mais urgentes, John pôde voltar a Londres. Porém, ao chegar, deu-se conta do quanto estava certo sobre as noções de amor e de dever de sua esposa. Victoria não se mudara para a mansão da cidade, nem estava em Enderby, a casa de campo em Chiswick, onde costumava morar a maior parte do ano. Os criados tampouco sabiam de seu paradeiro, o que fez John suspeitar de que ela se refugiara na residência do duque de Tremore, em Grosvenor Square.

Ao chegar à casa de seu cunhado, suas suspeitas se confirmaram. Victoria se encontrava lá. Podia imaginá-la à soleira de Tremore, pedindo abrigo para se livrar do marido. O duque, como sempre, o recebeu de forma desagradável, entrando no vestíbulo com ar de poucos amigos, sem saber que John não se deixava intimidar por ele. Por sorte, o duque foi direto ao assunto:

— Acredito que tenha vindo ver minha irmã.

Sem muita disposição para discutir o óbvio, John sustentou o frio olhar de lord Tremore.

— Não. Vim buscar *minha esposa*.

Victoria encarava o irmão, incrédula.

— Então, John pode me arrastar daqui e não há nada que se possa fazer?!

Anthony olhou para ela sem responder e, nesse olhar, Victoria pôde distinguir muita emoção, ódio por John, compaixão por sua situação e remorso, por não ter impedido aquele casamento. Mas pôde vislumbrar ainda mais uma coisa: sua ida era inevitável!

— Como posso partir com ele?! Depois de tudo o que aconteceu, como voltarei a viver como esposa de John?!

— Você é a esposa dele.

Victoria olhou com tamanha perplexidade para Daphne, sua cunhada, que ela se viu obrigada a dizer algo.

— Não há mesmo nada que possa fazer, querido? Afinal, você é um duque, e dos mais influentes.

— Minha influência é inútil neste caso. A lei está do lado dele e, se eu tentasse impedi-lo, Hammond poderia me acionar judicialmente, e eu seria obrigado a entregar Victoria por decreto legal. Se quiserem, posso tentar, mas é batalha perdida.

Victoria teve vontade de pedir para ele tentar de qualquer forma, mesmo sabendo do resultado.

— Seria um escândalo, não é mesmo, Anthony?

— Sim, Victoria, e você seria considerada culpada, não ele. Com o aparecimento de Hammond no baile de lady Kettering e a notícia da morte do primo, as pessoas estão comentando.

— E o que dizem? Que até que enfim meu marido resolveu me colocar em meu devido lugar?

Anthony não confirmou nem negou a conclusão da irmã. Em vez disso, estendeu-lhe um copo de conhaque.

— Não preciso de bebida, Anthony, mas de um divórcio! — Victoria se desesperava.

— Sabe muito bem que é impossível, minha irmã.

— Eu sei, eu sei. Céus, o que vou fazer?! Anthony, esbravejando, levantou-se.

— Vou descer e tentar conversar com Hammond. Quando o duque saiu, Daphne sentou-se ao lado de Victoria, abraçando-a para tentar confortá-la.

— Oh, Daphne, como gostaria de poder voltar e desfazer o passado! Como fui estúpida!

— Você nunca foi estúpida, querida.

— Fui, sim. Anthony tentou me avisar. Disse que eu era jovem demais, que podia esperar para me casar. Ele tentou, em termos delicados, me dizer que John era como o pai dele, irresponsável e aproveitador. Porém eu estava tão apaixonada, tão determinada a desposar John que não o ouvi, e Anthony desistiu. Meu Deus, por que não lhe dei ouvidos?!

Os braços de Daphne a estreitaram.

— Não faça isso, meu anjo. Não se culpe, nem se torture com o que não pode ser desfeito.

Victoria olhou nos olhos violeta que tinham conquistado seu irmão três anos atrás. De certa forma, ela ajudara Daphne e Anthony a se encontrar e ficou feliz quando se apaixonaram. Às vezes, chegava a sentir um pouco de inveja da cunhada. Ter o amor puro e sincero de um homem bom e honesto devia ser uma coisa maravilhosa.

Forçou-se a sorrir.

— É melhor você descer e cuidar para que Anthony não mate Hammond, meu bem.

Sabe que eles nunca se deram. — Ao se ver sozinha, Victoria se aproximou da janela.

Era uma linda tarde de abril, e ela recordou as inúmeras ocasiões em que ficara bem ali, esperando pela chegada de John, tão ansiosa, tão enlevada. Como doía lembrar-se daqueles dias em que acreditara na felicidade do amor correspondido! Como fora cega e inocente ao crer nele, em sua devoção, em suas juras de amor.

Apertou a testa contra a vidraça. Tudo aquilo era falso. John amava sua fortuna, e tudo o que desejava eram outras mulheres. Victoria ainda se lembrava de como ele a deixara sem sequer tentar compreender seus sentimentos e de como se jogara nos braços de uma amante após outra.

Voltou as costas para a janela como se, assim, pudesse apagar tudo da memória. Afinal, não era mais uma mocinha ingênua, não estava mais apaixonada e não seria enganada de novo. Tinha de haver uma saída para aquela situação, e iria encontrá-la.

John sempre fora uma pessoa amigável e de temperamento calmo, mas quando provocado, quando atingia seu limite, os resultados podiam ser catastróficos. Na maioria das vezes, era fácil para ele conservar o bom humor, pois sabia que dizer algo espirituoso ou engraçado era importante para aliviar as tensões e manter situações difíceis sob controle. Raras eram as ocasiões em que precisava esforçar-se para ser civilizado, e estas, em geral, envolviam seu cunhado.

— Agradeço sua preocupação com minhas finanças, meu caro duque, mas não estou precisando de dinheiro — disse, tentando manter a jovialidade.

Viu o tremor de um músculo na face do duque e, como acabara de receber uma oferta de suborno para ir embora, não pôde evitar certa satisfação com o desapontamento do cunhado.

— Sua falta de interesse em meu bolso me espanta, Hammond. Você não recusaria uma oferta como esta alguns anos atrás, antes de ter se casado com minha irmã.

— Quem poderia me condenar por ter ficado fascinado por seu dinheiro? — John fez um gesto largo para a opulenta sala, toda decorada em turquesa, branco e dourado. — Você adora exibi-lo.

— Hammond?

Os dois se voltaram para ver a duquesa entrar na sala.

— Obrigada por ter vindo.

John ficou feliz com a interrupção, mas notou que Victoria não estava com Daphne. Em todas as crises de sua vida, ela corria para o irmão, e Anthony sempre lhe dava abrigo. Começou a preparar-se para a inevitável batalha que se avizinhava. Tremore era um adversário terrível, com muito mais poder e muito mais recursos que ele, e a situação

estava a ponto de se tornar insustentável. Victoria sabia que ele odiava situações semelhantes, mas, se ela achava que isso o faria desistir, estava enganada.

— Duquesa... — John cumprimentou a concunhada com uma reverência e um beijo na mão. — Que prazer revê-la.

— Soube da morte de seu primo. Sinto muito, milorde. John estremeceu ao ouvir aquilo. Estava tudo ainda muito recente para que conseguisse reagir com naturalidade. Engoliu em seco e demorou um pouco para responder:

— Obrigado.

John encontrara a duquesa de Tremore apenas algumas vezes antes, mas Daphne sempre lhe pareceu uma mulher sensível e que, decerto, compreendia como ele se sentia. Logo começou a falar de coisas banais e, para seu alívio, o marido a acompanhou.

Sentaram-se em pequenas cadeiras douradas e comentaram sobre o clima, os últimos eventos da temporada e sobre Dylan Moore, um amigo em comum. Todavia, quando meia hora se passou e Victoria não apareceu, a paciência de John começou a se esgotar.

Num momento oportuno, mudou o rumo da conversa para falar sobre sua esposa. —

Perdão — disse à duquesa —, mas a viscondessa e eu temos de partir. Será que poderia mandar algum empregado trazer os baús dela aqui para baixo?

— Vou ver se ela os preparou. A diferença entre as palavras de Daphne e o pedido dele confirmou as suspeitas de John. Ia ter de brigar. Assim que os dois homens ficaram a sós, moveram-se para lados opostos do ambiente, como se por acordo tácito tivessem decidido se manter distantes um do outro. Nenhum deles tornou a se sentar; nenhum deles voltou a falar. A tensão reinante era densa e pesada como numa tarde de agosto antes da tempestade. O som de passos fez John virar o rosto para encontrar o olhar de Victoria. A luz do sol brilhava em seus cabelos, e o estranho sentimento de volta ao passado invadiu-o de repente.

Nove anos haviam transcorrido, e parecia que fora ontem. Victoria estava tão linda e adorável, ali parada à soleira como naquele tempo. Só que, naquela época, o semblante da menina se iluminava de alegria ao vê-lo. O da mulher diante dele mostrava tristeza. Culpa de ambos, decidiu. Victoria entrou na sala e se dirigiu ao irmão: — Anthony, gostaria de falar com John a sós, se possível.

— Evidente. — Sem olhar para John, o duque se foi. Victoria fechou a porta atrás e afirmou, sem se importar em fazer rodeios:

— Não irei com você. Pronto. A guerra começara.

— Ainda bem que sou bem mais forte do que você.

— É sua intenção me carregar para fora daqui, John? Seria capaz de tamanha brutalidade?

— Num piscar de olhos.

— É bem próprio do sexo masculino apelar para a força bruta quando não há mais argumentos.

— Às vezes, a força bruta é a única solução.

— Anthony jamais deixaria que você me levasse contra minha vontade.

— Imagino. Mas nesse caso eu entraria com uma petição no Parlamento, e Tremore seria obrigado a entregá-la para mim. Claro que ele já lhe disse isso.

Sem negar ou confirmar a informação, Victoria continuou, com firmeza:

— Eu mesma poderia pedir o divórcio.

— Alegando o quê? Não tem motivos, minha querida, e depois de um terrível escândalo, que a arruinaria para sempre e arrastaria também a família de seu irmão, você perderia. Os únicos motivos para uma mulher pedir o divórcio são parentesco e impotência. O que, lógico, não tem nada a ver conosco. Não somos parentes e, quanto à segunda hipótese, ninguém acreditaria.

— Ainda mais se considerarmos sua reputação. Se eu tivesse amantes, você poderia alegar adultério para se divorciar de mim. No entanto, não posso usar isso contra sua pessoa, apesar de suas namoradas não serem nada discretas.

— Um homem precisa ter certeza de que seu herdeiro é legítimo. Por isso a lei é como é. As mulheres nunca têm esse tipo de dúvida.

— Talvez eu devesse fazer como você e arranjar um amante. — Victoria ergueu o queixo, desafiadora. — Milorde pediria o divórcio e eu estaria livre. Aquilo John não poderia ignorar. Assim, reagiu, ameaçador:

— Não tente, Victoria!

— Preocupado, Hammond? — Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você seria condenada por ter um amante antes de me dar um herdeiro. Não suportaria a censura.

— Já sou criticada por não ter lhe dado um filho. Talvez ache que valha a pena suportar mais um pouquinho.

John se moveu para ficar atrás dela e colocou as mãos em seus braços. Victoria tentou fugir ao contato, mas ele a apertou um pouco mais, para evitar que se afastasse. Sob a seda verde do vestido, o corpo de Victoria parecia de pedra.

— O divórcio está fora de cogitação, minha querida, portanto, pare de desejá-lo. Além do mais, nenhum de nós dois tem de passar por isso.

— Eu poderia fugir para o continente, ir para a França, por exemplo, e você nunca mais me acharia.

— Esconder-se? — Aquilo o surpreendeu.

E também o afligiu. Era uma possibilidade remota, mas poderia funcionar. Tremore enviaria dinheiro para a irmã para qualquer lugar que ela escolhesse, e John teria de correr o mundo todo atrás dela. Se conseguisse se refugiar por muito tempo, passaria da idade de gerar filhos, e ele nunca teria um herdeiro legítimo para desbancar Bertram. Claro que não podia deixá-la ver que o atingira. Forte e impulsiva como era, se percebesse que sua ameaça surtira efeito, Victoria partiria para a França em menos de uma hora.

— Eu a acharia, Victoria. E, se me permite dizer, nunca me ocorreu que fosse tão covarde.

Ela respirou fundo.

— A idéia de ter o canal da Mancha entre nós me alegra muito, sir.

— Seria uma existência muito solitária. Sei que não suportaria ficar longe de sua família, de seus amigos. E, se tornasse a freqüentar a sociedade, eu a encontraria. Pense bem, nunca mais veria Anthony e Daphne.

Os ombros de Victoria tremeram um pouco ao ouvir aquilo, e, quando voltou a falar, John soube que não iria para a Europa:

— Estou cercada de impossibilidades.

E de repente Victoria pareceu tão triste e perdida que se John não tivesse sido chamado de bruto e mau-caráter teria sentido pena da jovem dama.

— Está tornando as coisas mais difíceis do que são.

— Verdade?! E esperava que fosse fácil, John? Que eu me deitasse passivamente e cumprisse meu dever para com meu amo e senhor, como a maioria das esposas faz? Ele soltou uma gargalhada.

— Você? Seria mais provável que eu fosse atingido por um raio. Minhas chances seriam bem maiores.

Pela expressão de raiva, Hammond constatou que Victoria não compartilhava de seu bom humor. Por isso, tornou a ficar sério.

— Primeiro, você nunca foi passiva para fazer amor, e não imagino que queira começar a ser agora. Segundo, gostaria que não se concentrasse apenas na obrigação de me dar um filho, mas também no prazer que isso nos daria.

A afirmação a fez corar. Oito anos não foram suficientes para destruir todas as lembranças de sua cama de casal. John preferiu ver isso como um bom sinal.

— Esta situação pode ser fácil ou difícil. Depende de você.

— E se eu escolher o caminho mais difícil? E se me recusar a cumprir meu dever de esposa? O que fará, Hammond? Irá arrastar-me para o leito?

De todas as mulheres no mundo, ele se casara com a mais teimosa.

— Nunca forcei nenhuma mulher em toda a minha vida. E você deveria saber disso melhor que ninguém. Quantas vezes poderia ter batido na porta que você fechou entre nós?

— E por que não o fez?

— Não sei. Talvez porque você tivesse o hábito de explodir em lágrimas toda vez que eu a tocava.

— Descobrir que meu marido mentiu para mim e me enganou não é motivo para chorar?

— Ou... — continuou como se não tivesse sido interrompido — ...porque você sempre começava a fazer acusações quando eu tentava beijá-la. Ou porque você batia em meu peito quando procurava abraçá-la. Perdoe-me, mas ser tratado como um canalha por querer tocar minha própria esposa tirava de mim toda a vontade.

— Você nunca me amou. Como acha que me senti quando descobri isso?

— Deus, tenha piedade! Vamos falar de sentimentos, de novo? — John cruzou os braços e não disse mais nada, pois sabia que perderia esta batalha.

— Como acha que me senti quando descobri que você tinha uma amante antes de nosso casamento, enquanto me cortejava, me beijava e dizia que me amava? — Victoria cerrou os pulsos e ergueu-os no ar. — Até mesmo no dia de nosso casamento você foi para a cama com Elsie Gallan. Mesmo depois de casados, você...

— Não, Victoria. Depois de casados, não.

John já explicara toda a confusão sobre o colar que comprara para pagar o contrato de Elsie. Não ia explicar-se de novo.

— Cinco amantes desde então, Hammond, e Deus sabe quantas outras que nem fiquei sabendo.

Ele não pretendia justificar seus casos depois de ter sido expulso da cama de Victoria. Um homem não tem de se justificar por isso.

— Tem prestado atenção, não é?

— É difícil não fazê-lo quando os jornais e as alcoviteiras de plantão me contam tudo, em detalhes. Tive de me sentar com lady Darwin e tomar chá com ela, fingindo que não sabia de nada. Quando lady Pomeroy se tomou sua amante, tive de suportar o sorriso satisfeito que ela demonstrava e as insinuações sobre suas proezas sexuais.

— Victoria!

— Fui forçada a ouvir as pessoas no teatro comentando que criatura maravilhosa Jane Morrow era. — Fez uma pausa, sentindo as mãos geladas. — E como sua falta de talento não tinha a menor relevância, pois sua beleza e hospitalidade compensavam tudo. Também escutei os cumprimentos no recital de Maria Allen. Como a moça cantava tão bem, saciada em sua cama, até que o marido atirou em você. E Emma Rawlins é a amante desta temporada, aquela cuja formosura e talento sexual são o assunto predileto nas rodas que frequento.

— Não estou mais com Emma Rawlins. Já faz três meses, aliás. As alcoviteiras estão com as notícias atrasadas.

— Não se importa com a humilhação que sofri todos esses anos por sua causa, John.

— Fui procurar prazer onde podia encontrar, depois que você me desprezou.

Hammond detestava a maneira como Victoria o transformara num vilão por tentar satisfazer necessidades físicas tão naturais, que ele só procurara, por ela ter se recusado a recebê-lo.

— Pelo amor de Deus, Victoria, sou homem! O que esperava que eu fizesse? Ficasse ao seu lado e implorasse? Que me tornasse um monge por oito anos? Que me sentisse culpado até o fim de meus dias porque fiz o que tinha de fazer?

— O que você tinha de fazer, John? Casar-se comigo por dinheiro?

— Sim! Sim, casei-me com uma mulher rica para salvar minha propriedade da ruína.

Fiz o que achei que seria uma boa união com uma garota de quem gostava e que desejava. Quando essa jovem me expulsou de seu leito, tentando me manipular com lágrimas e remorso, eu parti. Em meu lugar, qualquer outro homem teria feito o mesmo.

— Que tola fui! Cheguei a crer que você era melhor que qualquer outro homem.

— Sei que pensou. John olhou para a mulher cujo rosto estava cheio de ira e vislumbrou a mocinha adorável e vulnerável de anos atrás; a garota com o brilho do sol em seus cabelos e adoração no olhar, tudo aquilo era para ele. Victoria o odiava agora porque o marido caíra do pedestal em que o colocara. Deixara de ser um herói e se tornara um sujeito comum. A raiva de repente se dissipou. — O que quer que eu diga, Victoria?

— Nada. Quero que me deixe em paz. Bertram tem dois filhos. Permita que herdem o título depois de você.

— Nunca. Não posso.

— Bem, então voltamos ao ponto de partida. Sim, voltaram. E John estava farto das mesmas discussões, das mesmas acusações, do silêncio de pedra, de camas separadas, dos mesmos problemas. Não queria mais aquilo. Com isso em mente, decidiu endurecer sua decisão.

— Começamos nossa vida juntos há nove anos, e as circunstâncias agora nos obrigam a retomá-la. Não quero continuar com esta briga inútil. O único ponto aberto a negociações é onde vamos morar. Decida, Victoria: Enderby ou Bloomsbury Square. Enderby fica a nove quilômetros de Londres, o que não é conveniente. Minha mansão na cidade está bem equipada para um solteiro, e é um tanto espartana, então...

— Nem conheço mais você. — Meneou a cabeça, olhando-o com horror. — De fato, acho que nunca conheci. Não posso voltar a viver como sua esposa depois de tudo o que houve entre nós.

— Não tem havido nada entre nós. Acho que esse é o ponto crucial.

— E espera que eu concorde com isso?

— Não espero, Victoria. Eu exijo. Amanhã é domingo, portanto, arrume suas coisas.

Virei buscá-la às duas horas. — E caminhou em direção à porta.

Quando estava no meio da sala, ouviu-a falar:

— Não vê que isso não irá funcionar? Já esqueceu como era? Nosso lar era um inferno.

— Era? — John olhou para ela, tentando lembrar o tempo em que viveram juntos.

Não os últimos anos, quando passavam poucos meses na capital para manter as aparências. O que gostava de recordar eram os primeiros dias.

Furiosa, Victoria ficou olhando para a porta que ele acabara de fechar, mas, na verdade, o que via era o rosto da amante que John tinha, mesmo quando ainda lhe fazia a corte.

Contavam pouco mais de seis meses de casados quando Victoria descobriu sobre Elsie.

O marido tentou explicar que rompera com a jovem antes do matrimônio, jurou que nunca mais estivera com ela depois de casado, mas, mesmo que fosse verdade, não negara ter estado com Elsie até o dia das bodas.

Mesmo admitindo que tinha outra mulher enquanto lhe fazia a corte, John jurara amá-la, e não via razão para que Victoria o expulsasse do leito conjugal. Jamais tentara compreender o quanto sua mulher estava magoada, nunca pedira perdão, nem dissera mais palavras de amor. Simplesmente esperou cerca de um mês para que Victoria voltasse a recebê-lo no quarto do casal. Ela não o fez, e John começou a substituir uma amante por outra, até o ponto em que Victoria deixou de se importar com o que ele fazia ou com quem.

E agora, John queria retomar o relacionamento. Mas não por ela, não porque a amasse, mas porque precisava de algo que só ela poderia lhe dar: um filho legítimo, um herdeiro.

Lutando para não perder o equilíbrio que a muito custo conquistara, Victoria tentou substituir a raiva que sentia pelo antigo orgulho, que tantas vezes colocara entre eles. John poderia ter a mulher que quisesse, na cama que quisesse, mas não ela. Nunca mais.

Capítulo III

Na segunda-feira, John chegou a Grosvenor Square às duas horas em ponto. Victoria voltara a se esconder atrás do escudo de gelo que criara para se defender, e conversava, muito calma, com sua secretária, a Srta. Tate. Discutia com ela alguns detalhes do cardápio para o baile à fantasia que organizava todos os anos em prol dos hospitais londrinos, quando o mordomo veio avisá-la da chegada de John.

— Lorde Hammond, milady.

Victoria levantou o olhar quando o marido entrou, e se lembrou de como outrora se sentira feliz quando ele chegava à casa de seu irmão para visitá-la. Mas agora não sentia nada.

Retribuiu com displicência o cumprimento e voltou a atenção para sua secretária.

— Estes são os pratos que o chefe de Sua Alteza sugeriu?

— Sim, senhora.

Victoria bateu com a pena na escrivaninha com expressão deliberada de dúvida, levando muito tempo para estudar a lista de pratos, antes de falar:

— Confesso que não estou certa de que devemos servir enguias, Tate. Lady Snowden é uma de nossas contribuintes mais generosas, e ela não suporta enguias.

— Isso não me surpreende. — John se acomodou numa cadeira próxima. — Lesmas combinam bem melhor com ela.

Tate deu um princípio de gargalhada, logo interrompido pelo olhar severo de Victoria. Tudo bem que lady Snowden se movia, falava e andava tão devagar que seria capaz de irritar um santo, mas isso não dava a Tate o direito de recompensar John com uma risada franca. Victoria não achava mais graça na jovialidade do marido, e não ia permitir que os empregados o fizessem. Desse modo, decidiu que era melhor fingir que ele não estava na sala. — Bem, será melhor substituímos as enguias por...

— ...escargot! — John sugeriu. Ela olhou para Tate.

— Lagostas — disse, descartando o menu e passando para outro item. — Agora, quanto à lista de convidados, Tate, gostaria que você apresentasse a que fiz para lady Deane.

— Claro, milady. — Tate suspirou, resignada, detestando a idéia de apresentar a lista de Victoria à arrogante lady Deane.

— Deixe-me ver quem mais... Sir George Plowright, sir... — Victoria se espantou ao ver John quase pular da cadeira.

— Não acredito que vai convidar aquele pretensioso!

— E por que não, milorde? Sir Plowright é um homem rico e sempre faz contribuições generosas — respondeu, mesmo com a convicção de que não lhe devia explicações. — Não consigo entender por que tanto interesse pela lista de convidados de meu baile de caridade.

— Você é minha mulher e, como estamos nos reconciliando, tudo o que lhe diz respeito me interessa.

— Nós não estamos nos reconciliando!

— Convidar sir George é implorar por confusão. — John a ignorou. — Da última vez, ele se envolveu em luta corporal com Dylan, e desta vez posso eu mesmo perder a paciência e lhe dar uns sopapos.

— Então, não há com o que se preocupar. Você não consta da lista.

— Não diga! Tate, acrescente meu nome e tire o de sir Plowright.

— Se pretende se reconciliar comigo, dar-me ordens e interferir em meu trabalho tornará isso muito mais complicado. Mas concordo. Tate, risque o nome de sir George. Não quero nenhuma luta corporal em meu baile. Agora, pode se retirar.

— Sim, milady. — Tate pegou as folhas de papel, despediu-se de ambos e fechou a porta atrás de si.

John falou antes de Victoria:

— Seus baús estão prontos? Qual residência escolheu?

— Hammond, não preparei minhas coisas. Deixe-me dizer algumas palavras antes que você se exalte. — Ela ficou de pé, olhando-o por cima da escrivaninha. — Nós dois sabemos que, se quisesse, você poderia me arrastar daqui contra minha vontade, mas também sabemos que eu poderia fugir para o continente ou para a América, e assim nunca mais me encontraria. O divórcio não é possível, por isso, gostaria de propor um acordo.

— Ora! As coisas estão começando a melhorar. Diga o que tem em mente.

— Antes que eu concorde em voltar para sua casa, gostaria de ter um tempo, para me acostumar com a idéia — disse ela, com dignidade.

— A que idéia se refere? A de fazer amor comigo de novo? Não havia suavidade na entonação de voz de John, apenas determinação. Ele parecia muito zangado. Mas como, se ele era o errado?!

— A de voltarmos a viver juntos.

— Tolice, Victoria. O que pretende é ganhar tempo para ver se eu desisto e vou embora. *Exatamente*. Olhou para ele com frieza, tentando não sentir nada.

— Foi isso o que você fez, John.

— Aí vem você, outra vez. Parece até que a culpa pelo estado lastimável de nosso casamento é só minha. Gostaria que tentasse enxergar por meu ponto de vista.

Victoria o observou chegar perto e se inclinar bem próximo a ela, colocando as mãos na escrivaninha. Aquelas mesmas mãos que a acariciaram um dia com volúpia.

Como sofrerá ao imaginá-lo afagando outras mulheres. Mesmo naquele instante, depois de tudo o que John tinha feito, ainda doía. Mas, não deveria doer mais. Não, não podia permitir que seu escudo de gelo começasse a derreter.

— Não fui eu a infiel, não fui eu quem mentiu, John. Mas fui eu quem passou nove anos sozinha.

— O fato de um homem ter uma amante não significa que não esteja sozinho, Victoria. Será que ele estava tentando fazê-la se apiedar? Victoria olhou mais uma vez para aquelas mãos, e, como em tantas outras ocasiões, colocou seu orgulho entre os dois, voltando a atenção para os papéis espalhados na mesa.

— Então, vá procurar uma outra amante e eu esperarei para ler nas colunas sociais o quanto você está solitário.

— De novo, não — John murmurou, com um suspiro. Deu a volta para ficar atrás do espaldar da cadeira em que Victoria estava. — Isso é o que sempre acontece quando ficamos mais de dez minutos no mesmo recinto. Começamos a culpar um ao outro, sempre procurando ver o pior. Há poucos minutos, quase a fiz rir, e de uma hora para outra, isso. Como é possível?

Victoria mordeu o lábio.

John se aproximou mais. Seus lábios tocaram o ombro dela.

— Não quero que passemos a vida procurando novas maneiras de nos magoar, Victoria. Isso acaba comigo.

— Eu também não, mas também não pretendo voltar a viver com você.

— Deixou isso bem claro por todos esses anos. Não era necessário repetir.

Tudo o que ela dizia parecia ser a coisa errada.

— Enfim, pretende honrar meu pedido ou não? — Victoria quis saber como se a resposta fosse indiferente.

— Isso é adiar o inevitável.

— Talvez sim, talvez não.

— Não irei embora, Victoria. Não desta vez.

Claro que iria. John sempre ia. Era só uma questão de tempo até que tornasse a abandoná-la. Um rosto bonito ou um corpo esbelto o atrairia, e ela teria de se sentar com aquela mulher em algum evento social. Era sempre assim!

John, como que lendo seus pensamentos, passou as mãos pelos cabelos, impaciente.

— De quanto tempo você precisa? *O resto de nossas vidas.*

— Três meses.

— Nem pensar! Terá três semanas.

— Você não fala sério, John!

— Três semanas, Victoria. E, durante esse período, vamos passar a maior parte do tempo juntos.

— Isso não será possível. Temos nossos compromissos e...

— Eles terão de ser reorganizados. Será como determinei. O pânico tomava conta de Victoria.

— O que tem em mente? Não temos amigos em comum, exceto Dylan e Grace, e mesmo assim porque eles se recusaram a tomar partido. Não possuímos os mesmos interesses, nada sobre o que falar... enfim, nada em comum.

— Tínhamos muito sobre o que conversar e muito o que fazer, lembra?

Havia um pouco de ternura nessa última frase, mas ela o ignorou.

— Nós nem sequer comparecemos às mesmas festas, John, pois nos movemos em círculos diferentes.

— Mas isso vai mudar. Não demorará muito e lorde e lady Hammond começarão a receber os mesmos convites. Cuidarei disso pessoalmente.

— Meu Deus! — disse, assustada. — Eu estava certa. Você vive para me torturar!

— Você me pediu tempo, e eu o estou concedendo. Temos um acordo e, se, se recusar a cumpri-lo, farei uma petição ao Parlamento e estaremos vivendo sob o mesmo teto dentro de dois dias.

John falava sério. Quando Victoria via aquele olhar duro, sabia que não poderia demovê-lo.

— Muito bem, então — capitulou. — Três semanas. Mas eu o aviso, John Hammond, que farei todo o possível para que compreenda que essa tentativa de reconciliação é inútil.

— Estou avisado. Esteja pronta na quarta-feira, às duas horas.

— Aonde vamos?

— Vou levá-la a minha casa em Bloomsbury Square. Ela o encarou com desconfiança.

— Para quê?

— Sossegue, Victoria, não vou seqüestrá-la. Só quero que conheça o lugar. Se a escolher como nossa casa em Londres, poderá desejar fazer algumas reformas, antes.

— Duvido.

— Terá direito a gastar quanto quiser.

— Obrigada pela generosidade de colocar o dinheiro que recebe de Anthony a minha disposição, mas...

— É meu dinheiro também. Os investimentos e as propriedades do visconde são bem lucrativas agora, e isso graças a nós dois.

Victoria detestava quando ele se mostrava razoável. Isso a fazia sentir-se na obrigação de ser razoável também, e ela não queria ser racional quando se tratava de John Hammond.

— Agradeço a oferta para redecorar sua mansão, mas para mim isso é um exercício de futilidade.

— Sua má vontade com minha proposta me ofende. Não consigo entender por que não está feliz.

— Feliz?! — Encarou-o, indignada.

— Sei que adora decoração, Victoria. E isso lhe dará uma excelente desculpa para fazer compras a minha custa. Diante de tal oportunidade, a esposa de qualquer outro homem se atiraria em seus braços para cobri-lo de beijos.

— Fique esperando por isso sentado!

— De fato, mal posso esperar. Quando esse dia chegar, temo que morrerei de alegria, e então você lamentará não ter me coberto de beijos antes.

Não faça isso comigo. Não, por favor. Deixe-me em paz, vá embora! Victoria respirou fundo e soltou o ar bem devagar.

— Não sei que parte de você odeio mais, John. Se a sarcástica, que pode ferir como uma faca, ou a amistosa, que todos adoram.

— Houve uma época em que você gostava de ambas. Porém, a ironia é que nenhuma das duas expressa minha real natureza. — Com esse comentário enigmático, ele se inclinou e se afastou.

— Estou falando sério, Hammond! Não estamos nos reconciliando!

— Essa é uma possibilidade a considerar, Victoria. Vou aumentar minha aposta no Brook's. Assim, o prêmio será muito maior quando eu ganhar.

Ela achou que fosse desmaiar.

— Nossa reconciliação está nas casas de apostas?!

John se voltou e a olhou, surpreso diante de tal indagação.

— Claro que sim. Além do Brook's, no White's e no Boodles também. Lady Hammond estará de novo no leito matrimonial antes do fim da estação? O que lord Hammond fará se ela não vier?

Victoria soltou um gemido de mortificação.

— Deus tenha piedade de nós, pobres mulheres, e nos proteja dos homens e de seus clubes!

— Anime-se, Victoria! — John sorriu. — Entenda como um cumprimento à sua teimosia e vontade férrea. Hoje, as apostas estão, de longe, a seu favor.

Encostando-se no batente, John cruzou os braços.

— Mas não lhe contarei mais nada do que é conversado nos clubes masculinos sob pena de sermos privados das delícias da companhia feminina para sempre. — Ele tornou a se virar e desapareceu, mas sua voz ainda ecoou pelo corredor: — Quarta feira, Victoria. Duas horas.

Como era irritante aquele homem! Sempre dava um jeito de ter a última palavra.

Passar algum tempo com ele era a última coisa que Victoria desejava. Contudo, ainda assim era melhor do que viver com John, e ela conseguira três semanas. Só podia esperar que seu plano funcionasse. Até porque não tinha outra opção.

Dois dias depois, John se perguntava se teria sido uma boa idéia convidar Victoria para conhecer sua casa, na cidade.

Ele alugara aquela residência em Londres dois anos atrás, quando o casal decidira parar de fingir que tinha uma vida em comum. Naquele momento, enquanto dirigiam-se de carruagem para lá, o único som que se ouvia era o da chuva leve no teto de couro.

Victoria mantinha a distância costumeira, e, voltada para a janela, se recusava a olhar para o marido.

Quando o veículo parou na frente da mansão, um criado veio recebê-los, desdobrando os degraus da carruagem. John saiu primeiro e ofereceu a mão a Victoria, que hesitou, mas acabou aceitando o auxílio. Em seguida, ambos adentraram a residência.

Comparada com Enderby, a casa de campo em Chiswick, aquele lugar era bastante simples. Havia poucos criados, alguns tapetes e quadros, muitos livros e pouco mais que isso.

— Veja, é por isso que pensei que você poderia querer comprar algumas coisas.

Victoria não respondeu. Tirou o chapéu e balançou-o para despejar as gotinhas de chuva que grudaram na palha. John recordou que a esposa sempre odiara chapéus. Mulheres como ela, que tinham o brilho do sol nos cabelos, costumavam detestá-los.

Victoria observava as pedras do vestíbulo e a escada de madeira polida, as paredes cor de manteiga. De repente, sem nenhuma palavra, foi para os fundos, carregando o chapeuzinho. John a conduziu pelos cômodos do andar de baixo, depois à cozinha e aos aposentos dos empregados, mas ela permanecia calada.

— Poderíamos achar uma casa maior para a próxima temporada — John afirmou, ao levá-la a uma das salas. — Esta é muito pequena para receber.

Nem assim Victoria se manifestou, e os piores temores de John começaram a tomar forma. Quando ela brigava e discutia pelo menos ele sabia com o que estava lidando. Mas aquele silêncio era enlouquecedor.

Porém, quando entraram no salão principal, Victoria estacou de um modo que ele quase se chocou contra ela.

— Meu Deus! Não posso acreditar! — Victoria tentava segurar o riso. Deu alguns passos adiante e ficou olhando para ele, surpresa. — Papel de parede cor-de-rosa! Você alugou uma casa com papel de parede cor-de-rosa! Quem diria?!

— Eu diria que é quase vermelho.

— Vermelho, Hammond?! — Ela meneou a cabeça. — Não me venha com desculpas, é cor-de-rosa, sim. Quem poderia supor que John Hammond teria um salão dessa cor?! Ele a fitava, sentindo-se como que preso ao chão, ouvindo aquela risada. Era algo de que se via privado fazia anos, mas ainda era tão familiar! Nenhuma mulher ria como Victoria. Tão inocente e tão sensual, aquele riso sempre fora capaz de fazê-lo sonhar. E o desejo aflorou com toda a força.

— Hammond, qual o problema?

— Eu me recordo desse som, Victoria. Sempre adorei sua risada. Ela, então, ficou séria. O relógio da sala tocou, e Victoria desviou o olhar. — Já são quatro horas! —

Caminhou para a porta. — É melhor me mostrar o resto logo, John. O jantar da sra. Fitzhugh começa às oito, e precisarei de tempo para me arrumar. No segundo andar, John virou à esquerda e levou-a por um pequeno corredor. — Os quartos ficam aqui. Este será o seu; o meu é anexo, e Victoria entrou, observou as paredes cinzentas, as cortinas azuis e a mobília de madeira polida, mas não emitiu opinião. — Você pode pintar da cor que quiser e redecorar à vontade. John se deu conta de que ela estava rígida e apertava as abas do chapéu. Seguindo seu olhar, viu-a fitar fixamente sua cama. — Eu lhe asseguro que nenhuma mulher jamais dormiu ali. Victoria abriu um armário vazio e ficou olhando para dentro do móvel, como se aquilo fosse coisa de suma importância.

Ele desejou lembrar-se de algo que a fizesse rir de novo, ou então que ela dissesse que sim, que gostaria de pintar as paredes, ou de trocar alguma mobília. No entanto, o que Victoria disse o pegou desprevenido:

— Quais são suas intenções, Hammond? Quando as três semanas acabarem, se eu não pedir o divórcio... enfim, se voltarmos a viver juntos, pretende impor seus direitos de marido de imediato?

Surpreso, não conseguiu responder, por isso tentou ganhar tempo:

— O quê?

— Ouviu-me muito bem, e é uma pergunta bem direta. Pretende me forçar?

— Por Deus, Victoria! Será que não sobrou nada? Costumava haver paixão entre nós. Recordo-me de como você gostava quando eu a tocava. E Deus sabe como eu adorava quando você me tocava. Era muito bom, lembra?

Ela enrubescceu, seu queixo tremeu, mas não disse nada. John seguiu avante. Tinha de fazê-la lembrar-se de como era no começo de sua união:

— Não acredito que tenha se esquecido de como fazíamos amor, como era quente, quase selvagem, como você...

— Pare com isso!

— Será que agora estamos condenados a falar de amor como se fosse algo que irei lhe impor? Não sobrou nada da magia que havia entre nós? Será que conseguimos destruir tudo?

— Eu não destruí nada! Foi você!

John não se importava em saber de quem era a responsabilidade. A verdade era que Victoria ainda o excitava, e ele precisava descobrir se poderia fazer o mesmo com ela. Se não conseguisse, tudo estaria perdido.

Quando John deu um passo para se aproximar, Victoria deu outro para trás, e bateu no armário às suas costas.

— Outro dia falou que nossa vida em comum foi um inferno, Victoria, mas, quando olho para trás, vejo que costumava ser bem divertida. Você preferia fazer amor de manhã, e depois tomávamos o desjejum na cama. Geléia de amora sempre foi sua favorita.

Ela se virou para fugir, mas John foi mais rápido e a impediu, colocando os braços nas prateleiras do armário ao fundo, prendendo-a. Ficou bem próximo, sentindo a delicada fragrância que não demorou a reconhecer: violetas. Victoria sempre cheirava a violetas. John recordou as manhãs, tanto tempo atrás, quando acordava envolvido por aquele aroma, sentindo o calor do corpo macio. Cerrou as pálpebras, respirando fundo, lembrando-se da viagem de núpcias pela Escócia e, depois, três meses num sítio deserto, só fazendo amor. O outono em Northumberland e o leito de madeira maciça em Hammond Park.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha ao pensar em todas aquelas manhãs, quando lambia geléia de amora dos lábios de Victoria. Talvez ela estivesse certa ao dizer que a vida deles juntos fora um inferno, porque seu corpo estava ficando em brasas.

— Você era muito ruim em xadrez e por isso sempre perdia. — John continuava de olhos fechados. — Jamais esquecerei os passeios a cavalo e como você atirava longe seu chapéu, e ria... e como eu adorava seu riso! Lembro-me de nossas brigas, mas também de como eram deliciosas as reconciliações! Essa era a melhor parte.

Quanto a ela, as memórias não pareciam tão boas, pois cruzou os braços e seus olhos se estreitaram. Victoria tinha aquele olhar gelado que John tanto odiava.

— Impressionante, Hammond.

Ele se inclinou mais e beijou-lhe o pescoço.

— Querida, vamos fazer as pazes. — John a sentiu tremer e sorriu, satisfeito e aliviado.

— Você ainda gosta quando faço isso.

— Não, não gosto. Não gosto de nada em você. Não mais.

— Descruzou os braços e o empurrou.

John a encarou, e dessa vez viu uma mulher. Claro que magoada, confusa, desesperada, mas pôde ver também que Victoria era sua esposa e que o desejava.

— Já estamos em guerra há anos. O que acha de uma trégua?

— John murmurou, aproximando-se ainda mais.

— Quero sua palavra, Hammond. Prometa que, se eu voltar a viver com você, nunca irá me impor seus direitos de marido.

Nada neste mundo poderia fazê-lo esfriar mais depressa do que aquelas palavras. Assim, John arqueou a cabeça para trás e expeliu o ar dos pulmões. Como a vida poderia ser bem mais simples se ele tivesse um outro tipo de esposa, uma que cumprisse seus deveres e que gostasse disso. Mas não. Casara-se com Victoria; linda, doce, mas mimada e voluntariosa. Tornou a fitar seus olhos.

— Você um dia me chamou de canalha e de mentiroso. Portanto, de que lhe serviria minha palavra?

— É minha única garantia. Espero que pelo menos sua palavra de honra como um cavalheiro signifique algo para você.

—E assim você poderá atirar minha promessa e minha honra em meu rosto, em momentos como este.

Ela não negou, nem confirmou a afirmação, pois sabia que não importava. John nunca a forçaria, e sabia disso. Victoria não estava com medo dele. Temia a si mesma.

Agora John compreendia a timidez da esposa. Ambos sabiam que o ponto em que um homem e uma mulher podem parar ou completar o ato de amor é muito difuso. Victoria receava não resistir e ultrapassar aquele ponto. Procurava uma saída, um jeito de acreditar que John era mesmo o vilão de sempre.

Ele sorriu.

— Por que ri?

— Nunca a forçarei, Victoria, sabe bem disso. Se é minha palavra que quer, você a tem. Um sorriso de satisfação iluminou o semblante dela.

— Acha que isso é uma vitória? Que minha promessa a coloca no controle da situação?

— Sim — afirmou, triunfante.

— Tem razão, mas não me importo. Sempre gostei de deixá-la no controle. — John beijou-a no pescoço. — É melhor levá-la de volta a Grosvenor Square, pois sei que você demora horas para se arrumar, e nenhum de nós quer se atrasar para os compromissos.

O caminho de volta foi feito em silêncio, mas John não se importava. Ele mesmo não tinha vontade de falar. Estava muito feliz, pois sabia que algo mudara naquela tarde. A frieza que Victoria demonstrava era uma defesa. Bem no fundo, embaixo de toda aquela mágoa, de seu coração partido e do orgulho ferido, ela ainda sentia desejo por ele.

Poderia ainda odiá-lo, podia querer bater nele, mandá-lo para o inferno, mas ela amolecera. Um pouquinho, só por um instante, mas Victoria tinha amolecido.

Porém, John sabia que não ia ser nada fácil. Ela era tão apaixonada no amor quanto no ódio, e ele teria de seduzi-la.

Quando chegaram à mansão de Tremore, uma empregada veio recebê-los e apanhar a capa e o chapéu de Victoria.

— Até logo, Hammond. — E ela começou a se afastar.

— Victoria, nós nos veremos na sexta. Esteja pronta às duas horas.

— Aonde iremos? Ele sorriu.

— Você verá. Só posso lhe dizer que será um passeio ao ar livre.

— E eu não tenho direito de opinar? Por que é você quem escolhe os lugares a que devo ir?

— Porque sou seu marido e você jurou me obedecer.

Ela não pareceu nem um pouco impressionada, por isso ele completou:

— Tenho um plano em mente.

— Era o que eu temia.

— Nós iremos fazer um piquenique.

— O quê?! — Victoria o fitava como se John tivesse enlouquecido.

— Sempre, adorou piqueniques, minha querida. Duas horas é o horário ideal, pois sei que sente fome lá pelas três.

Está tudo decidido então, e eu não posso opinar? Não contudo poderá escolher nosso destino da próxima vez. Sim, porque haverá a próxima vez, e a próxima, e a próxima. Muito bem, não adianta mesmo teimar com você. E lhe deu as costas, agastada e resignada, e John ficou a observar ela subir as escadas. E exultou de alegria quando a viu tocar o lado do pescoço que ele beijara.

Na sexta-feira, Victoria acordou rezando para que chovesse. Porém, parecia que até Deus estava contra ela. O dia amanheceu lindo, e a tarde de abril era quente e agradável, perfeita para um piquenique.

Voltar a fazer um piquenique com John a assustava. Ela sempre adorara piqueniques, e, desde a separação, nunca mais participara de nenhum.

Agora, parada ali no saguão, de frente para seu marido, o temor se multiplicara.

— Onde? John respondeu com uma gargalhada, totalmente inexplicável para Victoria.

— Não precisa me olhar como se a tivesse convidado para correr nua comigo pelo mercado.

— Hammond, por favor! Não seja grosseiro!

— Iremos ao Hyde Park — disse, ainda rindo.

— O que significa um passeio numa carruagem aberta. Nós dois juntos!

— Não vejo o que isso tem de tão assustador.

— Você e eu passeando em carruagem aberta até o Hyde Park! Com um clima destes, metade da população estará lá. Todos nos verão juntos!

— Somos casados, Victoria.

— Eu não vou! — afirmou, apavorada.

— Por quê? Não quer que ninguém me veja beijar seu pescoço?

Era aquilo mesmo o que ela temia.

— Pare de dizer essas coisas! — Victoria lançou um olhar significativo na direção dos empregados.

— Qual é o problema, afinal? Não quer que nossos conhecidos saibam que nos reconciliamos?

— Nós não nos reconciliamos! E eu não vou ficar passeando com você pelo Hyde Park, dando a impressão de que reatamos.

— Se não vier comigo... — John parou, fitou os empregados, depois falou bem perto do ouvido de Victoria: — ...eu mesmo arrastarei você daqui e a colocarei dentro do veículo. Os vizinhos do duque com certeza nos verão, e, como sei que você lutará para dar cada passo, eles saberão que nossa reconciliação não vai muito bem. Acha melhor assim?

— Deu sua palavra de que não usaria a força — lembrou-o, num sussurro.

— Não. Eu jurei que não usaria a força para levá-la para a cama — murmurou de volta.

— O resto, para mim, é válido.

— Então falta eu acrescentar "bruto" em minha lista de qualificações a seu respeito.

— Como já lhe disse, a força bruta é bem útil, em certas ocasiões.

Victoria não duvidou nem por um momento de que John cumpriria a ameaça. Além do mais, um lugar público seria melhor do que ficar a sós com ele, de novo.

— Vamos, então. Quanto mais cedo formos, mais cedo acabará.

— Essa é a Victoria que conheço. Espirituosa, aventureira, pronta para experimentar de tudo.

Dirigiram-se para a carruagem, estacionada na frente da mansão. Quando Victoria entrou, ajudada pelo marido, encontrou uma cesta e uma sacola de couro no chão.

Quando namoravam, costumavam fazer piqueniques e John sempre dava um jeito de ficar a sós com ela e roubar alguns beijos. Funcionara antes, e ele achava que iria funcionar de novo.

Como Victoria previra, havia muita gente no Hyde Park. O excesso de veículos e de gente cavalcando fez a viagem parecer ainda mais longa.

Ela podia ver os cidadãos olhando e comentando uns com os outros, sem dúvida especulando sobre a reconciliação de lorde e lady Hammond.

Detestava ser assunto de falatórios, e já suportara o suficiente os rumores e mexericos durante todos esses anos. Havia uma certa discricção, porque Victoria era irmã de um duque, mas as amantes de Hammond a tornaram o alvo favorito da sociedade. Porém, a vida impecável e regrada que levava transformou-a num tema monótono. Naquele momento, contudo, graças ao desejo absurdo de John de reatar, seu nome estava, de novo, envolvido em falatórios.

Ambos acenavam a seus conhecidos, cumprimentando-os ao passar por eles, pois a etiqueta mandava que assim fosse. Ainda bem que John só parou quando chegaram a um lugar mais deserto.

Os dois empregados que os acompanhavam carregaram os utensílios para o piquenique e estenderam a toalha no local indicado por John. Victoria se sentou, e a saia de seda branca espalhou-se a seu redor. Puxou-a um pouco para dar espaço, e o marido se acomodou do lado oposto. Os criados, então, distribuíram os pratos, a prataria, a sacola de couro e a cesta com a refeição. John fez um sinal para que se afastassem. Eles ficariam a uma distância conveniente para não ouvirem a conversa, mas prontos para servir quando eles quisessem.

— Victoria? — chamou, forçando-a a olhá-lo. — Não importa o que as pessoas pensam.

— Claro que importa! Amanhã as apostas no clube estarão sem dúvida a seu favor.

Você será aplaudido por, enfim, fazer sua esposa cumprir seus deveres.

— Se disserem isso é porque não a conhecem. — John tirou uma garrafa de Champanhe gelado da sacola de couro.

— Champanhe, Hammond? Está mesmo disposto a me impressionar. O que mais trouxe? Ostras, talvez... Ou quem sabe morangos cobertos de chocolate.

— Não. Algo muito melhor. — E John colocou uma porção de quitutes bem tostados diante dela. — Aqueles bolinhos de aveia de que tanto gosta. — Em seguida, tirou um pote de geléia.

Victoria adorava bolinhos com geléia. John parecia saber muito a seu respeito, e ela se deu conta de que aquele era seu grande trunfo. Ele sabia a que horas sentia fome, quais seus pratos favoritos, que gostava de ser beijada no pescoço...

— Tenho certeza de que a geléia é de amora.

Ele abriu o pote, consultou seu interior, depois olhou para Victoria, com um sorriso nos lábios.

— Veja só, que coincidência! Acho que é mesmo de amora; sua favorita.

— Isso tudo é um tipo de teatro para me fazer gostar de você outra vez!

— Evidente. — Muito alegre, ele serviu o champanhe. — Já está funcionando?

— Acredita que sua vitória é só uma questão de tempo, não é? — Victoria tomou um gole da bebida. — Muita pretensão sua achar que me conquistará com essas táticas simplórias.

John parou de passar geléia num bolinho e fingiu consternação.

— Isso quer dizer que não vai querer nenhum destes?

Ela estreitou os lábios e inclinou a cabeça, engolindo o orgulho.

— Trouxe creme?

— Claro! Victoria não resistiu.

— Certo, passe me um dos bolinhos.

John partiu ao meio e o entregou a ela com uma colher.

— Sabia que ia funcionai'

— Pelo contrário. — Victoria usava a colher para espalhar o creme no doce. — Não sou tola. Bolinhos, geléia, champanhe... nada disso vai me comover.

— Tenha piedade de mim. Olhe só a que papel ridículo estou me prestando para reconquistá-la.

Ela não conseguiu evitar. Teve de rir quando John engoliu metade do bolo recheado de creme e de geléia.

— Pobrezinho, veja como está sofrendo!

John assentiu com um movimento de cabeça, pois a boca estava cheia demais para falar.

— Estou mesmo sofrendo. Sabe que eu prefiro damasco... — John tirou um pouco de geléia do canto da boca com o polegar — ...mas amora tem lá suas vantagens.

Victoria entendeu ao que o marido se referia. Seu corpo e seu coração também.

Estremeceu quando John pôs o pedaço de bolinho no chão, mas não conseguiu se mover quando ele começou a se aproximar.

— Sua boca está toda suja de geléia.

— Não é verdade. — Ela franziu o cenho.

John se esticou todo e pegou um pouco de geléia com o dedo. Virou-se para Victoria e tocou-lhe o canto da boca.

— Agora está.

Era o jogo que costumavam jogar anos atrás. Naqueles piqueniques, quando ninguém estava olhando, John passava geléia nos lábios dela para depois tirá-la com beijos. Após se casarem, isso se tornou um ritual: café na cama, geléia de amora, fazer amor.

Ele chegou mais perto com aquele olhar e, de repente, todos os esforços de Victoria para se manter gélida se mostraram vãos. Havia algo naqueles olhos cor de conhaque que a fazia sentir-se lânguida e quente.

— Não quero que passe a tarde toda com geléia no rosto, minha querida. O que as pessoas iriam dizer? Eu poderia tirar para você.

Ela lutou para controlar-se.

— E muita gentileza sua, mas estamos em público.

— Não importa, somos casados.

Victoria tentou afastá-lo com as mãos, antes que ele a beijasse.

— Não estou a salvo de suas investidas nem em um lugar como este!

— Não estará a salvo disso em nenhum lugar.

— Isso não é adequado!

— Ora querida, não me venha falar do que é adequado ou não, quando está com o rosto todo sujo de geléia.

Ela tentou limpar-se antes que ele prosseguisse com o jogo.

— Agora piorou. — John sorriu largo. — Espalhou ainda mais. Há uma grande mancha vermelha em sua face. — Ergueu a mão, e os dedos a acariciaram. — Bem aqui.

Victoria respirou fundo. Fazia tanto tempo que o marido não a tocava daquele jeito, com carinho, com desejo... Depois de oito anos ela ainda sentia arrepios quando ele a tocava, como se o tempo não tivesse passado.

— Todos estão olhando — disse, desesperada.

— Nesse caso, vamos dar a eles algo interessante para comentar. — John a beijou e, por um instante, Victoria sentiu que ia desfalecer.

Já tinha se esquecido do gosto daqueles beijos, do prazer de suas carícias.

Mas será que não aprendera nada? Será que não sabia que nada daquilo era real... Estava sendo manipulada, como antes.

John lhe ministrara a uma lição que nenhum homem pode dar a uma mulher: que amor e paixão são coisas bem diferentes. E Victoria não seria enganada de novo.

Isso a fez recobrar-se. Afastou-se para poder respirar e olhou em torno. Seus temores se confirmaram.

— Todos estão falando de nós.

— Dizendo coisas horríveis, imagino. Beijar sua própria esposa em público é de péssimo gosto. Mas está bem, da próxima vez deixarei que você fique com o rosto sujo de geléia.

— Creio que você poderia, ao menos, não colocá-la em meu rosto.

— Mas aí não seria divertido.

— A vida para você é sempre divertida, não é?

— E não deveria ser?

Fora para ela também, mas não era mais. Victoria mergulhou a ponta do guardanapo no champanhe e esfregou a face, com vigor.

— Saiu? Não minta para mim, John.

— Saiu, sim, mas esfregou com tanta força que agora seu rosto está todo vermelho.

Victoria enrolou o guardanapo e o atirou nele. Estava tentada a olhar de novo para ver quem continuava por perto, mas desistiu. No dia seguinte, decerto, ouviria os comentários. Pela manhã, todos os seus conhecidos estariam sabendo que Hammond andou beijando a esposa no parque, e que ela não se mostrava muito contrariada. Diriam também que já passara da hora de ela voltar para a casa do marido e aprender a ser uma esposa de verdade.

Porém, não tinha a menor intenção de fazer nem uma coisa, nem outra.

Capítulo IV

O Covent Garden Opera House voltava a ficar em alta após anos de esquecimento, e os membros importantes da sociedade renovaram o aluguel de seus camarotes.

Dylan Moore, o mais famoso compositor da Inglaterra, acabara de publicar uma nova sinfonia, e para ouvi-lo — como ele mesmo iria reger — o teatro ficou repleto para o concerto da noite de terça-feira.

Hammond tinha um camarote, mas era Victoria quem costumava usá-lo. Naquela noite, estavam com ela as duas filhas de sir Edward Fitzhugh e três das irmãs Lawrence.

Victoria as convidara de propósito, pois John lhe enviara um bilhete no sábado, dizendo de sua intenção de assistir ao concerto de Dylan. Sem hesitar, ela mandou uma resposta dizendo que todos os lugares estavam ocupados. Em seguida, iniciou uma busca desesperada por pessoas que pudessem ocupar os assentos vazios.

— Isto é tão excitante — disse Amanda Lawrence, cunhada de Dylan, ao ouvir os primeiros sons da orquestra afinando os instrumentos.

— Confesso que também estou ansiosa. — Victoria sorriu-lhe. — Só o vi uma vez há muitos anos.

A campainha tocou chamando todos a seus lugares, e a primeira parte da sinfonia teve início.

Victoria não conseguiu prestar muita atenção, pois incomodavam-na os olhares que lhe eram dirigidos, por trás dos binóculos. Apenas quatro dias haviam se passado desde o piquenique com John, e todos em Londres discutiam a surpreendente reconciliação de lorde e lady Hammond.

No intervalo, as jovens Fitzhugh e Lawrence foram buscar refrescos, mas Victoria não saiu de seu lugar. Quando suas acompanhantes retornaram, Amanda não estava com elas. Jane, a irmã mais jovem, explicou que Amanda fora convidada a sentar-se no camarote da duquesa de Tremore.

A campainha tocou mais uma vez, anunciando a segunda parte do espetáculo, e Victoria se inclinou para a frente, na esperança de avistar Amanda no camarote do duque.

— Procurando por mim?

O som inconfundível da voz de seu marido fez com que se virasse na cadeira para ver, com espanto, John se acomodar no assento deixado por Amanda.

— O que está fazendo?!

— Juntando-me a você, é óbvio. — John sorriu.

A expressão de seu marido era tão confiante que Victoria teve vontade de bater nele com o leque. John estava elegante, como sempre, num traje de noite azul-marinho, sobretudo de seda prata e camisa de linho branca, impecável.

— Não pode se sentar aqui, Hammond.

— Claro que posso. Afinal, este camarote é meu. Ela ignorou o comentário.

— Eu lhe disse que preenchi todos os lugares. Terá de sair. — Impossível, querida.

Dylan é meu amigo, e eu não perderia a oportunidade de vê-lo regendo por nada deste mundo. Ele está muito nervoso e me pediu para enviar-lhe recomendações.

— O que aconteceu com Amanda?

— Quem?

— A irmã de Grace Moore. A senhorita que estava sentada aqui antes de você usurpar-lhe o lugar.

— Ah! Sim, a Srta. Lawrence. — John apontou para cima, à esquerda. — Mudou-se para o camarote dos Hewit.

— O quê!? — Victoria quase gritou, apertando a testa com os dedos, sentindo uma dor de cabeça vinda com certeza da presença daquele homem, que parecia mesmo disposto a enlouquecê-la.

— A duquesa de Tremore foi muito gentil em me apresentar a ela, durante o intervalo, e eu a apresentei a lorde Damon. Ele a conduziu ao camarote de sua família, onde, por coincidência, havia um lugar vago.

Victoria ergueu a cabeça, mas não olhou para ele. — Uma surpreendente coincidência, arranjada por você, sem dúvida.

Ele ia argumentar, mas as luzes se apagaram de novo. Dylan subiu ao palco, cumprimentou a audiência e se virou para a orquestra. Se Dylan estava nervoso, não o demonstrava.

John se sentou bem perto de Victoria, os ombros tocando-se. Então, sem dizer nada, a enlaçou.

— Não, por favor, todos estão olhando!

Sendo John quem era, não deu importância a sua admoestação, e passou a acariciar-lhe o rosto, fazendo movimentos circulares bem leves em sua nuca. Os lábios tocaram sua orelha.

— John... — Mas Victoria não conseguiu prosseguir.

— Se você esqueceu o que é paixão por minha culpa, sinto-me na obrigação de fazê-la lembrar.

Ela cerrou as pálpebras. Por que John estava fazendo aquilo com ela? Victoria esquecera o que era paixão, sim, mas naquele instante tudo voltava com força redobrada, como se fosse uma vingança.

Ao abrir os olhos, não o fitou. Dirigiu o olhar para outro camarote, na segunda fileira do Covent Garden. Decerto lady Pomeroy se encontrava lá, e a simples visão daquela bela dama foi suficiente para apagar qualquer início incandescente que John pudesse ter despeitado nela.

John percebeu para onde Victoria olhava. Suspirando, afastou a mão de seu rosto e se recostou na poltrona, sem dizer nada.

Mais uma vez segura, Victoria tentou concentrar a atenção na apresentação. Embora torcesse pelo sucesso de Dylan, esteve tão distraída que não poderia julgar por si mesma.

Quando soaram os últimos acordes, a audiência aplaudiu de pé, e Victoria se juntou a ela, aplaudindo com entusiasmo. Estava tão feliz com o sucesso do amigo, que seus próprios problemas desapareceram por segundos.

Até que John a fez lembrar:

— Não importa o que tenha de fazer, vou reavivar a paixão que existia entre nós. Mais que isso, farei com que você torne a senti-la. Vejo-a na quinta-feira, às duas horas. É sua vez de decidir aonde iremos. — E desapareceu antes que ela tivesse a chance de responder.

Victoria começou a descer as escadarias com o torturante sentimento de que John alcançaria seu intento.

Na quinta-feira, John começou a se lamentar por ter permitido que Victoria escolhesse o passeio do dia.

— Você não pode estar falando sério!

— Mas estou. — Ela ostentava um olhar de triunfo ao subir na carruagem. — Quero passar a tarde no museu de Anthony.

Ouvi meu irmão dizer que estará lá o dia todo, e assim poderá nos mostrar tudo. Não será maravilhoso?

— Claro, será tão bom como visitar o inferno. Seja razoável, você odeia História.

— Não mais. Ampliei meus interesses.

— A ponto de incluir antigüidades romanas?

— E por que não? — respondeu, satisfeita consigo mesma. — Isso pode chocá-lo, mas tenho uma vida intensa e satisfatória sem você. Desenvolvi curiosidade por muitas outras coisas.

Bem que aquilo poderia ser verdade, mas John não acreditou nem por um minuto que sua mulher tivesse escolhido o museu de Tremore por estar fascinada por História Antiga. Não, ela escolhera o museu porque o irmão estaria lá o dia inteiro para vigiá-los o tempo todo.

Com efeito, Tremore se encontrava no museu aquela tarde. Contudo, manteve-se ocupado com um grupo de colecionadores vindos de Veneza, e só estaria disponível dentro de duas horas ou mais.

Foi a vez de John sorrir.

— Bem, seu irmão não poderá juntar-se a nós. Não é uma pena?

Victoria não parecia mais muito contente consigo mesma.

— Voltaremos mais tarde, então.

— Não, não. — Ele tentava se manter sério. — Já que estamos aqui e que você desenvolveu esse gosto por antigüidades greco-romanas, que tal me mostrar tudo?

Aceitando o desafio, Victoria empinou o queixo e disse, com toda a dignidade:

— Muito bem. Por onde gostaria de começar?

— Não sei ainda... — John olhou para a enorme abóbada acima deles, para as paredes e corredores de mármore que se ramificavam em todas as direções.

Era um prédio majestoso aquele. Tinha de admitir que quando Tremore se dispunha a fazer algo, fazia bem feito. John pegou um mapa de um jovem funcionário que passava e o abriu. Uma rápida olhada foi suficiente para encontrar o que queria.

— Vejo que há uma nova ala aqui.

— Sim. — Victoria soltava a fita do chapéu embaixo do queixo. — Mas não há muito o que se ver ali. Apenas poucas salas com armaduras e espadas. Só estive lá uma vez.

— Excelente local para começar, não acha? — Entregou-lhe o mapa. — Mostre-me o caminho.

O museu estava repleto, e eles gastaram quase uma hora no meio das pessoas, que se espremiavam diante de vitrines cheias de escudos de bronze e de espadas de ferro. John notou que o interesse de Victoria era genuíno.

— Quando começou a se interessar por História? — quis saber ao se debruçarem sobre um gabinete envidraçado, que exibia facas com pedras preciosas incrustadas.

— O entusiasmo de Anthony e Daphne é contagiante. Eles falam tanto no assunto que é impossível não nos empolgarmos também. Além disso, as jóias sempre me fascinaram.

— Disso eu lembro. — John decidiu então que já era hora de começar a agir. Pouco a pouco, uma exposição após a outra, foi encaminhando sua mulher para um lugar que vira no mapa. — Quero ver o que há lá embaixo — disse, dirigindo-se a uma porta que dava acesso a um longo corredor. — Volto logo.

— Não há nada para se ver aí embaixo, Hammond. Essa parte do museu ainda não foi inaugurada.

— O que não significa que não haja nada de interessante, não é? — Piscou para ela e atravessou todo o corredor, passando por várias alas cheias de potes quebrados e mosaicos ainda não terminados, mas não encontrou ninguém.

Os passos de Victoria denunciaram que ela o seguira, exatamente como ele pretendia.

— John?

— Aqui embaixo! Venha ver isto aqui.

— Ver o quê? Não há nada aí.

— Como sabe? Disse que só estive aqui uma vez.

— Sim, mas o mapa informa que o lugar está vazio.

— Esqueça-o e veja com seus próprios olhos.

John se escondeu em um nicho na parede, ali preparado para receber uma estátua.

Entrou nele e esperou. Victoria estava caindo direitinho em sua armadilha. Sempre caía.

Ele sorriu.

Quando Victoria chegou e o achou dentro do nicho, rindo para ela, indignou-se.

— Você me enganou!

— Claro que sim! — Afastou-se da parede e, dando uma risada, abraçou-a pela cintura e a puxou para si. — Lembra como eu fazia isso o tempo todo para conseguir ficar a sós com você?

— Lógico. Mas agora deixe-me ir e pare de ser ridículo. — Ela quis fugir, mas John a levou consigo para dentro do nicho. — Hammond, o que está fazendo?!

Ele se virou de forma que ela ficasse contra a parede.

— Está presa agora, Victoria, e, para sair, terá de pagar. Sabe bem como isso funciona.

Sim, de fato. Olhando para John assim tão perto, teve de umedecer os lábios, de repente secos.

— Não vou beijá-lo.

O sorriso de John se alargou, e ele chegou mais perto. Com a mão livre, começou a acariciar-lhe o rosto.

— Você sempre cai neste truque. Acho que é porque, na verdade, quer me beijar, mas não é honesta o suficiente para admitir.

— Se caio em suas artimanhas é porque você é especialista em enganar. — Victoria se moveu, na esperança de que ele a deixasse sair.

Mas John não deixou. Pelo contrário, apertou-se mais contra ela, afagando-lhe o pescoço.

— Regras são regras, querida. Terá de me beijar primeiro.

— Pare com essa tolice! Nós fazíamos isso quando éramos namorados, mas não estamos mais namorando!

— Será que não? Tenho a impressão de que estamos. Veja só o que tenho de fazer para conseguir um beijo. Achei que depois de casado não precisaria mais passar por isso, mas você me obriga a...

— Não obrigo você a nada. Não seja tolo, e me deixe sair daqui!

— Eu deixo. — John brincava com a gola de seu vestido. — Porém, quero que me beije primeiro.

Ouviu-se uma voz masculina vinda do outro lado da galeria.

— Cavalheiros, sei que vão gostar muito de nossa coleção de vasos romanos que acabaram de chegar. Não foram nem expostos ainda. Venham por aqui.

— É Anthony! — Victoria sussurrou, empurrando o marido com ambas as mãos. — Ele nos verá!

John nem sequer se moveu.

— E daí? Somos casados, não?

— Deixe-me ir, John. Meu irmão está trazendo aqueles homens para cá.

Segurando-a pela cintura com ambas as mãos para mantê-la no lugar, John esticou a cabeça para fora do nicho, para verificar a galeria, por onde o duque acabara de passar.

Uma fila de senhores o seguia.

— Não, eles não vêm para este lado.

Assim que todos desapareceram, John voltou a atenção para a importante tarefa a cumprir.

— Onde estávamos?

Victoria olhou ao redor procurando uma saída, mas não encontrou nenhuma.

— Quero sair!

Ele meneou a cabeça.

— E eu quero meu beijo. Victoria gemeu de impaciência.

— Homens agem como se fossem crianças!

John ergueu a mão e tocou o rosto delicado da esposa, adorando a maciez de sua pele. O polegar acariciava o canto da boca, e ele respirou fundo, sentindo o aroma de violetas. A lenta dor do desejo começou a queimar com mais força dentro dele.

— Meus pensamentos neste momento não são nada infantis, creia-me.

Ela começou a se desesperar.

— Não vou beijá-lo!

Ainda acariciando-lhe a face, John apertou ainda mais sua cintura.

— Está bem, eu me contento em ficar assim, abraçado a você.

— Quer dizer que pretende ficar aqui o resto do dia?

— Depende de você. Seja razoável, querida. — John aproximou ainda mais os lábios.

Ela cerrou as pálpebras, recordando-se do jogo.

John esfregava os lábios no canto de sua boca e implorava.

— Um beijo, Victoria, um beijo e eu a deixo ir.

— Não deixa, não. Se o beijar, você tomará mais liberdades. John começou a desabotoar os primeiros botões do vestido de Victoria, expondo o pescoço e os ombros alvos.

— O que está fazendo?! — Ela tentava fechar o decote.

— Tomando outras liberdades. Você demorou muito. — Inclinou a cabeça e beijou-a bem embaixo da orelha e o colo macio, sentindo o cheiro da pele sedosa.

Victoria respirou fundo. O pescoço era seu ponto fraco. Não podia mais resistir.

Naquele momento, um casal surgiu a poucos metros.

— Tem de me deixar ir — ela pediu, agora sem muita convicção.

Ignorando o som das vozes, John traçou uma trilha de beijinhos pelo pescoço, a mão deslizando pelo ombro até tocar a curva dos seios.

Victoria deu um gemidinho. Camadas de tecido o impediam de tocá-la, mas ele se lembrava de cada curva daquele corpo.

Ela apertou o punho de John com ambas as mãos, como que para fazê-lo descer mais um pouco. Sentindo-se encorajado, ele tomou o seio inteiro na mão, mas sem se esquecer das regras. Quando Victoria pedisse, ele pararia. Antes, não.

Saboreou toda a parte exposta com beijos delicados até chegar ao rosto. A respiração de Victoria estava mais ofegante, e ela se mexeu em seus braços.

— Oh, John! Alguém pode nos ver! — sussurrou, excitada e com raiva ao mesmo tempo.

— Nesse caso, é melhor me beijar logo.

Sem dizer nada, Victoria voltou o rosto e deu o que o marido queria.

Sua boca tocou os lábios de John, enviando ondas de prazer para todas as suas terminações nervosas. A mão se ergueu para afagá-lo. A pele tão macia, os lábios tão quentes e doces...

John fechou os olhos, saboreando um deleite havia muito tempo negado, mas ainda muito familiar. Lembrou-se do gosto dela, dos lábios carnudos que ele sugava, da linha perfeita daqueles dentes quando os explorava com a língua.

Sem aviso, Victoria interrompeu o beijo. Fez um leve ruído, um protesto talvez, mas além daquele som e do sangue correndo rápido em suas próprias veias, John escutou os passos de alguém vindo em sua direção. Assim, deu um último beijo no pescoço de

Victoria e a deixou sair. Ajeitando a gravata, John foi para o corredor, tentando disfarçar sua ereção.

Deparam com um senhor de terno preto e óculos. Atrás de si, John podia ouvir Victoria se recompondo.

— Até que enfim! — exclamou John, fora do nicho. — Estávamos tentando achar a saída, e eis que surge alguém para nos auxiliar.

O cavalheiro parou e olhou para trás, ao ouvi-lo.

— Há alguém aí com o senhor?

— Minha esposa e eu estávamos procurando a nova coleção de armamentos, e acabamos nos perdemos.

— Entendo. Não fica aqui embaixo, senhor. John fez sua melhor expressão de inocência.

— Desculpe-me, querida. Pelo visto, eu a trouxe ao local errado. Não é aqui embaixo mesmo.

Recebeu por isso um discreto — mas nada gentil — chute na canela.

— Eu sou o Sr. Addison, diretor-assistente do setor de antigüidades. Vou levá-los à exposição de armamentos.

— O senhor é muito bondoso. — John olhou para o nicho e estendeu a mão para Victoria, acrescentando, baixinho: — O botão está aberto.

Ela o fechou, encarando o marido, culpando-o por toda aquela situação constrangedora. Endireitou a coluna, tirou várias mechas de cabelo da testa, aceitou a mão que ele estendia e deixou para trás a galeria.

— Meu Deus! É lady Hammond!

— Boa tarde, Sr. Addison. — Victoria tentava se controlar, mas seu rosto tingiu-se de um vermelho vivo.

— Perdida, de novo, milady?

— É esta nova ala, senhor. Sempre me confunde.

— Já lhe disse que é importante pegar um mapa logo na entrada. — Addison puxou os óculos para mais perto do nariz. — Vejo que seu marido a acompanha, hoje.

John se inclinou, para se apresentar:

— Lorde Hammond.

— É um prazer, milorde. Venham ver os armamentos, sim? O casal o seguiu poucos passos atrás, pelo longo corredor.

— Essa foi por pouco — John murmurou ao ouvido de Victoria, rindo, feliz com toda a experiência, e sobretudo com !a paixão que conseguira despertar em sua esposa. — Não me sentia assim havia anos! Foi tudo muito bom.

— Pois não espere que se repita. Não comigo, pelo menos. Não tenho a menor intenção de deixar que me engane de novo!

— Tem certeza? Saiba que esse é um desafio irresistível para mim.

-

Victoria se mirava no espelho da sala da modista, mas não via nem sua imagem, nem a fantasia que pretendia usar no baile beneficente. Tudo o que enxergava era o sorriso malicioso de seu marido. Um homem odioso, isso é o que ele era, preparando todo tipo de armadilha, nas quais ela era sempre apanhada. Teria de ser mais cuidadosa dali em diante, pois John era muito bom nisso.

Aliás, era bom em muitas outras coisas também.

Victoria tocou os lábios com os dedos, sentindo mais uma vez o delicioso calor daquele beijo. Porém, lembrou-se de que John beijava bem porque tinha beijado inúmeras vezes e muitas mulheres diferentes.

O que acontecera com ela na véspera, no museu? Por que comportara-se como a mocinha ingênua de nove anos atrás? Havia muito tempo John não a tocava daquele modo, mas o tempo não alterara o modo como respondia aos carinhos do marido. Nem mesmo o orgulho conseguiu fazê-la esquecer. Aliás, a ajudara a superar o coração partido, manteve sua cabeça erguida quando John procurou outras companhias, auxiliou a fingir que não se importava, fez com que encontrasse satisfação numa vida de trabalho social e de bons amigos. Onde esse bendito orgulho havia se metido ontem?!

Cruzou os braços e tornou a fitar-se no espelho. No reflexo, viu toda a confusão e o sofrimento a contemplá-la de volta, e não compreendia a si mesma. O que estava errado com ela? John iria magoá-la de novo, se permitisse.

Os artifícios de puxá-la para corredores vazios e de roubar-lhe beijos poderiam ser inofensivos, mas ela tinha consciência de que o marido era capaz de mentir como ninguém. O pior era que ela estava sempre disposta a acreditar nele. *Você me ama? Claro que sim. Adoro você.*

Uma batida na porta a trouxe de volta à realidade, e Daphne entrou, fantasiada de Cleópatra.

— Bem, o que acha? — perguntou, alisando os cabelos da peruca.

Acho que estou perdendo o juízo.

Com grande esforço, Victoria tentou tirar as cenas do museu de sua cabeça e se virou para a cunhada, grata pela interrupção.

— Será que Cleópatra usava óculos? Daphne fez uma careta e deu risada.

— Não pretendo usá-los no baile. Qual sua opinião sobre a roupa? Foi tolice escolher algo assim?

Victoria olhou para sua melhor amiga, pensando na mulher que Daphne era quando se conheceram, dois anos atrás: tímida, insegura, tão apaixonada por Anthony e tentando, com todas as forças, não demonstrá-lo. Estava muito diferente, agora. Ter seu amor correspondido e o fato de haver se tornado uma duquesa acabaram com sua timidez e aumentaram sua auto-estima. Mas havia momentos — como aquele — em que aquela antiga Daphne voltava à tona.

— Não foi tolice, não, bobinha. Por que disse isso?

— Confesso que sempre quis ser Cleópatra. Só não sei se ficarei muito convincente no papel. Mesmo que seja só para um baile à fantasia, teremos de representar nossas personagens a noite toda.

— Está parecendo mesmo uma rainha, Daphne, e creio que Anthony ficará feliz em ser seu Marco Antônio. Ele estaria disposto a dar-lhe todo o Império Romano, se você pedisse.

Daphne sorriu de um jeito que lembrava um gato diante de uma jarra de leite.

— É verdade. Anthony já me falou que tenho todo o poder sobre ele. As mulheres podem fazer o que quiserem com os homens, se souberem agir com sabedoria. Demorei muito para entender o que meu marido queria dizer.

Victoria suspirou.

— Se você compreende, explique-me. Um pouco desse poder me seria muito útil.

O sorriso de Daphne desapareceu, e olhou a cunhada com piedade.

Isso Victoria não poderia suportar. Tratou de mudar de assunto.

— Como fiquei nestes trajes de marquesa francesa?

— Linda, como sempre. Porém, se quiser que a fantasia fique de fato autêntica, deveria colocar talco nos cabelos. Victoria alisou o veludo azul-escuro do vestido.

— Será que não iria estragar o tecido?

— Pelo menos o talco para cabelos não é mais feito com açúcar.

— Está querendo dizer que antigamente era feito com açúcar?! Isso não atraía todo tipo de inseto?

— Evidente. Essa era uma desvantagem.

— Que horror!

Se pelo menos mantivesse Hammond longe de mim, talvez valesse a pena tentar. Ora, eu me prometi não pensar mais nele!

— Para evitar o uso de talco nos cabelos, você poderia optar por ser uma princesa grega de dois mil anos atrás. Nesse caso, teria de pôr gordura no lugar do talco.

— Credo, Daphne! Por que alguém usaria gordura nos cabelos?

— Eram óleos perfumados, Victoria, e ao derreter com o calor iam liberando a fragrância.

— Você sabe de cada coisa! Obrigada pela sugestão, mas continuarei como estou. Não posso imaginar o que lady Deane diria se eu aparecesse no baile usando gordura perfumada na cabeça. E, já que é tão sabida, minha querida, o que posso fazer para evitar que o talco danifique o veludo azul?

— Coloque uma peruca. Todos faziam isso há oitenta anos.

— Nunca! Só serviria para me dar coceira no couro cabeludo.

— Ah, é por isso então que vive tirando seus chapéus! Agora compreendo.

Uma batida na porta as interrompeu, e Mirelle, a mais famosa modista londrina, entrou.

— Duquesa, lady Hammond, há alguma coisa que queiram alterar? Estou à disposição.

— Adorei meu traje. Ficou perfeito. — Daphne sorriu-lhe. A modista bateu palmas, lisonjeada. — A senhora é muito gentil. — Dirigiu-se a Victoria: — E a senhora?

— Mirelle, o que as pessoas usam nos cabelos? Talco?

— Hoje em dia, existe um talco muito bom para perucas. Os juizes e magistrados costumam usá-lo. Mas, se me permite uma opinião, seria uma lástima cobrir seus cabelos com talco. A cor deles é maravilhosa, e combinaria bem com a seda azul-clara e com o veludo azul-marinho. Ficaré deslumbrante, milady.

Os momentos apaixonados no museu voltaram como um *flash* em sua memória, e Victoria não teve tanta certeza de que queria estar deslumbrante.

— Obrigada, Mirelle.

— Concordo com ela, Victoria — completou Daphne. — Nenhuma mulher deste mundo cobriria cabelos da cor dos seus com talco.

— Certo. Então não usarei. — E jurou para si mesma que era por causa da sujeira que o talco causaria. O fato de Hammond adorar sua cabeleira não tinha nada a ver com aquilo. — Mas temos outro problema. Trata-se de um baile, e não conseguirei dançar uma valsa ou uma quadrilha com isto. Não admira que na época de minha avó só se dançasse o minueto. Mirelle, poderia soltar um pouco na cintura? O corpete é apertado demais.

— Claro, mas só um pouco, para não estragar sua silhueta. O vestido ficou espetacular na senhora.

Mirelle saiu, e uma assistente as ajudou a se trocar.

Instantes depois, na carruagem, de volta para casa, Daphne comentou:

— A modista tinha razão. Você ficou linda com aquela roupa.

Victoria se recostou contra as almofadas e olhou para a cunhada.

— Beleza não é suficiente para tornar um marido fiel, não é mesmo?

Daphne a enlaçou pelos ombros, com carinho.

— Não sei, minha querida.

John teria de tomar medidas desesperadas para conquistar a esposa. E compreendia que isso ia demandar algum sofrimento. Manteve-se afastado de Grosvenor Square por alguns dias, imaginando que Victoria pudesse sentir saudade. Na verdade, ele precisava

de tempo para controlar seu desejo. As cenas do museu, o gosto da boca de Victoria, a deliciosa sensação de tê-la nos braços invadiram seus sonhos e dominaram seus pensamentos por três dias.

Na manhã de segunda-feira, decidiu que estava pronto para vê-la de novo. Dessa vez, duvidava de que fosse conseguir roubar-lhe alguns beijos, pois ia ser submetido a um outro tipo de tortura. Pretendia levá-la às compras.

Embora a sugestão de que Victoria redecorasse a casa não tivesse sido aceita com entusiasmo, John imaginava que, ao começar a comprar os artigos, ela se sentisse parte daquela mansão.

Quando ele chegou a Grosvenor Square e a convidou para essa atividade, Victoria recusou.

— Não quero ir. — E sentou-se numa poltrona. — Não me sinto bem.

— Você mente muito mal. Vamos, ponha um chapéu, pegue suas coisas e vamos andando.

— Já falei que não quero redecorar sua casa.

— Nossa casa. Agora ela é sua também.

— Por que não convida lady Pomeroy para ir às compras com você? Ela adora desfilar na Bond Street e gastar o dinheiro de sir Pomeroy.

John entendeu que ela estava atirando Anne em sua face para fazê-lo desistir. Falar sobre o assunto seria ainda pior, entretanto. Poderia contar-lhe como fora vazia aquela relação, nada mais que a satisfação de desejos físicos. E isso fora cinco anos atrás. Para John, só o futuro importava. Assim, decidiu ignorar o comentário.

— Prefere caminhar ou ir de carruagem? — indagou, com suavidade.

Victoria fez um gesto de impaciência, levantou-se e andou até a lareira.

— Não quero fazer compras!

— Victoria, você adora visitar lojas e sabe como eu odeio. Achei que não perderia a oportunidade de me torturar, testando o conforto de almofadas para as poltronas ou escolhendo tapetes orientais. Sem mencionar as joalherias, onde poderia me convencer a gastar uma fortuna com um inútil colar de rubis e diamantes, para depois exibir para suas amigas.

Ela se virou para o marido.

— Não quero nenhuma jóia vinda de você, Hammond. E quanto ao resto, já afirmei que não quero gastar o dinheiro que recebo de Anthony em sua propriedade, mesmo sendo você quem controla essa renda.

Victoria estava mesmo determinada a brigar, mas John não iria deixar isso acontecer.

— Muito bem, podemos fazer outra coisa, então. Que tal visitarmos alguns amigos?

Poderíamos nos sentar no sofá, de mãos dadas. Os casados nunca se dão as mãos em público, portanto... imagine como todos ficariam chocados!

— Não vou visitar ninguém, nem ficar de mãos dadas com você.

— Sem problemas.- Se não quer fazer nada disso, talvez possamos voltar ao museu de seu irmão. Ouvi dizer que há alguns afrescos romanos deliciosos escondidos em algum lugar, e que só poucos antiquários tiveram acesso a eles. Você, como irmã do duque, poderia...

— Não.

— Sei que eles são bastante eróticos — continuou, percebendo que ela estava corando.

Parou bem na frente de Victoria para encará-la. — Ora, ora, você já os viu, não é?

Aproveitou para dar uma olhada durante os instantes em que esteve sozinha?

— Não diga tolices!

O rosto de Victoria ficou ainda mais vermelho, por isso John soube que acertara. A idéia de imaginá-la espreitando pelo museu para ver figuras eróticas o encheu de satisfação.

— Pena não ter me lembrado disso naquele dia. Mas você pode descrevê-los para mim. São muito picantes? Não tenha vergonha, querida. Afinal, sou seu marido, Ela continuava calada, cada vez mais rubra, e John teve a certeza de que os afrescos eram mesmo bastante interessantes.

— Sabe, quanto mais eu penso, mais tenho vontade de voltar ao museu. Garanto que não há nada naqueles afrescos que já não tenhamos feito. Mas, se, na sala em que estão, houver uma fechadura, talvez possamos...

— Está bem, está bem! — Victoria ergueu os braços na direção de John, como que para fazê-lo parar de falar. — Vamos à Bond Street, como você queria.

Ela se virou e saiu da sala com a saia de seda amarela batendo em seus calcanhares, tamanha a força de suas passadas.

— Mudei de idéia. — John deu risada. — Prefiro ir ao museu ver aqueles afrescos indecentes.

— De jeito nenhum. Ande logo! — E Victoria desceu as escadas sem esperar pelo marido.

Capítulo V

A Bond Street ficava a apenas dois quarteirões de Grosvenor Square, e, como o dia estava bonito, John sugeriu que caminhassem. Victoria concordou, mas quando ele lhe ofereceu o braço, recusou. Assim, andaram até lá sem se tocar. Dois empregados os seguiam a distância para carregar os eventuais pacotes.

Quando chegaram ela parou indecisa.

— O que você quer comprar, John?

— Não tenho a menor idéia. Este é seu território, não meu. As únicas lojas que frequento são as de calçados e as livrarias. Vez ou outra, o alfaiate. — Fez um gesto largo. — Vá na frente.

Victoria olhou ao redor.

— Talvez a BelFs seja um bom lugar para começar.

— Bell's?

— Sim. Eles vendem cortinas. Ouvi dizer que a BelFs recebeu alguns veludos bem bonitos, e você irá precisar de cortinas novas em vários quartos. Embora, talvez, decida pintá-los primeiro. — Colocou o dedo na boca, hesitando. — Veremos.

De repente, John riu.

— Lembra-se de quando você começou a redecorar Hammond Park? Pintou o quarto principal de vermelho e odiou assim que ficou pronto. Mas eu gostei e queria conservá-lo. Que briga tivemos por causa disso!

— E você ganhou.

Pararam diante do estabelecimento.

— Interessante como eu sempre cedia à sua vontade naquele tempo.

Ele a seguiu ao interior da loja lotada.

— Ah, eram necessários muitos beijos para convencê-la a ficar do meu lado... E essa era a melhor parte.

— Acho que você deveria parar de falar nessas coisas. Victoria corou de novo, encantando John.

Seguiram até o balcão comprido, em que estavam empilhadas diversas peças de veludo.

— Incomoda você quando menciono como costumávamos nos beijar e fazer as pazes?

— John sussurrou, de modo que ninguém ao redor pudesse ouvir.

Ela o encarou, exasperada.

— Precisa mesmo andar atrás de mim como uma sombra?

— Creio que não vai responder, não é? Sabe que está parecendo um porco-espinho, hoje?

— Tenho cinco boas razões para isso, milorde. Não; seis, se contarmos Elsie.

John avistou uma peça de veludo verde-musgo, a preferida dela.

— O que acha desta?

Victoria inclinou a cabeça, examinando.

— Talvez ficasse bem em sua biblioteca. Com as paredes manteiga e todos aqueles livros com capa de couro, ficaria atraente. O que acha?

— Você gosta?

Victoria olhou para os tecidos espalhados no balcão.

— Isso não faz diferença.

— Para mim, sim, Victoria. Ela nada disse.

— Você gosta? — ele repetiu.

Victoria mudou o peso de um pé para o outro, respirou fundo e o fitou.

— Sim, sim, eu gosto. Satisfeito, agora?

Uma pequena concessão, mas ele a aceitaria. Sorriu.

— - Que bom! Por isso o escolhi.
— Como poderia saber que eu ia gostar?
— Lembrei-me de que você sempre adorou verde-musgo. Ponto para mim.
— Não é preciso ficar tão feliz consigo mesmo. Percorreram todo o balcão conversando com formalidade dali em diante, como se ele a tivesse contratado para decorar sua residência. John queria um sorriso, uma gargalhada, um beijo. Fazia tudo para agradá-la.
De repente, algo lhe ocorreu, e pegou um retalho de uma cor que ela detestava.
— Não quero mais verde-musgo em minha biblioteca. Prefiro este aqui.
Victoria o encarou como se ele tivesse perdido o juízo.
— O quê?!
John ficou o mais sério que pôde.
— Prefiro este ao verde.
— Mas é cor de laranja! — afirmou, horrorizada.
Ele olhava para o tecido, fingindo estudá-lo, fingindo-se de inocente.
— Gosto de laranja. O que há de errado nisso?
— Eu odeio! É uma cor medonha!
— Mas, querida, eu gosto. Ela se descontrolou.
— Nossa biblioteca não terá nada cor de laranja!
— Finalmente! — John atirou a peça de tecido para o ar, atraindo a atenção das senhoras — Até que enfim uma vitória!
Victoria pareceu desconcertada.
— Do que está falando?
Ele sorriu, sem importar-se que todas as damas de Mayfair reparava neles.
— Você disse "nossa biblioteca". Ela olhou para o lado, sem-graça.
— Não fiz isso.
— Fez, sim, e não pode apagar as palavras.
— Foi um truque, não é, Hammond? Você não gosta de laranja.
— Claro que não. No entanto, isso não altera o fato de que você a chamou de *nossa* biblioteca. Sabe o que significa? Mais um ponto para mim!
— Como assim?
— Se eu conseguir muitos pontos, eu venço.
— Então trata-se de um outro jogo?
— Não, é o mesmo jogo, e o nome dele é Conquistando Victoria.
Apesar dos esforços, um sorriso veio brincar no rosto dela.
— Quer dizer que, além de ser a adversária, também sou o prêmio?
— Exato! Quantos pontos terei de marcar para vencer? Ela emitiu um som que poderia bem ser uma risada, mas baixou a cabeça e continuou a examinar os panos.
— Quantos, Victoria?
— Muitos milhares.
— Não é justo. Estabeleça um limite.
— Está bem. Que tal dezoito mil, setecentos e quarenta e dois?
— Só isso? Muito fácil para mim. E significa que ganhei um outro ponto.
Ela ergueu o rosto.
— Por quê?
— Porque, se me odiasse como diz, teria dito um milhão de pontos, pelo menos.
— Você é insuportável! — Victoria pegou uma peça bege com estampa de folhas verdes. — Que tal este para sua sala de música?
— Melhor este aqui. — John mostrou um veludo cor de lavanda e, de novo, tentou ficar sério, mas não conseguiu.

Victoria esboçou um sorriso largo.

— Lavanda, John? Certamente não para a sala de música, mas poderíamos usá-lo em seus aposentos particulares.

John colocou o tecido no balcão, aproximou-se de Victoria e, falando bem baixo, completou:

— Isso a traria para perto de mim?.

— Não.

— Então, esqueça. Estava disposto a fazer o sacrifício, mas vejo que seria em vão.

Creio que só serviria para uma coisa.

— Para quê?

— Um casaco para sir George.

Foi impossível para Victoria reprimir a gargalhada, e ela esqueceu, por um segundo, que deveria odiá-lo.

De repente, o humor desapareceu de seu semblante, dando a impressão de que o sol se punha em pleno dia. Ele se virou para ver o motivo de tamanha mudança.

Uma linda mulher de cabelos castanhos, com um vestido cereja, se inclinava no balcão no centro da loja, rindo e conversando com outra senhora. Ela captou seu olhar e fez um aceno de reconhecimento. John respondeu ao cumprimento e desviou o olhar de lady Darwin.

Havia muito tempo não encontrava a baronesa. Talvez mais de dois anos. Ela parecia estar bem, e John ficou feliz com isso.

John se virou a tempo de ver Victoria desaparecer pela porta da Bell's. Sentiu um frio no estômago, temendo que qualquer pequeno progresso que pudesse ter feito na reconquista de sua esposa tivesse se transformado em cinzas.

John tentou sair da loja atrás de sua esposa, mas, assim que deu a volta no balcão, duas senhoras carregadas de pacotes, paradas à soleira, tentavam decidir quem deveria passar primeiro. John teve de esperar uma eternidade até conseguir alcançar a calçada.

E foi bem a tempo de ver Victoria virando a esquina da Brook Street, caminhando o mais rápido que podia.

— Victoria, espere! — Correu atrás dela, chamando seu nome, esquecido dos olhares dos transeuntes.

Não dava a mínima para o fato de estar em Mayfair, a bem comportada e comedida Mayfair, onde ninguém gritava, ninguém corria.

Alcançou Victoria perto da Davies Street.

— Aonde vai?

— Para casa.

Ele a pegou pelo braço.

— A mansão de Grosvenor Square não é sua casa.

— Agora é. — Ela se livrou do toque indesejado. — E continuará a ser, se depender de mim.

— Não podemos falar sobre isso?

— Quer conversar, em vez de fugir? Já é uma mudança. Mas, não. Não quero falar, porque não há nada a dizer. Não quero ver você, nem ocupar meu tempo em sua companhia, nem escolher tecidos para sua biblioteca. Tudo o que desejo é ir embora, por isso, me deixe. Não gosta de ter Bertram como herdeiro? Problema seu. Não tenho nada a ver com isso!

Chegaram ao fim do quarteirão e começaram a atravessar a Duke Street, mas um grande veículo ia passando, e John teve de agarrá-la para que ela não atravessasse.

— Por Deus, Victoria! Tenha cuidado!

Ela aguardou que o veículo se afastasse, soltou-se de John e atravessou, dessa vez prestando atenção por onde andava. Ele continuou a segui-la até que alcançaram o outro lado da via pública, mas, quando Victoria entrou na praça, John parou e ficou vendo ela afastar-se. Adoraria que, pelo menos, Victoria olhasse para trás para ver se ele a seguia. No entanto, isso não aconteceu.

John pensou em segui-la, mas como a própria Victoria afirmara, não havia nada a dizer. Encontrar Peggy Darwin fora a pior coisa que poderia ter acontecido. Logo naquele momento em que começavam a se entender.

Talvez fosse melhor mesmo deixá-la ir.

Claro que você irá embora. Você sempre vai.

De repente, John mudou de idéia, atravessou a praça e entrou na casa a tempo de vê-la no topo da escadaria.

— Victoria! Ela não parou.

— Quem é que está fugindo, agora? — ele gritou atrás dela. Suas palavras ecoaram pela sala, mas não houve resposta. Ignorando a curiosidade dos empregados de Tremore, John subiu os degraus, dois de cada vez, correndo para alcançá-la. E conseguiu impedi-la de trancar a porta do quarto no segundo andar.

Celeste Harper, a camareira, se achava lá dentro, colocando alguns vestidos sobre a cama.

— Harper, deixe-nos a sós — John pediu, ofegante.

— Não, Celeste, fique exatamente onde está — ordenou Victoria.

Celeste obedeceu John. Ela sabia quem pagava seu salário. Assim, fez uma rápida reverência e retirou-se.

— Como ousa seguir-me até meus aposentos e dar ordens a minha camareira, John Hammond?! Esta não é sua casa. Saia daqui agora ou chamarei Anthony para expulsá-lo!

— Esconder-se atrás de seu irmão não vai resolver nada.

— Saia! Vá procurar companhia feminina em outro lugar.

— Não vou mais fazer isso. Por Deus, nunca mais. Não quero viver em eterna guerra com você por causa daquilo que não posso mudar. Não há nada que eu possa fazer para modificar o passado. Nada que eu possa dizer.

— Como não? Por que não tenta algo inteligente, ou algo que me faça rir? Não é assim que age quando tem de lidar com uma situação desagradável?

Aquilo o atingiu em cheio, mas John se recusou a deixá-la perceber como doera.

— Estranho, querida, mas não consigo pensar em nada divertido. Adoraria fazê-la dar risada, mas está além de minhas possibilidades. Não há nada que possa dizer sobre Peggy, Anne, Elsie ou qualquer outra mulher que eu tenha tido. Você terá de superar isso.

— Sei. Aceitar e esquecer. Muito conveniente para você.

— Quer que eu lhe conte sobre Peggy para que tenha ainda mais motivos para me desprezar? Quer?

Ela ficou quieta.

— Algumas das mulheres que levei para a cama não significaram nada. Anne Pomeroy, por exemplo. Usamos um ao outro. Sórdido, sem dúvida, mas foi só isso. Peggy e eu, no entanto, tínhamos algo em comum: nossos casamentos vazios, sem sentido.

John notou a tristeza no rosto de Victoria, mas não se deteve:

— Peggy e eu consolamos um ao outro. Creia, nós dois precisávamos disso.

— Pare! Não quero ouvir! — Victoria tapou os ouvidos.

— Você deve querer ouvir, pois vive me lembrando a toda hora. Fomos amantes por mais de um ano. Ela era uma boa companhia e uma mulher quente e adorável. E nós dois aproveitamos o tempo que durou.

— Já é horrível ter de encontrar suas amantes por aí, mas não sou obrigada a ficar aqui escutando você falar sobre elas. — Tentou sair do quarto, mas John a impediu.

— Por que não? Será que se importa? Mulheres de gelo precisam de alguém?

Ela virou o rosto. Como ficou de perfil, John pôde ver seus lábios tremerem, apertando-se numa linha fina.

— Eu poderia dizer que Peggy não significou nada para mim, porque é isso o que os maridos dizem a suas esposas. Mas, neste caso, seria uma mentira.

— Como se você se importasse em mentir para mim.

— Não posso dizer que não significou nada, mas também não foi amor, nem nada parecido. Éramos duas pessoas solitárias que se gostavam e se achavam carentes de calor humano.

— Peggy Darwin estava apaixonada por você.

— Tolice.

— Não, não é tolice. Ela o amava. Todos sabiam disso, menos você.

— Não era amor, Victoria. Apenas um jeito de fugir da solidão, só isso.

Ela balançou a cabeça, mas não o encarou. John se aproximou, tocou-lhe a face e viu lágrimas em seus olhos.

— Meu Deus! — Afastando-se, encostou na vidraça, odiando-a pelos oito anos de distância, odiando a si mesmo por ter dado motivos para que Victoria a impusesse. — Diga o que quer que eu faça, o que quer de mim?

— Nada. Você é quem quer, e é algo que não posso lhe dar. Acabou, John, não pode ter-me de volta. Algumas coisas não têm conserto. — Com isso, virou-se para deixar o aposento.

— Quantas vezes tenho de dizer que não posso fazer nada a respeito do passado?

— Pode, sim. Aprenda com ele, como eu fiz. Aprendi a nunca mais confiar em você.

John não tentou detê-la. Ficou ali, parado, fitando a camisola cor-de-rosa sobre a cama, e o riso daquela manhã ecoou em seus ouvidos. Decoraria toda uma casa com papel de parede rosa, se isso a fizesse sorrir. Mas de nada adiantaria.

Deu as costas para o leito e olhou pela janela, lutando contra a vontade de quebrar os vidros com a testa. — Droga, droga! — repetia, lamentando as palavras duras e cruéis que proferira minutos atrás.

Passara por aquilo outras vezes. Victoria ficava fria e distante; ele, com raiva, e ambos sofriam. Ela não conseguia perdoar, e John ia embora. Na rua, sempre encontrava alguma mulher interessante que não o julgava, não o desprezava, nem o fazia sofrer.

Talvez Victoria tivesse razão. Havia certas coisas que eram irreparáveis. Nada que dissesse, fizesse ou tentasse fazer seria suficiente. Não para Victoria.

O duque e a duquesa de Tremore chegavam ao lar. Tinham levado seu bebê, Nicholas, para passear, e era Anthony quem empurrava o carrinho. Quando o casal se sentou no banco do jardim, Daphne colocou a criança em seus joelhos, e o duque a abraçou.

Formavam um casal feliz, rindo e conversando, enquanto o bebê tomava sol. Eram uma família.

Nesse momento, Victoria foi se juntar a eles. Segurava o chapéu, e seus cabelos maravilhosos brilhavam, refletindo a intensa luminosidade. Pegou Nicholas do colo da mãe e o ergueu no ar, para rodopiar e rir com ele. Algo tão duro e dolorido como uma pancada atingiu o peito de John.

Tentou desviar o olhar, mas não foi capaz. Apertou as mãos contra a vidraça e ficou ali, vendo sua esposa abraçar um bebê que não era seu filho. Jamais antes se sentira tão

miserável, tão carente, nem com tanta raiva. — Meu Deus, como ele está crescendo! — Victoria desceu o bebê e o aninhou em seus braços. — Não consigo segurá-lo assim no alto por muito tempo.

— Nicholas adora quando você brinca assim. — Daphne fez menção de pegar o filho, mas Victoria se virou, mantendo a criança fora do alcance da mãe.

— Deixe-me ficar com ele mais um pouco, Daphne. Não o vi o dia todo.

— Acontece que está na hora do soninho da tarde.

— Só mais um minuto... — E apertou o bebê contra si. — Quero aproveitar, pois logo ele estará andando e não irá mais querer ficar assim, em meus braços.

— Está muito perto disso, de fato. Anthony sorriu.

— Quando ele estava em meu escritório esta manhã, agarrou-se na beirada do sofá e saiu andando. Toda vez que caía, tornava a se levantar e a tentar de novo. Sujeito teimoso esse meu filho!

. — Não me surpreende. — Victoria meneou a cabeça. — Ele...

O ruído das rodas de uma carruagem sobre as pedras a interrompeu. Os três se viraram para ver quem era. John deixava a mansão em seu coche, sem ao menos fitá-los.

— O que há de errado com ele? — Daphne quis saber.

— Indigestão? — sugeriu Anthony, esperançoso.

— Por favor, querido, que coisa mais indelicada! — repreendeu-o a duquesa.

— Suspeito que eu seja a causa de tamanho mau humor. — Victoria ficou a observar a carruagem desaparecer na curva da estrada, imaginando se, por acaso, John iria atrás de outra para se consolar. Se encontrasse alguma jovem interessante, pelo menos a deixaria em paz por algum tempo.

— Vocês discutiram?

Victoria voltou-se para sua cunhada.

— Não é o que sempre fazemos? Anthony soltou um suspiro e ficou de pé.

— Se vocês duas vão falar sobre Hammond, peço licença para me retirar.

— Não vamos fazer isso. Meu marido é a última coisa deste mundo que desejo discutir. Fique, meu irmão.

— Não, não. Na verdade, preciso ir. Tenho um encontro com Dewhurst no White s para discutir alguns assuntos, e devo estar de volta a tempo de levá-las à casa dos Monforth, à noite.

— Eu não irei. Não suporto lady Sarah. Vou alegar enxaqueca e ficar aqui.

— Tenho mais motivos para não gostar de Sarah do que você, Victoria. — Daphne riu.

— Anthony quase se casou com ela antes de me conhecer.

— Estremeço só de pensar nisso.

— Ora, nenhuma de vocês tem motivos para não gostar de lady Sarah. Afinal, não me casei com ela.

— Meu caro irmão, nem esse fato abençoado é suficiente para fazer-me apreciá-la.

Daphne, acho que nós duas deveríamos ficar em casa, jogar bridge e tomar algumas garrafas de vinho.

— E deixar o campo aberto para lady Sarah flertar com meu belo marido? Nunca!

— Isso não vai acontecer. — Anthony deu um beijo na testa da esposa — Voltarei às sete para apanhá-la. — E se foi, deixando-as a sós.

— Vai mesmo me deixar sozinha com lady Sarah e ficar aqui?

— Sim, Daphne. Pretendo passar uma noite tranqüila. — Victoria beijou a cabecinha do sobrinho. — Nicky me fará companhia. Melhor conversar com ele do que com lady Sarah.

Daphne gargalhou.

— Quando diz coisas assim, chego a sentir pena dela. Fico feliz que goste de mim. — Algo acima dos ombros de Victoria chamou sua atenção. — Querida, lá se vai seu chapéu!

Victoria pôde vê-lo ser arrastado pelo vento. Devolveu Nicholas para a mãe e correu atrás para pegá-lo. Teve de andar por alguns metros, e conseguiu alcançá-lo no momento em que uma ventania ainda mais forte o levasse para mais longe. Ofegante, retornou para perto da cunhada.

— É melhor colocá-lo. — Daphne dava tapinhas nas costas de Nicholas.

— Não gosto. — E preferiu amarrá-lo bem forte no pulso. — Com esse vento, teria de usar o prendedor, o que me daria dor de cabeça.

— Odeia usar chapéus, não é? Nunca os mantém no lugar. Veja, uma das flores está quebrada. — Daphne passou o bebê para o outro braço para tocar a aba. — Não acredito que possa ser consertada.

Victoria olhou para as flores de seda que enfeitavam seu chapéu. Violetas. Escolhera-as também para seu buquê de casamento.

— Há certas coisas que não podem ser consertadas. — Suspirou.

— Talvez possamos ir às compras amanhã e você escolherá um novo. Pretendo ir à Bell's. Que tal me acompanhar?

Os dedos de Victoria se crispavam..

— A casa de tecidos?

— Sim. Ouvi dizer que acabaram de receber veludos maravilhosos. Gostaria de dar uma olhada.

A imagem da bela mulher de cabelos castanhos debruçada sobre as peças de tecido voltou à memória dela.

— Eles não são tão bonitos.

— Então já os viu?

— Sim. Eu e Hammond estivemos lá, esta tarde. — Fez uma pausa. — Lady Darwin também foi. Por isso que John e eu discutimos. Os dois foram amantes há quatro anos.

— John não tem amantes, agora, querida. Rompeu com Emma Rawlins, e sabe-se que ela foi embora para a França.

— Não importa, Daphne. John acabará arranjando outra. É o que sempre faz. Então, terei de vê-la e ouvir os comentários, como aconteceu com todas as demais. Sei que não deveria me importar em ver lady Darwin na loja hoje, mas doeu. O jeito como aquela oferecida olhou para John! Foi apaixonada por meu marido, não tenho dúvida. Claro que já faz parte do passado, mas, mesmo assim, ainda magoa. Dói cada vez, com cada mulher. E ele espera que eu retome nossa vida conjugai como se nada disso tivesse acontecido!

Daphne ficou em silêncio por longo tempo. Quando tornou a falar com Victoria, fez-lhe uma pergunta totalmente inesperada:

— Seria assim tão terrível voltar a viver com seu marido? Victoria sustentou o olhar da cunhada.

— Depois de tudo o que John me fez, como pode me perguntar isso?!

— Sei tudo sobre lady Darwin e Emma Rawlins e todas as demais, mas não seria possível que superasse isso, Vitória? Vocês não poderiam começar de novo, do ponto de partida?

— Não se pode recomeçar com um homem que é um mentiroso, um interesseiro. Não confio mais nele.

— Construir a confiança demora, e isso é algo que vocês não desenvolveram, apesar de estarem casados há nove anos. Talvez necessitem de uma oportunidade para construir uma base sólida e se conhecerem melhor.

Victoria, mantendo-se na defensiva, arrancou a flor quebrada do buquê e a atirou longe. — Hammond e eu nunca tivemos uma convivência amigável. Nem quando estávamos recém-casados e eu ainda via a luz das estrelas em seus olhos. Brigávamos sem cessar. Quando não estávamos fazendo amor. Victoria torceu a borda do chapéu e arrancou outras florezinhas, pensando nos dias que ela e o marido compartilharam, as brigas acaloradas e depois as apaixonadas reconciliações. Não queria mais brigar com John, mas também não pretendia se reconciliar com ele. E, sem dúvida, não queria mais falar dele.

Daphne, entretanto, parecia não ter esgotado o tema.

— Vocês estão mais maduros, agora. Não há uma maneira de aprenderem a conviver?

— E um casamento é só isso? Aprender a conviver?

Os olhos violeta de Daphne cintilaram por trás dos óculos.

— Acredite ou não, é assim na maioria das vezes. Não é nada romântico, concordo, mas é a realidade.

Viver com John não só parecia nada romântico, mas impossível.

— Você está casada e feliz, Daphne. Por isso não compreende.

— Compreendo seu orgulho e sei que tem motivos de sobra para não confiar nele. Mas os homens também têm orgulho, e muito. Hammond mais que a maioria, suponho. E decerto não iria abrir o coração para você se...

— Coração?! John não tem coração!

— Engana-se. Seu marido esconde muito bem, mas, de fato, creio que Hammond seja como eu.

— Ora, não diga tolices!

— É sério, Victoria. Você é muito diferente de mim. Apega-se com facilidade às pessoas e confia nelas sem reservas. Até que lhe dêem motivos para deixar de confiar. Aí, desculpe-me por dizer, mas você se torna mais fria que o inverno da Escócia.

Aquilo a magoou. John havia feito a mesma descrição.

— Quer dizer que sou incapaz de perdoar, que sou uma espécie de rainha de gelo?

— Suas paixões são intensas e duradouras, minha querida. Você vê tudo em termos exatos. Branco ou preto. Certo ou errado. Amigo ou inimigo. Nem todos são assim, Eu não sou. E creio que o visconde também não é. Somos mais moderados, mas tão orgulhosos quanto você. Só que nos expressamos de maneira diferente. Em geral disfarçando nossos sentimentos.

— Não acredito que esteja se comparando a John. Você não é como ele. Nunca mente, e seria incapaz de brincar com a sensibilidade de quem quer que seja. Não seria infiel com aqueles que a amam. Não fugiria das situações difíceis. Se estivesse errada e magoasse a outra pessoa, reconheceria seu erro e pediria perdão. Conheço Hammond muito bem.

Portanto, você não sabe do que está falando.

Daphne colocou a mão no ombro de Victoria.

— Você o amou um dia. Tenho certeza disso.

— Isso não é novidade para ninguém. E sofro ainda mais por fazer papel de tola diante dos outros.

— Concorde, mas não deve ser fácil para um homem ser desprezado pela mulher que amou e que o amava tanto. Tê-lo mandado embora de sua cama... O lado físico é muito importante para os homens, bem mais do que é para nós. Acho que sabe disso, querida. Victoria arregalou os olhos.

— Está do lado de John, Daphne?

— Não. Estou procurando entender o lado de seu marido, isso sim.

Saber que sua melhor amiga tomava a defesa de John era demais para Victoria.

— John Hammond é um caçador de fortunas, um interesseiro. Mentiu para mim e me abandonou. Depois teve uma amante após outra. E a sociedade diz que eu sou a culpada!

— Todos têm consciência de que a responsabilidade não é toda sua. Eu ouço os comentários. Há gente que condena John por não ter arrastado você para a cama e exigido um herdeiro há anos. Existe os que duvidam da masculinidade de seu marido, e isso é muito duro de suportar. Hammond parece não dar a mínima para a opinião geral, mas eu creio que ele esconde o que lhe vai no íntimo.

Victoria esfregou a nuca, irritada, lembrando-se da cena no museu.

— Não sei como alguém poderia questionar a masculinidade de John. Com tantas mulheres que já teve, não tem de provar mais nada.

— É assim tão difícil imaginar por que Hammond recorreu a tantas amantes?

Peggy e eu consolamos um ao outro. Creia, nós dois precisávamos disso.

— Você está sendo cruel, Daphne. Está afirmando que sou culpada.

— Não. Só estou tentando imaginar o que John enfrentou durante esses oito anos. Não o conheço muito bem, e posso estar totalmente enganada quanto ao caráter dele. Anthony diria isso, pois, para ele, John deveria ser enforcado, arrastado em praça pública e esquartejado por ter magoado sua irmãzinha.

— Anthony o odeia porque sabe julgar muito bem o caráter das pessoas. Melhor do que eu, sem dúvida.

— Tem certeza? — Daphne sorriu. — Foi você quem olhou para uma moça pobre e sem família e achou que eu seria melhor esposa para seu irmão que lady Sarah. Pelo que me recordo, Anthony nem sabia de minha existência.

— Demorou um pouco para eu convencê-lo. Mas estava certa a seu respeito, e não me arrependo.

— Se isso é verdade, então devo dizer que você é ainda melhor do que pensa para julgar o caráter alheio. Apaixonou-se por John e, mesmo sendo muito jovem, não creio que fosse uma tola. Ele devia ter algumas qualidades, e você as pressentiu. Caso contrário, não o teria amado.

— Quando me apaixonei, não sabia nada sobre John. Mas não importa. Não o amo mais. O amor acabou, e quando isso acontece, não há como recuperá-lo.

— Engano seu. Apaixonei-me por Anthony duas vezes.

— Querida, chega, sim? Não quero me apaixonar de novo. Não por Hammond. Eu lhe asseguro.

O bebê acordou e começou a chorar. E Victoria sentiu o estúpido desejo de fazer o mesmo.

— É inútil falarmos de amor — sussurrou.

— E quanto a filhos, Victoria? Não gostaria de tê-los? Aquela questão penetrou seu coração como se fosse uma faca. Havia tempos desistira de ser mãe, e já estava acostumada àquela idéia.

— A sociedade toda me condena por não ter tido uma criança. Vai fazer o mesmo?

— Não se trata de condenar, amor. Só perguntei se deseja ser mãe.

— Evidente que sim! Sempre quis, sempre soube o que queria da vida. Costumava sonhar com um marido que me amasse. Eu o amaria também e teríamos muitos filhos. Quando me casei com John, achei que meu sonho tinha se tornado realidade. — Soluçou, e seus olhos umedeceram — Isso quando eu ainda era uma garota romântica e idiota.

— Não há nada de idiota em querer ter um marido e filhos para amar. Você já tem um marido. Ele também quer filhos. Já parou para pensar que essa pode ser a segunda chance para que realize seu sonho?

— Com Hammond? Não, Daphne. Mesmo se eu voltasse a desenvolver algum tipo de afeição por ele, o que é pouco provável, que diferença faria? John não me ama, nunca me amou e nunca me amará. E eu não o quero mais. Só isso.

— Se prefere assim...

— Prefiro. Ainda que o amor não tivesse nada a ver com isso, que o casamento fosse um simples conviver, Hammond e eu não temos chance. E chega dessa história.

Capítulo VI

O som de espadas chocando-se e as imprecações dos homens enchiam o Angleo's, clube de esgrima freqüentado por todos os cavalheiros da alta sociedade londrina.

Dylan Moore já estava lá quando John chegou. Costumavam treinar juntos todos os dias, mas ultimamente John se mantivera muito ocupado tentando reconquistar sua esposa.

Uma semana inteira se passou desde que haviam encontrado com lady Darwin, na Bell's. Tentou falar com Victoria diversas vezes, mas ela se recusou a vê-lo. Naquele dia expiravam as três semanas que Victoria pedira, mas, quando John foi buscá-la, os baús não tinham sido arrumados. Na verdade, ela nem sequer o recebera.

A menos que quisesse usar os meios legais, ele e Victoria se encontravam num impasse. John não sabia o que fazer. Sentia-se como uma caldeira pronta para explodir. Por isso, pediu a Dylan que o encontrasse no Angleo's para que pudesse extravasar um pouco da tensão no treinamento.

— Pede-me para encontrá-lo aqui e chega atrasado!

John não disse ao amigo que se atrasara porque estava preocupado, frustrado e, pior de tudo, sem esperanças. Ficou ali, parado, observando Dylan tirar o casaco e a gravata, que entregou ao funcionário, perto da porta. O empregado saiu, e John escolheu sua espada favorita.

— É melhor tomar cuidado comigo, hoje, Dylan. Estou de péssimo humor e pretendo descontar em você. — Brandiu a espada no ar. — Mulheres parecem ter parte com o demônio.

— Problemas conjugais? — Moore indagou, com simpatia.

— Você não sabe nem da metade.

Os dois ficaram de frente um para o outro, deram um passo na posição *en garde*, cruzaram as lâminas e deram início ao treino.

— A cidade toda comenta que lorde e lady Hammond estão se reconciliando. Ou será que não estão?

— Reconciliando? — John deu um salto para a frente e golpeou duas vezes com tamanha força que seu oponente teve de recuar vários passos para suportar os golpes.

— Vocês foram vistos juntos no Covent Garden. Piqueniques e passeios de carruagem...

— Dylan começou a rir. — Beijou sua esposa no Hyde Park, levou-a ao museu, compraram cortinas novas juntos. Isso soa como reconciliação, para mim.

— Digamos que foi mais uma trégua no meio de uma guerra sem-fim. Belo concerto, brilhante sinfonia — disse, tentando desviar do assunto.

— Obrigado. — Moore atacava, John defendia, e as espadas se chocavam no ar com o som característico. — Ouvi dizer que lady Darwin também foi às compras na semana passada. Essa foi a razão de a trégua ter acabado?

Ele deveria saber que Dylan não ia parar.

— Será que meu casamento é seu tema favorito agora? — John andava em círculos, esperando pelo próximo movimento do adversário.

— Não. — Moore tornou a sorrir. — Não consegui amansá-la, nem trazê-la de volta com um beijo ou dois, não é?

John não aceitou a provocação.

— Pelo visto, não.

— Ela o mandou para o inferno, não foi? — Moore sabia o suficiente sobre as mulheres para não esperar pela resposta. — Quando você descobriu que precisava de um herdeiro e se aproximou, o que achou que Victoria faria? Que entenderia sua posição e cumpriria

seu dever? Ou então que voltaria correndo para sua cama, só porque você tem fama de ser um excelente amante?

— Não me aborreça, Dylan!

Moore desatou a rir, mas John continuava sério.

— Não tenho uma esposa. E faz mais de oito anos.

— Bem, nesse caso, quem é aquela linda dama que anda por aí se apresentando como lady Hammond? — Moore empurrou com o punho, forçando as lâminas em arco em direção ao teto, e trocou de posição com John, para atacar.

Prevendo o movimento, John se afastou e evitou o golpe. Retornou para a frente de seu oponente e, quando ele se virou, colocou a ponta da espada em seu peito.

— Ponto! — E retornou à posição inicial.

— Sabe do que estou falando. — Moore acompanhou John ao centro do salão. — Olhos lindos, boca pequena... Lembro-me de ver você se casando com uma mocinha assim há alguns anos.

— Duas pessoas vivendo em casas diferentes e dormindo em camas separadas não é um casamento. É uma piada.

Aço contra aço, a luta prosseguia. Um atacava, o outro defendia, pois os dois tinham a mesma destreza.

— Uma piada, John? Mas não o vejo rindo. Por que será? John não respondeu.

Ameaçou com a esquerda e atacou com a direita, mas seu adversário não se deixou enganar. Moore desviou, e a lâmina atingiu a parede. Antes que pudesse se recuperar, Moore o atingiu no quadril.

— Ponto! — gritou Moore. — Não está se concentrando, camarada.

— Acha mesmo? Ainda assim consegui marcar um ponto agora há pouco.

Os dois voltaram à posição *en garde*, tocaram as espadas e reiniciaram. Continuaram em silêncio por vários minutos, durante os quais só se ouvia o ruído de lâminas se chocando. Não demorou muito para Moore tornar a falar:

— Tenho uma sugestão que poderá ajudá-lo a alcançar a paz com sua esposa.

— Dylan, está casado há apenas sete meses. Espere mais alguns anos e depois venha me dar conselhos.

— Falo sério, meu amigo. Pelo menos me ouça. Sei que não vai gostar do que tenho a lhe dizer, mas pode ser útil.

John sentiu sinceridade na voz do amigo, e concordou em escutá-lo:

— Qual a sugestão?

— Diga a Victoria que gostaria que fossem amigos.

— Que absurdo! Achei que estivesse falando sério, mas isso é uma bobagem sem precedentes.

— John, torne-se amigo de sua esposa.

— Meu caro, onde você tem vivido todos estes anos? Victoria me odeia!

— Mais um motivo para tentar, já que não tem nada a perder. Grace e eu éramos amigos antes de nos casar.

— Ela era sua amante.

— Só depois que se tornou minha amiga.

— Eu o conheço, Dylan. Isso só pode ter sido idéia de Grace.

— E foi mesmo. Admito que detestei a sugestão, no início, mas foi a melhor coisa que poderia ter nos acontecido.

— Vocês estavam namorando, e nós já somos casados. Duas situações bem diferentes, como vêem.

— Somos casados agora, e não vejo diferença. Grace e eu ainda somos amigos.

— Só que não vivem brigando como cão e gato. E ela não o despreza. — Irritado, John abaixou a espada. — Vamos lutar ou conversar?

— Victoria pode voltar a se apaixonar por você. É isso o que teme? — Olhou-o bem dentro dos olhos. — Ou tem medo de se apaixonar por sua esposa?

Aquelas palavras tiveram o dom de despertar algo dentro dele.

— Amor, amor, amor! Estou ficando doente de tanto ouvir falar disso!

Será isso o que estou sentindo?

John atacou com vigor, usando toda a habilidade para levar Dylan até a parede. Pensou em quantas vezes Victoria atirara o amor que sentia em seu rosto, quantas vezes se referira à sua ligação com Peggy Darwin como sendo amor. De súbito, sentiu-se selvagem e ressentido com Dylan. Assim, continuou atacando até que encontrou um ponto vulnerável e atingiu-lhe o abdome.

— Ponto.

Dylan o encarou, estranhando a violência.

— Acho que atingi um nervo exposto.

Respirando forte, John deu um passo para trás e baixou a arma, virando-se de costas.

— Amor. As pessoas sempre usam essa palavra, sobretudo as mulheres, e o que significa? Quando as pessoas usam o termo, podem estar sendo enfáticas, idealistas ou fingidas. Ou tudo isso junto. Isso é amor?

— Se não descobriu a resposta até agora, não serei eu a ensinar-lhe. — Moore seguiu-o até o centro do salão — Eu sei que o encontrei.

— Mesmo? Como sabe que é amor? E quando o encontrou, como soube que era verdadeiro? Cupido disparou a flecha e os anjos cantaram? Foi isso?

— Com que desdém você fala de amor! Não tinha notado como é cínico a esse respeito, Hammond. É mais descrente no amor do que eu fui, se é que isso é possível.

— Não se trata de cinismo, nem de descrença. Eu apenas... não sei o que é o amor!

Aquela revelação o assustou. Olhava para seu amigo, mas era como se Dylan não estivesse lá. A única imagem que via em sua mente era a de sua mulher segurando um bebê, jogando-o para o ar e rindo.

— Hammond? O que houve?

— O quê? — John piscou, retornando ao presente.

— Está aí parado, fitando o vazio. Não se sente bem?

— Talvez não; não sei... Creio que seja melhor pararmos por hoje.

Então isso é amor?

Essa questão ainda o atordoava quando os dois amigos depositaram as espadas, retiraram os casacos e saíram do clube.

A linda tarde de maio dera lugar a uma fria noite de primavera. Enquanto esperavam na calçada por suas carruagens, Dylan tornou a falar, mas agora sem nenhum traço de ironia:

— Hammond, pense no que eu lhe disse. Sugira a Victoria que vocês se tornem amigos.

— Tenho certeza de que ela jamais concordará. É provável até que ria de mim.

— Pelo menos, tente.

John olhou para seu amigo, começando a compreender o que ele queria dizer.

— Se um homem e uma mulher se dão bem fora da cama, isso poderá levá-los a se dar bem na cama. E no que acredita?

— Vai depender do quanto você se esforçará para ser um bom amigo.

Apesar de seu péssimo estado de espírito, John conseguiu dar uma bela risada e agradeceu ao amigo, quando a carruagem dele se aproximou.

Moore ainda teve tempo de dizer:

— Posso *estar* casado, mas ainda tenho uma reputação a zelar.

O veículo de Dylan partiu, e John ali, parado, vendo-o se afastar. Recostado nas almofadas de sua carruagem, Dylan sorria, satisfeito consigo mesmo. Sabia muito bem o que Hammond sentia. Estava tão desesperado que era bem capaz de tentar se tornar amigo de Victoria. Pobre camarada! Ser amigo de uma mulher que se deseja é o próprio inferno na face da Terra. Mas muitas vezes é necessário que passemos pelo inferno para chegarmos ao Paraíso. No fim, Hammond poderia ganhar o filho que desejava e — mais importante — ter de volta a esposa amorosa que um dia tivera. Dylan adorava os dois e queria muito que conseguissem um casamento feliz. — Dylan Moore bancando o Cupido. Quem diria? — E mal podia esperar para chegar em casa e contar a Grace.

No caminho de volta para casa, John dispensou a carruagem e preferiu caminhar. Não pensava em amizade, mas em amor. O que era aquilo, afinal de contas? Poetas escreviam sobre ele, Moore escrevia sinfonias em seu tributo, as pessoas estavam sempre se apaixonando, falando ou sofrendo por amor, mas o que era isso de fato? De todos os homens do mundo, Dylan seria o último que John acharia que um dia iria se casar. Entretanto, ele se casara com sua amante. John não podia entender o que fizera com que um dos melhores partidos da Inglaterra se apaixonasse por Grace. Sem dúvida era uma bela mulher, mas Moore era louco por ela e a amava com uma intensidade assustadora.

Perdido em devaneios, mal notou que tomava o caminho errado. Deveria ter virado à direita na Brook Street, mas virou à esquerda, e foi parar bem em frente aos imponentes portões de ferro que cercavam o parque de Grosvenor Square.

Será que já não bastava daquele lugar? Se tivesse juízo, sairia logo dali e iria procurar uma mulher que o recebesse em seu leito. Porém, em vez de afastar-se, aventurou-se para dentro do parque e parou aos portões. Segurou com força as barras de ferro e olhou para dentro, vendo o banco de ferro em que sua esposa estivera brincando com o sobrinho, uma semana atrás.

Seus próprios pais nunca amaram um ao outro. Por ironia, seu casamento estava se tornando a mesma relação sem afeição que recordava de sua infância.

Começou a cair uma chuva leve, mas que molhava seu casaco e sua camisa. O ar estava muito frio, e John decidiu que era inútil continuar ali. Deveria voltar antes que o tempo piorasse.

Porém, não se afastou. Olhou para cima, para uma luz acesa na sala de estar de Tremore. Um brilho de cabelos dourados passou por ela. Victoria...

John recordou a mocinha que conhecera nove anos antes, apaixonada, vulnerável, que o adorava e dizia que o amava. Não conseguia entender como alguém podia se apaixonar em uma noite, depois de algumas danças e de um pouco de conversa. Isso não poderia ser amor. Não de verdade.

Soube, desde o começo, que tinha poder sobre ela, mas até aquele dia não compreendia por quê. Contra a vontade do irmão, compreendendo que John era irresponsável, inconstante e que estava falido, mesmo assim, Victoria se decidira a casar-se com ele, porque o amava.

John passou os dedos pelos cabelos e tirou a água do rosto. Qual o poder do amor, que fazia as pessoas perderem o juízo?

Permaneceu lá por longo tempo, no meio da chuva e do frio, procurando, nas janelas de Tremore, uma resposta para suas dúvidas.

Victoria se recolheu cedo. Anthony e Daphne tinham saído pouco antes para o jantar na casa dos Monforth, mas ela preferiu ficar. Tomou um banho quente, uma xícara de chá, vestiu a camisola e foi para a cama às nove horas.

Apesar do chá, foi muito difícil adormecer. Acostumada a longas recepções noturnas, não conseguia pegar no sono. Depois de uma hora rolando na cama, desistiu e desceu à procura de Quimby. Avisou ao mordomo que estaria na biblioteca e pediu outra xícara de chá.

Foi para a biblioteca, acompanhada de um empregado, que acendeu a lareira e saiu em seguida. Victoria apanhou um livro qualquer, pensando em ler até que o sono viesse. Porém, não teve chance. O vapor do chá nem sequer esfriara, e ela estava apenas na página dois do romance escolhido, quando uma voz a interrompeu: — Olá, Victoria. Assustada, ergueu os olhos para encontrar os de John, à soleira. Fechou o livro e ficou de pé.

— O que faz aqui?

— Procuo uma maneira de me aquecer e me secar. — Ficou encostado no batente, e Victoria pôde perceber que ele estava todo desarrumado.

As roupas ainda eram as mesmas que ele usara pela manhã, e dessa vez molhadas da chuva. Os cabelos escorriam água no colarinho, e a camisa ficara encharcada. Nem a barba estava feita.

Victoria passara a semana toda evitando o marido, e agora ele a pegava desprevenida. Devia mandá-lo embora, sem dúvida, mas, em vez disso, lembrou-se do toque da barba por fazer em seu ombro, quando ele a acordava de manhã.

John podia ter vindo para se aquecer, mas era ela quem estava sentindo calor, e isso não tinha nada a ver com a lareira. Mexeu os pés dentro dos chinelos e teve consciência de que usava muito pouca roupa.

— Quimby devia tê-lo anunciado.

— Não fique brava com seu mordomo. Quimby é um excelente serviçal, e tentou me dizer que você não estava em casa. Mas eu sabia que era mentira. E, como Anthony saiu, ignorei o mordomo e aqui estou. Muito rude de minha parte, não é?

— Como sabia de tudo isso?

— Estou lá fora há mais de duas horas. Vi você na sala quando começou a escurecer e as empregadas vieram fechar as cortinas.

— Duas horas! — Victoria o encarou, surpresa. — Com esse frio e essa chuva. Para quê?

— Não consegue adivinhar? — Afastou-se da porta e entrou na biblioteca, mas manteve distância. — Estava criando coragem para entrar e pedir a você para recomeçarmos.

John queria recomeçar. Victoria compreendia o que aquilo significava. Ele parecia sincero, mas e daí? Antes que pudesse falar, John continuou:

— Quando discutimos, você disse que não confia mais em mim, e tem motivos para isso. Mas eu só precisava vê-la.

— Foi para me dizer tal coisa que veio aqui?

— Sim. — Sorriu. — Muito pouco para quem passou duas horas na chuva, não?

O calor começou a se espalhar pelo corpo, e Victoria tentou se lembrar de que eram apenas palavras. Se pudesse ao menos acreditar que eram verdadeiras!

Os segundos passavam, o relógio bateu dez e meia. Ele teve um calafrio.

— Vou embora. Vejo que pretende ir dormir cedo.

— Não precisa ir, John.

O que dizia?! Será que perdera o juízo? Mas as palavras foram proferidas, e não havia como retirá-las. Assim, procurou, então qualificá-las.

— Quero dizer... Você está congelado e deve se aquecer primeiro. Poderá se resfriar se não o fizer, e isso não é nada bom.

— Quer que eu fique, Victoria? *Você nem imagina o quanto!*

— Sim, John. — E logo emendou. — Só um pouco. O sorriso do visconde foi indescritível. Victoria se sentou no sofá.

— Acho que devemos discutir algumas coisas. Ele ficou sério.

— Meu Deus! Duas horas de penúria, e agora quer discutir comigo! Que o Senhor tenha piedade de mim! — John fitou o teto. — E não creio que sejam temas fáceis, tais como a política irlandesa, ou como se poderia diminuir a pobreza no Império Britânico, não é verdade?

Como ele conseguia? Sempre dava um jeito de fazê-la sorrir.

John colocou o casaco sobre uma cadeira perto do fogo e se acomodou no sofá, ao lado dela.

— Sobre o que quer falar?

— Não sei... Pensei que se nos sentássemos para conversar, eu teria muita coisa a dizer, mas agora...

— Nunca faltava assunto para nós.

— Nem brigas e discussões.

— Verdade. E isso não mudou, caso não tenha notado.

— Evidente que notei. — Fez uma pausa. — Estamos casados há nove anos, e não o conheço, John. Durante nosso namoro e nos primeiros meses de casados, sempre fui aberta com você. Conte-lhe tudo sobre mim mesma, sobre minha família, meus sonhos, do que gostava. Mas, quando perguntava a seu respeito, sua infância, sua família, você fazia algumas piadas para fugir do assunto.

— E?

— Você é meu marido, mas continua um estranho para mim. Sinto que precisamos consertar isso. Se eu lhe fizer algumas questões, irá responder?

— Sobre minha infância basta saber que foi um inferno e que não suportaria comentar sobre isso. Mas não é sobre nós que quer falar?

— Sim. Promete que responderá minhas perguntas com toda a sinceridade?

— Prometo. Mas aviso que poderá não gostar do que vai ouvir.

— Você amou alguma de suas amantes? Qualquer uma?

— Não.

— Você me amava, John? — Já sabia a resposta, mas queria que ele admitisse. — Quando me pediu em casamento e disse que me amava... era verdade?

— Eu... — Passou a mão pelo rosto, suspirou e olhou-a bem nos olhos.

— Não.

Ali estava. A verdade brutal. John não tentou justificar, nem explicar nada. Aquela era a resposta que Victoria esperava, mas, mesmo assim, doía. Todavia, sempre era melhor a honestidade à mentira.

— Você teve um filho com alguma dessas mulheres?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim. Há muitos meios de se prevenir, métodos que um homem pode usar. Victoria, não me peça para discutir esses pormenores com você. Não consigo.

— Muita gente diz que o caçula de Peggy Darwin é seu, embora o marido o tenha assumido.

— Não, Victoria, não. — John se aproximou mais. — Sei que há rumores por aí, mas lhe asseguro de que o garoto não é meu filho. Também posso lhe assegurar que não tenho nenhum filho neste mundo.

Victoria sabia que poderia ser mentira, mas preferiu acreditar nele. E essa escolha trouxe-lhe uma enorme sensação de bem-estar.

— Posso lhe perguntar algo? — Ele fez uma pausa. — Por que se apaixonou por mim?

Pega de surpresa não só pela questão, mas pela intensidade da voz de John, Victoria tentou ganhar tempo:

— Por que me apaixonei por você?

— Sim, por quê? Quero dizer, você nem me conhecia. Até hoje diz que não me conhece. E no entanto, me amava. Como foi se apaixonar por uma pessoa como eu?

— Deus do Céu, não sei! Creio que porque você tornou as coisas muito fáceis. Quando estávamos juntos, tudo estava bem, e eu ficava feliz. O céu era mais azul, a grama mais verde. Sei que parece tolice, John, mas eu te amava mais do que a minha vida.

Ele levou a mão até o rosto delicado, as pontas dos dedos tirando os cabelos de sua testa.

— Nunca quis magoá-la, Victoria. Se não acreditar em mais nada do que eu falei, pelo menos acredite nisso. Quando nos casamos, eu queria ser feliz. Era tudo o que esperava da vida. Mas não era suficiente para você, não é?

— Se já tivesse se apaixonado, não precisaria me fazer essa pergunta. Já se apaixonou por alguém?

Ele desviou o olhar.

— Não, nunca.

Talvez John fosse incapaz de amar. Victoria não verbalizou isso, mas a conclusão ficou no ar.

— Nunca me amou, nem nenhuma outra mulher. Decerto não é apaixonado por mim agora. Então, dê-me uma boa razão para eu voltar para você. Além de ser sua esposa e de ter a obrigação de fazê-lo.

— Muito bem. — John chegou mais perto. — Porque eu a faço rir. Porque quando a beijo, você estremece, e confesso que adoro isso. — Envolveu-lhe o ombro. — E quando a toco, todo o mundo desaparece, ficando só nós dois. Quando estamos brigando, metade de mim fica a imaginar um jeito de tirar suas roupas. Essa é a resposta mais honesta que posso lhe dar.

— Vai me dizer também que nunca sentiu isso tudo por outras mulheres.

— Não é igual.

— Qual a diferença?

— Nenhuma outra mulher no mundo me deixou tão louco a ponto de eu querer quebrar os vidros da janela com minha própria cabeça.

— Não é o suficiente.

— Você é minha esposa e eu sou seu marido. Quero ter filhos, e sei que os quer também, Victoria.

— O que quer dizer é que quer um herdeiro.

— Não. Claro que preciso de um herdeiro, mas quero ter filhos. Não é para isso que as pessoas se casam?

— O casamento é uma decisão que exige muita sensibilidade.

— Isso para você. Para a maioria dos seres humanos que conhecemos, casamento não tem nada a ver com amor. É um tipo de aliança para garantir um herdeiro, e depois o casal segue vidas separadas.

— É isso o que pretende para nós? Um herdeiro, e depois voltará para suas amantes? Para uma união sem amor, esse é o único final possível. Creio que isso me dá o direito de ter amantes também, não?

— Não, Victoria. As regras devem ficar bem claras. Um herdeiro e nenhum outro homem.

— Se eu voltar para você, pode prometer que nunca mais terá outra amante?

Ele cruzou os braços.

— Nenhum homem responde a uma pergunta como essa.

— Por quê?

— Porque se eu disser que sim, você não acreditará em mim. Se disser que não, acabarei com qualquer chance que ainda tenha de reconquistá-la. Se disser que não sei, serei condenado por não dar uma resposta conclusiva. Não importa o que eu diga, será a coisa errada, e eu vou perder.

— Isso não é um jogo. Não tem nada a ver com ganhar ou perder. Mereço uma resposta sincera. Se eu voltar para você, for uma esposa fiel e lhe der um filho, será um marido fiel?

— Não sei.

Victoria meneou a cabeça.

— Não sabe? Que tipo de resposta é essa?

— Uma honesta! Eu lhe disse que essa é uma daquelas questões para as quais não há como responder. Dependerá de você.

— Ou seja, toda a responsabilidade pelo sucesso de nosso matrimônio está em meus ombros, e não tenho nem o direito de exigir fidelidade?

— Você terá fidelidade se fizer com que isso valha a pena, se não se transformar na cruel rainha de gelo que não consegue perdoar.

Aquilo doeu. Victoria mordeu o lábio, vendo o ressentimento no semblante do visconde. Ressentimento dirigido a ela; algo que não merecia.

— É cruel demais de sua parte dizer isso.

— Você queria a verdade.

— Pelo amor de Deus! — Victoria ficou de pé, zangada. — Você fala como se eu não estivesse sendo razoável. Como se fosse um absurdo uma esposa esperar que seu marido seja fiel. Ele também se ergueu.

— Faz sentido um marido esperar que a fidelidade valha a pena.

O som de soluços do outro lado da porta interrompeu qualquer resposta que ela pudesse ter dado. Ambos se voltaram quando a porta foi aberta e Beckham entrou com Nicholas, que chorava como se o mundo fosse acabar.

— Desculpe, senhor—a babá disse a John, com uma rápida reverência.

Victoria agradeceu aos Céus pela interrupção. Começava a concordar com o que ele dissera sobre não gostar de respostas honestas.

— O que houve, Beckham?

— Sinto muito, milady, mas tenho de encontrar Mr. Poppins.

— Oh, querido! — Victoria fitava o bebê. — Mr. Poppins está brincando de esconde-esconde com você, de novo.

— Acho que sim — respondeu a babá. — Sei que Nicholas esteve neste cômodo com a duquesa, e pensei que talvez o tivesse deixado aqui.

Victoria deu uma olhada pela biblioteca.

— Não o vejo.

— Mas quem é Mr. Poppins, afinal? — John quis saber. — É o brinquedo favorito de Nicholas—explicou Beckham.

— Duvido que tome a dormir se eu não o encontrar.

— Deixe-me segurá-lo para que você procure. — John foi até a babá.

Victoria se pôs a estudá-lo. Não havia mais raiva em seu rosto. John estava sério e parecia sentir-se desconfortável. Quase embaraçado. Ela não se lembrava de tê-lo visto embaraçado antes, e não resistiu:

— Quer mesmo segurá-lo?

— Bem, achei por um momento que poderia fazê-lo, mas agora não me parece mais uma boa idéia.

— Claro que é. — Victoria tirou a criança do colo da babá e a passou para o marido.

John, porém não se moveu.

— É que não sei como fazer isso.

— Veja, é assim. — Em seguida, entregou-lhe o bebê. John acomodou Nicholas em seus braços e, por um motivo só conhecido pelos anjos, o menininho parou de chorar no mesmo instante. Com o repentino silêncio, Victoria olhou para seu marido. Ele fitava Nicholas como se estivesse segurando um milagre nas mãos.

— Deus nos abençoe — murmurou a babá. — O senhor tem jeito com as crianças. Rindo, o bebê olhava para John, como se não soubesse o que fazer no colo de um estranho. Parecia estar enfeitiçado. Nem os bebês estão imunes, pensou Victoria. John encostou a testa na do menino.

— Se os rapazes souberem disto no clube, estarei perdido. É melhor mantermos isto entre nós dois, companheiro.

O bebê ria em resposta e levantou a mãozinha para acariciar o rosto de John.

— Como você fica bonito quando não está chorando! Tem os olhos iguais aos de sua mãe. Nenhum coração feminino estará a salvo daqui a alguns anos.

Nicholas resmungou e empurrou o peito de John.

— Não está interessado em conquistar as mulheres, não é? Não posso culpá-lo. Elas foram criadas para transformar a vida dos homens em um caos. Fique longe delas o quanto puder.

— Que coisa horrível de se dizer, John—protestou Victoria. Nicholas balbuciou:

— Pop... Pop...

— Obrigado por me lembrar de algo tão importante. — E John começou a andar ao redor da sala, com o menino no colo, procurando por Mr. Poppins.

Em sua busca atrás do piano, embaixo das mesas e entre as cadeiras, não parava de conversar com seu sobrinho:

— O problema, Nicholas, é que as mulheres são mais importantes do que tudo para nós, e elas sabem disso. Não que alguma vá usar isso contra nós. Jamais fariam tal coisa. Ajoelhou-se para verificar sob uma mesa redonda.

— Tenha muito cuidado com aquelas perguntas que não têm resposta — avisou ao bebê, que o olhava muito interessado. — As damas irão atormentá-lo com isso, de vez em quando. Escreva o que eu digo.

Victoria respirou fundo, mas ele não ligou.

— Evidente que, em tais circunstâncias, nós sempre agimos da pior maneira possível, retaliando e dizendo algo para magoa-las. — John fitou a esposa. — Depois, nos arrependemos e nos sentimos muito mal.

Pela primeira vez em oito anos, ele lhe pedia desculpa. Surpresa, Victoria se virou, para vê-lo dar a volta até o outro lado do sofá, e então emitir uma expressão de triunfo:

— Aqui está ele! — disse, sacudindo o ursinho marrom.

Com um grito de prazer, Nicholas abraçou o brinquedo e afundou o rostinho no tórax de John, como se estivesse agradecendo.

Com o coração apertado, Victoria desviou o rosto, para não testemunhar a cena.

Quando tornaram a ficar a sós, o silêncio foi constrangedor. John caminhou na direção de Victoria.

— Minha querida...

— É muito tarde. — Dando um passo para trás, ela encostou-se na escrivaninha.

— Nem tanto.—Ele continuava a andar, devagar, dando-lhe tempo para fugir.

Por alguma razão inexplicável, ela não procurou escapar. Ficaram frente a frente. John segurou a trança de Victoria e a beijou, sentindo o aroma de violetas.

— Victoria!

Ela começou a tremer por dentro e apertou a beira da escrivaninha, lembrando-se dos sonhos impossíveis de sua juventude, tão distantes agora.

John jogou a trança para trás e, com ambas as mãos, levantou o rosto de Victoria. Seus dedos percorriam os lados do nariz, a curva da sobrancelha, o queixo, os lábios. Fazia tudo isso sem encará-la, fitando apenas os caminhos traçados. Enquanto afagava o rosto com a mão esquerda, a direita descia até a cintura.

— Eu vim aqui por uma razão. — Só então a olhou nos olhos. — Beijar você e para fazer as pazes.

— Não tinha me falado nada sobre a parte do beijo.

— Eu a enganei de novo. — Baixou a cabeça e beijou-lhe a boca.

O beijo de John, tão poderoso como no museu, tão poderoso como sempre, tornava muito fácil esquecer de tudo. Os dedos dele, tão seguros, descendo até os quadris, puxavam-na para mais perto, fixando-se em suas nádegas.

Victoria se soltou da escrivaninha para enlaçá-lo. Seus lábios se abriram, e ela aprofundou o beijo.

As línguas se tocaram, e John apertou ainda mais seus quadris.

Imagens eróticas com John, que a consumiam havia anos, emergiram com força total.

John soltou um gemido e interrompeu o beijo. Inclinou-se para um lado e, com um movimento do braço, limpou a escrivaninha, derrubando uma pilha de livros no chão. Então, segurou Victoria pelas nádegas e a colocou sobre o tampo.

Alcançou a fita ao redor da cintura e puxou com força, desfazendo o laço. Com as pontas dos dedos tocou os seios redondos através da camisola, sentindo os mamilos endurecidos.

Victoria quase desfaleceu de um prazer que havia muito não sentia, que a fazia gemer de excitação. Estreitou mais o abraço ao redor do pescoço dele, guiando a cabeça de John em direção aos seios.

Ele tocou a ponta de um mamilo com os lábios, umedecendo a seda da camisola, enquanto apertava o outro. Sensações inebriantes a consumiam a cada movimento dos dedos e de sua boca.

Victoria segurava a cabeça de John entre as mãos, fazendo-o afundar o rosto em sua pele alva. Estava perdida na calorosa urgência daquelas carícias. Fazia anos que não sentia as mãos do marido tocarem seu corpo daquele jeito. Podia ouvir os sons que vinham de sua própria garganta, fruto de um desejo desesperado. Gemia o nome dele. John sé endireitou, levando a mão até à nuca de Victoria, procurando desabotoar-lhe a camisola. Começou a abrir os botões de pérola e a erguer-lhe a camisola para cima de seus joelhos, ao mesmo tempo.

— Deus, como senti falta disso!

— Do quê? De ter uma mulher?

A pergunta teve o efeito de um balde de água fria sobre Victoria. O que estava fazendo, afinal?

Num movimento rápido, ela fechou bem as pernas, dando um fim a toda a loucura de alguns minutos antes.

John ficou estático, as mãos entre as coxas dela, tentando mover-se um pouco mais para cima.

— Victoria...

Ela tentava se desvencilhar.

— Deixe-me ir! Solte-me! — Desesperada, bateu com a palma da mão no ombro dele, afastando-o. Virou-se de lado, descendo da escrivaninha, pisando na ponta do robe, na tentativa de se afastar. — Perdi a cabeça. Não compreendo como cedo tão fácil a você.

Victoria esfregou a testa uma, duas vezes, perguntando-se o que teria acontecido com seu cérebro.

— Como posso ser tão estúpida?!

John a encarava, ainda com a respiração acelerada, uma expressão de descrença no semblante. Deu um passo buscando alcançá-la e tocá-la, mas ela fugiu.

— Não posso sequer culpá-lo por isso. Essa é a pior parte. Você nem se deu ao trabalho de mentir para mim. Acabou de dizer que nunca me amou, que não pode prometer ser fiel e menos de trinta minutos depois, eu estava pronta para me entregar. Onde estava com a cabeça?! Onde foi parar meu amor-próprio?!

— Amor próprio? Não diga tolices. Você é minha esposa. Não há nada de errado em querer fazer amor com seu marido. Senti o quanto queria, Victoria. Por que parou? Às vezes tenho vontade de desistir de entendê-la.

— Vá embora, Hammond.

John ajeitou as roupas. Victoria também se recompunha. Um pesado silêncio abateu-se sobre eles.

Instantes depois, John foi até a cadeira onde deixara seu casaco e o vestiu.

— Seu prazo expirou. Virei buscá-la amanhã ao meio-dia. É melhor decidir hoje onde quer morar, ou Tremore poderá esperar uma demanda judicial logo para o dia seguinte. Victoria pensou em retrucar, mas, quando seu marido se virou para encará-la, desistiu. Conhecia muito bem aquele olhar determinado. Era inútil discutir.

— Eu dei minha palavra. Quero uma esposa apaixonada, por isso não precisa se preocupar, pois não vou tomá-la à força. — E John se foi.

Muito fácil dizer para ela não se preocupar.

De todo modo, a preocupação de Victoria era bem outra. O que a deixava fora de si era saber que, apesar de tudo, John ainda era capaz de fazê-la derreter-se toda quando a tocava e de incendiá-la quando a beijava. Ela não era mais a garota ingênua de anos atrás, mas ainda queria aquele homem. Como seria fácil apaixonar-se pelo marido de novo, dizer "sim" e dar-lhe o que ele queria, sem receber nada em troca! Nem mesmo uma promessa de fidelidade.

Não, não estava preocupada. Estava apavorada!

Capítulo VII

Amanhecia quando, enfim, John conseguiu controlar seu desejo e voltar a raciocinar. E precisava pensar bastante para decidir a próxima estratégia.

Fitava sem apetite o prato de ovos com *bacon*. Se tivesse sido menos afoito na véspera, se houvesse aproveitado a abençoada oportunidade que tivera, poderia ter levado Victoria para o quarto lá em cima. Mas não. Em vez disso foi autoritário e acabou por lembrá-la de que as três semanas haviam acabado.

Se Victoria não viesse com ele, mais tarde, teria de cumprir a ameaça e recorrer à Justiça, algo que de fato nunca lhe ocorrera fazer.

Largou o garfo, com um suspiro exasperado. Nenhum homem deveria passar por aquilo para ter sua própria esposa.

Rememorou a sugestão de Dylan. Era um tanto maluca, mas isso era bem próprio do amigo.

Tornar-me amigo de Victoria...

—A correspondência, sir—anunciou Pershing, o mordomo.

Surpreso, John olhou para Pershing, que colocava o pacote de cartas perto da bandeja.

Aquela era uma tarefa costumeira de Stone, seu secretário particular.

— Onde está o sr. Stone, Pershing?

— Contraiu sarampo, milorde. O médico o aconselhou a passar uns dias na casa da irmã, em Clapham, até que a doença deixe de ser contagiosa. Manda dizer que lamenta muito não poder servi-lo pelos próximos dez dias.

—Envie-lhe uma nota e diga que prefiro um secretário ausente a toda uma equipe enferma. Diga-lhe que fique em Clapham até que esteja totalmente recuperado.

— Sim, sir. — E retirou-se.

John mirou os envelopes e encontrou um convite para lorde e lady Hammond jantarem na mansão de lady Snowden. Parecia que a condessa estava bem mais otimista do que ele em relação a seu casamento.

Uma nota da TattersallFs confirmava que a égua que adquirira duas semanas atrás fora entregue na propriedade de Northumberland. Ele a comprara para Victoria, mas agora, do jeito como as coisas iam, duvidada de que voltassem a cavalgar juntos. Como o recado não exigisse resposta, atirou-o na lareira e continuou a observar as correspondências.

Encontrou um relatório de seu capataz sobre a situação em Hammond Park, uma conta do alfaiate e outra do fabricante de botas, ambas de cobrança da fantasia que pretendia usar no baile de caridade de Victoria. Uma festa para a qual nem sabia se seria convidado. E outra carta de Emma Rawlins.

Fitou o envelope, suavemente perfumado, durante minutos. Era de admirar a persistência daquela dama. Já perdera a conta das missivas que recebera — doze, talvez mais. Leu as primeiras linhas — desculpas por ter sido tão possessiva, depois censura pela frieza dele, então desespero pela falta de atenção —, até que decidiu nem sequer abrir mais os outros envelopes. Soube que Emma vendera o sítio que lhe dera e fora viver na França.

Desejando que ela continuasse por lá, John atirou a carta ao fogo, sem abri-la.

Guardou apenas as contas, o relatório do capataz e o convite, sobre o qual conversaria com Victoria mais tarde, e saiu.

No caminho até Grosvenor Square, procurava antecipar o que Victoria faria. Ela poderia ser tão imprevisível como o tempo, mas a única coisa que esperava era que não fosse necessário recorrer ao Parlamento.

Quando chegou à mansão de Tremore, descobriu que Victoria não concordava, nem se recusava a vê-lo: ela deixara a cidade.

— Onde Victoria está? — perguntou à duquesa de Tremore, que veio lhe dar a notícia. A duquesa não respondeu de imediato. Mexeu seu chá e inclinou a cabeça, estudando-o.

— Antes que eu diga, gostaria de lhe perguntar algo. Se Victoria se recusar a voltar para você, tem mesmo intenção de recorrer ao Parlamento?

John sorriu.

— Cara duquesa, às vezes penso que nem mesmo o Parlamento seria capaz de forçar minha mulher a fazer algo que não deseja.

Daphne não se mostrou satisfeita. Continuou a olhar para ele, esperando uma resposta, que John não sabia qual era.

— Recuso-me a aceitar a possibilidade de que ela não volte.

— Até quando vai esperar?

— Até que eu consiga convencê-la.

— Isso pode demorar, milorde.

Sem argumento, John baixou a cabeça e murmurou:

— Sim.

— O amor não é a base de sua determinação em reconquistá-la, não é?

O que era aquilo? Uma acusação, uma condenação? Antes que ele decidisse, Daphne tomou um gole e tornou a falar:

— Minha cunhada está em Enderby.

A repentina capitulação da duquesa o espantou, mas tentou não demonstrar.

— Não esperava por isso, não é, sir?

— Para ser franco, milady, não. Há alguma razão especial para ter me contado? Deve haver, para arriscar-se assim a contrariar seu marido.

— É verdade. Se magoar Victoria de novo, sir, Tremore irá desafiá-lo para um duelo e o matará sem piedade; creia-me.

— E a senhora? Compartilha desse sentimento?

— Não. — Olhou-o com compaixão. — Sei o que é o desespero, Hammond. Ao contrário de meu marido e de minha cunhada, já sofri muito neste mundo por não ter dinheiro nem meios para sobreviver. Passei momentos terríveis em que seria capaz de fazer qualquer coisa para me livrar do terror. Se o destino não tivesse posto o duque de Tremore em meu caminho, eu teria sido forçada a me casar por dinheiro. — Fez uma pausa. — Ou coisa pior.

— Fico feliz que não tenha sido necessário — disse ele com todo o coração.

— E o senhor tem um outro aliado nesta casa. Fiquei sabendo que meu filho o adorou.

John tornou a sorrir, lembrando de Nicholas e de Mr. Poppins.

— A senhora tem um filho maravilhoso, duquesa. — E experimentou uma pontinha de inveja, a mesma que sentira ao observar a família Tremore no banco do jardim.

— Obrigada. — Daphne ficou de pé. — Espero que esteja sendo sincero quando afirma querer um casamento de verdade e uma família, Hammond. Porque, se não estiver.

Deus tenha piedade de você.

John também se ergueu.

— Porque seu marido vai me desafiar para um duelo?

— Não. Porque pouparei Anthony do trabalho, e eu mesma lhe darei um tiro.

Acredito nisso, duquesa. — John estendeu a mão para ela. — Mas pode ficar descansada: estou sendo sincero. Tanto quanto obstinado, garanto. Posso ser cínico, um mau marido, mas lhe falei com franqueza. — E beijou a mão da dama.

John partiu sem entender por que caíra nas graças da duquesa, mas estava muito grato por isso. Decidiu que não iria para Enderby de imediato. Sua esposa desistira da batalha

legal, mas ainda não se rendera. A noite na biblioteca de Tremore demonstrara que Victoria ainda não estava pronta e que ele deveria dar-lhe espaço para respirar. John deixou passar uma semana. Então, acompanhado de seu mordomo e de mais dois empregados, foi para Enderby, chegando lá uma hora antes do jantar.

Sua chegada causou alvoroço, pois o senhor de Enderby não vinha ao local fazia anos, nem mandara anúncio algum de que viria.

John perguntou a Hawthorne, o atual mordomo, onde lady Hammond poderia estar.

— Creio que milady repousa, sir. Quer aguardar na sala, enquanto o anúncio?

— Espera mesmo que me sente e congele os pés esperando em minha própria sala, Hawthorne? — perguntou, sorrindo.

O mordomo corou, envergonhado.

— Não, senhor, perdão.

— Muito bem. — Não viu necessidade de embarçar ainda mais o pobre-coitado. —

Mande levar minha bagagem lá para cima e mostre tudo a Stephens. Sabe o que quero dizer, apresente-o aos demais, mostre as instalações, informe os horários das refeições, enfim, tudo o que for necessário;

— Fique tranquilo, sir. — Hawthornese sentiu muito aliviado por não ser repreendido logo no primeiro dia por um patrão que mal conhecia.

John começou a subir as escadas, alisando o corrimão de ferro. Embora aquela fosse uma de suas propriedades, tornara-se a residência de Victoria quando se separaram. Não vinha à propriedade fazia quatro anos, mas lembrava-se bem de onde eram os quartos, Victoria fizera muito pela propriedade. Era uma casa bem feminina, agora, toda as cores eram suaves e repleta de vasos de flores.

Parou à soleira dos aposentos dela, girou a maçaneta e entrou sem fazer nenhum ruído. Victoria dormia, e o som afez se mexer, mas não acordou. Virou-se de lado e ficou de frente para ele, os cabelos cobrindo-lhe a face. Estava toda dourada, como uma leoa adormecida.

John tossiu, e ela tornou a se mexer. Devagar, abriu Os olhos.

— Confortável?

— Você? — Ela pulou da cama, totalmente desperta. John fora rápido demais na semana anterior. Teria de ser algo mais leve dessa vez.

— Eu ia me deitar ao seu lado e acordá-la com um beijo, mas você despertou antes. — Meneou a cabeça, desapontado.

— Que belo plano desperdiçado?

Seus olhos se estreitaram. Se Victoria fosse mesmo uma leoa, decerto John teria na carne as marcas de suas garras, àquela altura.

— O que faz aqui? Saia de meu quarto!

Ele fez exatamente o contrário. Afastando-se da porta, começou a olhar ao redor, fingindo enorme interesse pela mobília.

— Então este é seu dormitório. — Ora, mas o que estou dizendo? Foi pintado de rosa, portanto, claro que é seu. — Dirigiu-se para a porta de comunicação com os aposentos que ele ocupava. — Não pintou o meu de rosa também, não é?

— Deveria ter pensado nisso. John exalou um suspiro.

— Aproveite o repouso, querida. Vejo-a ao jantar. Vamos seguir os horários da cidade ou do campo? Ah, não se preocupe. Perguntarei a Hawthorne. Gostaria de jogar xadrez após a sobremesa, ou prefere fazer outra coisa?

Victoria escondeu o rosto entre as mãos.

— Deus deve me odiar. Só pode ser isso, para colocar você assim em meu caminho.

John fez um esgar de desgosto e abriu a porta que dava para seu quarto.

— Você me faz sentir como se eu fosse uma das pragas do Egito.

Ela o encarou.

— Aí está uma ótima definição do que você é. — E o empurrou para fora do aposento.

— Quer fazer o favor de sair?!

Decidido a não abusar da sorte, John obedeceu.

— Estou indo, querida. A propósito, o que mandou preparar para o jantar?

— Fígado. — Ela esboçou um sorriso malévolos.

— Ótimo! Meu prato predileto. — A porta bateu em seu rosto, mas John ficou no mesmo lugar, para tentar ouvir do outro lado.

— Homem insuportável!

Dando risada, John puxou a campainha para chamar Stephens e começou a se preparar para o jantar.

Certa de que John a seguiria até Enderby, Victoria passara os primeiros dias ansiosa, esperando, a todo minuto, ver a carruagem dele. Após uma semana, começou a crer que, finalmente, ele desistira da reconciliação. Foi então que o inesperado aconteceu: deu-se conta de que sentia falta do marido. Sobretudo à noite, sentada perto da lareira, quando se lembrava dos ardentes momentos na biblioteca de Grosvenor Square.

Naquele momento, no jantar, mantinha a cabeça baixa, estudando-o com rápidos olhares para o outro lado da enorme mesa. Estranho tê-lo ali, naquela casa que ela já via como sua.

De repente, John largou o garfo.

— Isso não vai funcionar.

Victoria desviou a atenção da torta de maçã.

— A que se refere?

— A fazer as refeições calado ou falando sozinho.

— Não tenho a menor vontade de conversar.

— Eis algo que ficou bem evidente, Victoria. O que há de errado?

Ela engoliu o pedaço de torta, tomou um pouco de água e pigarreou.

— Stephens arrumou sua cama, não?

— Por quê? Tem alguma sugestão melhor de onde eu deveria dormir?

— John! — Victoria enrubesceu, fitando Hawthorne e os dois empregados em pé.

John se dirigiu ao mordomo:

— Hawthorne?

Ele deu um passo à frente.

— Pois não, sir.

— Leve os empregados e deixe-nos a sós. Chamarei se precisarmos.

O mordomo se inclinou e se retirou, seguido pelos demais empregados.

Victoria o olhava, surpresa.

— Mas ainda não terminamos. Por que os dispensou, John?

— Porque quero que conversemos sem que os use como desculpa.

— Você quer conversar? E inacreditável! Você?! John se inclinou e tomou um gole de vinho.

— Fiquei pensando no que disse naquela noite, que não quer um casamento de conveniência, do tipo que a maioria das pessoas tem. Cheguei à conclusão de que só há uma maneira de evitarmos que isso aconteça: temos de ser amigos.

— O quê?!

— Isso mesmo. Passamos os últimos oito anos separados, sem saber um do outro. Você não confia em mim e tem todos os motivos do mundo para isso. Então, o único remédio para nossa situação é nos tornarmos amigos.

— Nunca ouvi absurdo maior em toda a minha vida. Você e eu amigos. De onde tirou tal idéia?

— Foi Dylan quem sugeriu. Ele disse que gosta de nós dois e está farto de nos ver brigando. Acredita que, se nos tornarmos amigos, tudo ficará bem entre nós. Ela viu aquilo com ceticismo.

— Não sabia que Dylan era tão otimista.

— Ele é pai, e os pais têm de ser otimistas.

— Agora que Dylan está casado e feliz, não pode mais dar aquelas escapadas escandalosas com você.

— Não tenho mais interesse em fazer essas coisas, e não tenho feito ultimamente. Percebeu que os falatórios nos últimos meses não são mais a meu respeito? Victoria tinha de admitir que era verdade; Mas quanto tempo iria durar?

— Aonde você e Dylan vão, se está afirmando que não freqüentam mais bares e bordéis? — perguntou, curiosa.

— Ao Angleo's, por exemplo. Temos nos encontrado lá todas as noites para treinar esgrima.

— Eu os invejo. Sempre tive vontade de aprender esgrima, mas não me deixaram.

— Por que não?

— A Academia de Madame Dubreuil, em Paris, onde estudei, não permitia que meninas praticassem esportes atléticos.

— Quer aprender? — John se ergueu e foi para trás da cadeira de Victoria. — Vejo que terminou a sobremesa. Portanto, vamos lá. Vou lhe ministrar sua primeira lição de esgrima. Não disse que gostaria de aprender?

— Sim, mas isso foi há muito tempo, quando ainda era uma garotinha.

— Concordo que aos vinte e seis já está bem idosa, mas ainda será capaz de aprender uma coisa ou outra.

Ela riu.

— Querida, enxergue por este lado: você me odeia, não?

— Sim — respondeu, sem hesitar.

— Nesse caso, essa é a oportunidade perfeita para me bater com uma espada. Victoria não precisou de mais incentivo para decidir:

— O que estamos esperando?

— Sabia que não resistiria a essa idéia. — John lhe deu um rápido beijo no pescoço, antes que ela tivesse tempo de reagir. — Meus instrumentos de esgrima ainda estão no sótão?

— Creio que sim. Nunca mexi em nada do que era seu. Subiram as escadas lado a lado. No sótão, John descobriu que as espadas que usava para praticar em sua juventude continuavam intactas. Apanhou uma e deu a outra para Victoria.

— Faça o que eu fizer. — Ele levantou a mão esquerda, um pouco para trás da cabeça. Victoria o imitou.

— Bom. Agora, observe. — John colocou um pé à frente, mas Victoria encontrou dificuldade em fazê-lo.

— Minhas saias atrapalham. Ele se aproximou, sorrindo.

— Se esse é o problema...

— Não — interrompeu-o, antes que o marido pudesse concluir o pensamento.

— Se você as tirar...

— Já disse que não.

— Querida, se está com vergonha de mim, teremos de achar outra solução. — Atravessou o sótão e foi até o baú de onde tirara as espadas, e apanhou uma calça e uma camisa. — Costumava usá-las quando era garoto. Devem lhe servir. Victoria as aceitou e ficou à espera que ele se virasse de costas.

— Se quer que sejamos amigos, terá de ser bonzinho. Vire-se. Ele suspirou e obedeceu.

— Embora não ache que seja justo. Minha própria esposa, e não posso ver sua calçola!
— Já viu muitas por aí, milorde. Não precisa ver a minha. Quando por fim John a viu vestida com suas roupas de garoto, não pôde evitar uma gargalhada.

— Ficam muito melhor em você do que em mim! — E retornou ao centro da sala. Victoria arregaçou as mangas, e ficaram um de frente para o outro, armas apontadas. Dessa vez, pôde dar um passo adiante, dobrar o joelho e atacar com a lâmina, do jeito como ele tinha demonstrado.

— Esse golpe é o que se chama de arremeter. Repita-o, Victoria, só que agora mire em algum lugar de meu torso.

Ela mordeu o lábio e inclinou a cabeça para o lado, estudando-o. Depois, abaixou o olhar. Deu um passo à frente, arremetendo contra a barriga dele, mas, antes que conseguisse atingi-lo, John bloqueou o movimento.

— Isto é um bloqueio.

Victoria se endireitou com um cumprimento.

— Compreendo.

— Muito bem. — Olhou para ela, a espada apontada. — Você me odeia, não é verdade?

— Sim.

— Tudo bem. Aqui está uma oportunidade para demonstrar isso. — John fez um gesto com a arma. — Venha, ataque-me!

John a desafiava, Victoria pôde ver. Por isso, ergueu a espada, apontando para ele.

Mirou o peito largo e atacou de novo, mas o golpe foi muito fraco, e o marido só teve que se virar de lado para se desviar.

— Patético... — John meneava a cabeça. — Você não está se esforçando.

— Não quero feri-lo por acidente.

Ele explodiu em mais uma gostosa gargalhada.

— Tenho certeza de que não quer, sim, senhora. Ande, tente mais uma vez. Por que não pensa em algumas razões pelas quais me detesta? Talvez isso ajude. Responda, por que me odeia?

Victoria o encarou.

— Por quê? Ainda me pergunta? Há tantos motivos que poderia fazer uma lista.

— Diga-me, então. Mostre-me. E ela atacou com mais vigor.

— Melhor. — John deteve o golpe com um leve movimento do pulso. — Continue assim. Por que me odeia?

— Porque você mentiu para mim antes de nos casarmos. — Atacou-o.

Ele se defendeu, sem dificuldade.

— Belo golpe. Vai ganhar um ponto por isso.

— É que você é um alvo tentador.

— Sabia que ia funcionar. Não pare. Quero que ponha todos os ressentimentos para fora, agora, de uma vez por todas.

— É o que pretende? Acha que é tão simples assim? — Victoria prosseguia atacando-o e errando. — Pensa que isso resolve tudo?

— Não. — Atacou bem devagar, dando tempo suficiente para ela evadir-se. — Mas é um bom começo.

Ambos retrocederam.

— Então eu disse que a amava antes de nos casarmos e era mentira. É por isso que me detesta?

— Não é só por esse motivo. Houve Elsie.

— Ah! Sim, Elsie...

John parecia tão calmo que ela teve ímpetos de atirar a espada nele. Em vez disso, contudo, atacou-o, retrocedeu quando ele defendeu-se e, sem esperar, tornou a atacar. As lâminas se chocaram no ar.

— Quando descobri sobre ela, fiquei devastada. Não suportava mais dormir ao seu lado. Aí, você foi embora e eu o odiei por me deixar.

— Esperei um mês, dormindo sozinho, quase louco pelo fato de sabê-la no quarto ao lado e que não poderia entrar. Você não queria ser consolada. Tudo o que fazia era chorar.

— Assim, esperou um mês antes de me abandonar. Que bondade a sua! Um mês inteiro! Com essas palavras, Victoria sentiu como se a represa tivesse transbordado, e passou a investir com fúria com a espada.

— Você partiu sem me dizer adeus, John. Apenas fez as malas e se foi. Sem um bilhete sequer! Eu estava tão apaixonada que poderia até perdoá-lo, mas nunca tive essa chance. Não tentou ao menos ver meu lado na situação. Partiu meu coração e nem se importou com meus sentimentos. — Retrocedeu alguns passos. — Dois meses depois, apareceu aqui. Queria reconciliar-se, cheio de arrogância e prepotência. Avançou para ele, com renovado vigor.

— Não pretendia que fosse assim, Victoria, nem estava sendo arrogante ou prepotente. Muito menos quando você me esbofeteou e me mandou para o inferno.

— Mas você não foi para o inferno, não é? Foi para Jane Morrow. Só posso imaginar que não queria tanto a reconciliação.

— Se foi isso o que entendeu, devo dizer-lhe que estava totalmente errada. — John fez um movimento ofensivo, empurrando-a com a espada, mas devagar, dando tempo para Victoria escapar dos golpes.

— Será que estava mesmo errada? Então, você tinha um jeito muito estranho de mostrar como valorizava nosso casamento.

— Jane não significava nada para mim. Nem eu para ela.

— Então destruí meu coração pela segunda vez por alguém que não significava nada? Que adorável de sua parte! Vai me dizer que a usava para me esquecer?

— Na verdade, sim. Ela riu, com descrença.

— E Maria Allen? Outro consolo para um macho com o orgulho ferido?

— Se prefere colocar nesses termos, é isso mesmo. — Respirando fundo, John baixou a arma. — Pode não acreditar, mas pretendia me reconciliar com você, naquela época. Em Brighton.

Victoria o encarou de olhos arregalados.

— Do que está falando?

— Dois anos atrás, quando a segui até Brighton. Lembra? E o que você fez? Viu-me, olhou-me de um jeito capaz de congelar qualquer ser vivo e disse-me para voltar para minhas concubinas. Deixou a cidade antes que eu tivesse tempo de desfazer meus baús e foi para a casa de seu irmão.

— Mas minha partida não o impediu de encontrar Maria, não é?

— Não. E sim, envolvi-me num duelo por causa dela. Quer saber por quê? Nada muito nobre, admito, mas vou lhe contar. Fui o último de uma longa lista de amantes de Maria; no exato momento em que o marido decidiu que não queria mais ser enganado. Ele me desafiou, e demos um tiro um no ombro do outro. Estúpido, sem dúvida, mas é a verdade.

— E o que houve, então? Corri para Hammond Park, preocupada com você. E lá o encontrei, na cama, sangrando, o médico à cabeceira. Perguntei se iria ficar bem e o que me respondeu? "Sinto desapontá-la, mas não vou morrer. Talvez se tentasse um pouco

de arsênico..." Eu estava com tanto medo de que morresse, seu cabeça-dura, e tive de ouvir aquilo.

— Depois do que me aconteceu por causa de Maria, o que queria que dissesse? Algo do tipo "desculpe-me, querida, fiz tudo errado outra vez. Mas, se ficar comigo, pretendo consertar tudo". Seria essa a coisa certa a dizer?

— Palavras não importam para mim, John, mas suas atitudes. Já pensou em algum momento como tem sido minha vida? Vê-lo com todas aquelas amantes e saber que preferiu cada uma delas a mim?

— Não é nada disso. Eu teria preferido ficar com minha esposa. A mulher que deveria ser a mãe de meus filhos, que deveria estar em minha cama, mas não estava. Que deixou bem claro que me odiava, que jamais me perdoaria e que nunca mais suportaria ficar perto de mim.

— E em sua opinião isso justifica tudo?

— Não estou tentando justificar nada, Victoria. Pretendo apenas explicar por que fiz o que fiz.

A calma com que John se expressava, o fato de que não estava apenas se defendendo, mas também atacando, só a fazia sofrer ainda mais. Victoria reergueu a espada e atacou uma, duas vezes. Ele amparava cada um dos golpes com destreza, mas também recuava, permitindo que ela se movesse e o empurrasse para os fundos da sala.

— Eu o odeio por todas aquelas mulheres e não me importo se teve motivos para fazer o que fez! — Victoria gritava. — Odeio você por todas aquelas que você beijou, tocou e fez sexo. Por todas as coisas que disse ou deu a elas e que deveriam ser só para mim! As costas de John tocaram a parede, e ela atacou de novo, apontando a lâmina para o coração dele. John nem tentou se mover, e recebeu o golpe no peito.

— Tenho ódio de você. — Victoria se afastou, ofegante. — Por ganhar meu amor e destruí-lo e por não fazer mais do que duas tentativas inócuas para me reconquistar. E por voltar agora, apenas porque precisa de algo que nenhuma outra mulher pode lhe dar. Sem fôlego, deixou cair a espada. A imagem de John começou a ficar embaçada.

— Acima de tudo, eu o odeio por me magoar de novo, justo agora, que já tinha conseguido esquecê-lo!

Victoria deu-lhe as costas pensando em sair, mas John não permitiu. Ela ouviu o som da espada sendo colocada no chão, e não demorou a sentir os braços fortes se fechando a seu redor. John não se mostrava nem um pouco abalado, o cínico.

— Você disse que gostaria de me entender melhor, por isso tentei me explicar. Porém, não posso mudar o passado. Não irei embora de novo, Victoria, nem deixarei que você se vá. Desta vez, nós dois teremos de encontrar um jeito de viver juntos, sem ferir um ao outro. E por isso que temos de ser amigos.

Ela balançou a cabeça.

— É impossível.

— Porquê?

Victoria se desvencilhou do abraço, e ele não tentou impedir. Não respondeu à pergunta, pois seria desperdiçar palavras, e ela já estava exausta. Caminhou em direção às escadas, seguida pelo marido, mas nada disseram até chegarem à porta do quarto de Victoria.

— Boa noite, John.

— Por que é impossível, Victoria? Você sempre quis falar sobre tudo; então, diga. Por que é impossível sermos amigos?

Ela suspirou, frustrada.

— Porque, bem... Porque...

Não conseguiu mais falar, pois ele pegara uma mecha de seus cabelos e a colocara para trás da orelha.

— Porque amigos confiam uns nos outros, e eu não confio em você.

— Sendo assim, terei de reconquistar sua confiança. John estava sendo razoável, e isso era péssimo para Victoria. Sem poder evitar, ela umedeceu os lábios.

— Faz isso para me enganar, John, para me atrair para sua cama.

— E está funcionando?

— Não, e nunca mais funcionará.

— Então, não tem com o que se preocupar, não é?

— Não, não tenho. — Victoria tocou a maçaneta, desejando desesperadamente se afastar. — Porque ainda odeio você.

— Não. Não mais. — Fechou a mão sobre a dela para evitar que abrisse a porta. — Naquela noite, em Grosvenor Square, quando fiquei horas na chuva para vê-la, você me deixou ficar. Sei que me quer e que não me detesta mais.

John se aproximou, só o suficiente para que seus corpos se roçassem. Beijou-lhe os cabelos e o rosto, sentindo o coração de Victoria bater mais forte.

Ela experimentou um tremor de medo misturado com desejo.

— Vou fazer com que volte a confiar em minha pessoa — murmurou, acariciando a mão que segurava a maçaneta. — Você deixará de ter medo de mim.

Victoria cerrou as pálpebras.

— Não tenho medo de você. *Que mentira!*

E ele sabia disso também.

— Agora, quem é que está mentindo? — John beijou a orelha delicada, soltou-lhe a mão e deu um passo atrás. — Boa noite, Victoria — despediu-se ao chegar à soleira de seus aposentos.

Ela entrou na suíte e se trancou lá dentro. Enquanto Celeste a ajudava a se trocar, podia ouvir que John conversava com seu camareiro.

Onde fora parar seu orgulho? O que acontecera com seu ódio? Aqueles eram seus escudos e, sem eles, sentia-se fraca e vulnerável.

O fato era que sentia que não o odiava mais. Cada vez que conversavam, seu ressentimento diminuía um pouco; cada vez que ele a fazia rir, conseguia relembrar a magia de antigamente. Mas ainda não estava pronta.

Assim que a criada se foi, deitou-se no leito, abraçada ao travesseiro.

Caso se tornassem amigos, seria só uma questão de tempo para que voltasse a confiar nele. Se isso acontecesse, voltaria correndo à cama conjugai, com o coração na mão para oferecer-lhe, mais uma vez.

Que Deus tivesse piedade, porque, se depois de tudo isso John a deixasse, não haveria mais salvação para ela.

Capítulo VIII

Na manhã seguinte, Victoria não desceu e John decidiu levar o desjejum para ela, na cama. Foi até a cozinha, encheu duas bandejas e se dirigiu aos aposentos da esposa. Quando abriu a porta, encontrou-a sentada no leito, lendo as cartas que tinham chegado pelo correio matinal.

— O que faz aqui?! — gritou, quando o marido entrou, seguido por duas empregadas.

— O que lhe parece?—John fez um gesto para que as criadas colocassem as bandejas na mesa-de-cabeceira. — Estou trazendo seu café.

— Não pode fazer isso. Está invadindo minha privacidade.

— Tolice me dizer que não posso fazer algo que já fiz. — Ele tornou a fechar a porta assim que as empregadas saíram. — Além do mais, esta é minha casa.

Suspirando, Victoria se recostou nas almofadas.

— Desisto. Você nunca me deixará em paz!

— Acertou. — John tirou o maço de cartas da mão dela, atirou-o no chão, apanhou uma faca e o pote de vidro geléia de amora, lady Hammond?

Olhou para a esposa, tão linda ao sol da manhã, com as tranças quase desfeitas e as faces um tanto rosadas. A camisola era de um tecido delicado, tão fino que se podia ver o contorno dos seios, as pontas dos mamilos e a sombra ao redor. Só isso foi suficiente para excitá-lo. Victoria teria de ceder logo. Mais alguns desjejuns na cama como aquele e John não responderia por si.

Forçou-se a olhar para o rosto dela.

Victoria percebeu que ele estava admirando suas curvas, e olhou para o lado, corando. Ajeitou-se na cama, e o simples movimento o levou às alturas.

John sabia que ela o desejava também. Deus, como esperava que isso fosse verdade! No entanto, não se dispunha a cometer o mesmo erro duas vezes. Se fosse rápido demais, Victoria tornaria a fugir.

Olhou para a bandeja e concentrou-se nela, tentando não se lembrar de como Victoria era sem a camisola. Passou um pouco de geléia numa torrada e a entregou para ela.

Victoria mordeu o lábio, hesitando, mas logo aceitou. Feliz, John começou a preparar outra torrada para si. Apanhou o garfo e se serviu de ovos com *bacon*, fitando-a de soslaio, esperando por uma oportunidade.

Ela deu outra mordida na torrada, e John rendeu graças pela geléia de amora. Largou o garfo e chegou mais perto de Victoria. Ela, imóvel, segurava a torrada no ar, os olhos bem abertos.

— Tem um pouco de geléia em seu rosto. Victoria se virou para o lado.

— Não.

— Não, o quê? Não quer que eu tente fazer com que você me deseje? — perguntou, alcançando um pouquinho de geléia no canto de sua boca, espalhando o doce com a ponta do dedo nos lábios dela. — Desculpe-me, mas não consigo resistir. Eu te quero, e quero que me queira também. Desejo-a tanto, Victoria, que sou capaz de enlouquecer. Por isso tenho tomado chuva e ido às compras. E tentado conversar sobre qualquer assunto. — Respirou fundo. — Por esse motivo aluguei uma casa com papel de parede cor-de-rosa. Mesmo quando as coisas estavam péssimas entre nós, eu tinha esperança de que, um dia, voltaríamos a viver juntos.

Os lábios de Victoria tremeram sob os dedos de John.

— Não acredito em você.

— Você me desejava, querida. Todos os dias no café da manhã. Lembra? Era divertido, não era?

— Sim, foi muito divertido. — Segurou-o pelo pulso, mas não o empurrou, nem desviou o rosto. — Por algum tempo.

Com delicadeza, John deslizou a mão para o pescoço dela. Inclinou-se para mais perto e seus corpos se tocaram.

— Sabe quando as coisas começaram a dar errado entre nós? Quando deixou de ser divertido. Quando paramos de fazer nossas brincadeiras favoritas e eu não conseguia mais fazê-la rir.

— Há coisas que não se resolvem com risos e diversão.

— Sei disso. — John olhava para aqueles lábios rosados, e a paixão vinha com tanta força, que não sabia por quanto tempo poderia resistir. — Para isto servem os beijos.

— Tudo é assim tão simples para você? Tão fácil?

— Sim. Acho que você complica demais.

Ele tinha de beijá-la. Suas mãos acariciaram o pescoço e a atraíram para si. Beijou-a e sentiu a doçura da pele macia. O prazer foi tão intenso que teve de usar todo o autocontrole para não atirar a bandeja bem longe e jogar-se sobre Victoria, que permaneceu rígida, lutando contra a volúpia, que fazia seu corpo doer.

Victoria desviou o rosto, e John compreendeu que teria de parar de imediato, enquanto era capaz. Ela ainda não estava pronta. Assim, ele a soltou, e, procurando ignorar a agonia de sua completa ereção, concentrou-se em comer sua refeição.

Já estavam terminando quando ele, enfim, conseguiu manter uma conversa casual.

— Gostaria que me mostrasse as reformas que fez em minha casa. Vista-se, querida. Vamos dar um passeio pelos arredores para ver se aprovo. Esperarei lá embaixo.

O casal caminhou pela propriedade toda. John admirou o jeito como Victoria cuidara do jardim, o novo estábulo que mandara construir, a cerca nova; enfim, tudo estava em ordem e bem-feito.

— Fez um excelente trabalho — elogiou, quando pararam perto da lagoa, fitando a água. — Foram muitas as melhorias, e tudo ficou lindo.

— Obrigada.

Algo atraiu sua atenção e ele se afastou. Victoria ficou observando o marido atravessar a ponte sobre a lagoa.

—Veja, o barco continua aqui. Vamos tirá-lo do ancoradouro e poderemos dar um passeio.

Ela sentiu um friozinho de apreensão.

— Está um tanto frio para isso.

— Imagine, Victoria, o dia está maravilhoso. Além do mais, não iremos nadar. — John tirou o casaco e jogou-o de lado.

— Não quero remar.

— Eu farei todo o serviço. Você só terá de se sentar no barco e ficar lá, linda, me olhando, enquanto recito alguns poemas para alegrá-la.

John tirou a gravata, arregaçou as mangas da camisa e se ajoelhou na embarcação para segurar os remos. Victoria sentiu o medo crescer.

— Não, John, eu não quero ir.

— Vamos, querida, será divertido! Ela enxugou na saia o suor das mãos.

— Não entrarei nesse barco! O tom da voz o assustou.

— Por que não, Victoria? Isso lhe causa enjôo? Qual é o problema, afinal?

— Não sei nadar! John achou graça.

— Só isso?

— Pode ser perigoso. E se o barco virar? Eu posso me afogar.

— Você não se afogaria. — John parou de rir e acariciou a face rosada. — Eu nado muito bem.

Ela chacoalhou a cabeça.

— Não!

— A lagoa é rasa, e o rio, bem calmo. Além disso, nada acontecerá com você se o barco virar, porque estarei ao seu lado. — John deu-lhe um beijo. — Tudo o que tem a fazer é confiar em mim. — E agarrou-lhe a mão.

— Estou certa de que vou me arrepender — Victoria resmungou, aceitando entrar na embarcação.

Acomodou-se no fundo, segurando-se com força nas bordas de madeira, rezando para não passar mal.

John se sentou do lado oposto, desamarrou a corda, empunhou os remos e os colocou no suporte. Em seguida, afastou-se do ancoradouro. Olhou para trás e começou a remar.

— Tudo bem, querida? Não está enjoada, nem com medo?

— Não — mentiu.

— Veja. Primeiro esgrima, agora remo. Logo terá lições de natação.

Ela o encarou, aterrorizada.

— Jamais!

— Ah, sim! E nua. Ao luar.

Victoria fingiu não ter ouvido, fitando de lá para cá como se procurasse algo nas margens. Sentia calor da cabeça até as pontas dos pés.

— Você tem uma imaginação muito fértil, John.

— Sim, pode apostar.

Sabia que ele a olhava e que imaginava coisas.

— Pensando bem, creio que deveríamos começar as aulas de natação hoje mesmo. A lagoa é bem rasa neste ponto. É o local perfeito. O que acha?

— Acho que devemos voltar para casa, John. Já são mais de três horas, e quero tomar banho e me preparar para o jantar. Lembre-se de que estamos seguindo os horários do campo, e aqui se janta às cinco.

— Temos uma banheira que acomode duas pessoas?

— Não.

Ele riu muito da firmeza na entonação de voz de Victoria, mas nada comentou. Fez uma manobra e continuou remando a favor da correnteza. Ambos seguiam calados. De repente, John deixou os remos caírem, e o barco ficou à deriva. Moveu-se na direção dela e ficou de joelhos, colocando as mãos nos quadris redondos.

Victoria prendeu a respiração e começou a tremer por dentro. Notando isso, John encostou os lábios de leve nos dela.

— Será que nem um passeio assim romântico funcionará com você?

— Não. — Ela cerrou os lábios, negando-se à carícia.

— Victoria, seja justa. Seus olhos são tão lindos, são de um marrom-esverdeado, assim como a lama.

Victoria o encarou, fingindo-se de indignada.

— Como ousa dizer que meus olhos são da cor da lama?! Agora é que não vai ganhar beijo nenhum mesmo! — E não conseguiu evitar uma boa risada.

— Mas é verdade! Olhe ali na margem. E a mesmíssima cor. Não há nada de errado nisso. Eu gosto. — Começou a rir com ela. — O barro das lagoas inglesas é muito bonito. — Beijou-a na face.

As mãos de John escorregaram para debaixo de seu corpo com tanta rapidez que Victoria não pôde se segurar, e deslizou para os joelhos dele, fazendo o barco balançar.

— John, pare com isso! — gritava, rindo, enquanto ele a ajeitava em seu colo.

A embarcação tornou a balançar, inclinou-se demais e virou para o lado, jogando-os dentro da água.

Victoria submergiu de imediato. Ergueu os braços em pânico, desorientada e incapaz de ver o que quer que fosse através do líquido lamacento. No entanto, as mãos de John estavam lá, firmes em seus braços, puxando-a para colocá-la de pé.

— Peguei você!

Ela arfou, agarrando-se à camisa de John, aliviada por se sentir firmemente presa a ele e tendo os pés tocando o fundo da lagoa. A água só chegava até seus ombros, o que a tranquilizava sobremaneira.

— Você está bem? — John se afastou um pouco para olhar para Victoria, tirando os cabelos molhados de seu rosto.

— Sim. — Esfregou os braços. — Gelada, mas, bem. John dobrou um pouco os joelhos e a pegou no colo, com toda aquela roupa encharcada.

— É isso o que ganho por elogiar a cor de seus olhos. — Ele a carregou até a margem.

— Um banho de água gelada e nenhum beijo para compensar.

— Bem feito! — Victoria disse quando ele a colocou em pé, longe das águas. Virou-se de costas quando John se foi para prender o barco. — Onde já se viu: olhos cor de lama! Mas ela não pôde deixar de sorrir, agarrando as saias ensopadas para subir o barranco e chegar até o gramado da margem.

Depois do mergulho em águas lamacentas, foi necessário um longo banho antes do jantar. As empregadas trouxeram água quente para encher a banheira de cobre. Victoria se banhou, e, enquanto Celeste a ajudava a secar os cabelos, não podia deixar de pensar em John e na aventura daquela tarde.

No quarto de vestir, a camareira ofereceu vários vestidos para sua escolha, mas sua mente não estava ali.

Será que John fora sincero? Como poderia ter certeza de que iria durar?

Podia ouvir os empregados levando água para o banheiro de John e o imaginou nu, entrando na banheira. Lembrou-se do corpo másculo e o desejo começou a atormentá-la, do mesmo modo como acontecia em seus sonhos, todas as noites. Apertou a testa com os dedos, tão desorientada que mal conseguia raciocinar.

— Senhora, está se sentindo bem? Ela encarou a empregada.

— Sim, Celeste, obrigada.

A criada, que a servia por tantos anos, sorriu.

— Marfim ou azul?

— Azul — respondeu sem se importar, e Celeste deixou o traje azul-céu em suas mãos.

Victoria nem se mexeu. Do outro lado da porta, escutava John conversando com Stephens. Não entendia o que diziam, mas de repente tudo ficara muito claro.

— Celeste, diga ao pessoal da cozinha para atrasar o jantar em algumas horas.

A empregada olhou para ela, sem entender.

— Claro, milady.

Quando se viu a sós, Victoria foi até o toucador e apanhou um pente. Separou as mechas molhadas, mas não as trançou, e voltou ao quarto de vestir com os cabelos soltos.

John ainda estava no banho. Victoria podia ouvir o ruído da água e a voz dele, conversando com o camareiro. Parou com a mão na maçaneta, respirou fundo e entrou. Avistou John recostado na banheira, os braços apoiados nas laterais, e Stephens, ao lado em pé, com uma toalha nas mãos. Ambos estranharam sua entrada.

Ignorando o criado, Victoria olhou dentro dos olhos de seu marido.

— É mesmo verdade? Você está sendo franco em tudo o que me diz?

John fitou o empregado e fez um sinal para que saísse. Stephens pôs a toalha sobre uma banqueta e se foi no mesmo instante, fechando a porta atrás de si.

Victoria esfregava as mãos, nervosa, esperando por uma resposta.

— Diga.

John tornou a se recostar na banheira e esboçou um largo sorriso.

— Ao que se refere, Victoria? Quer saber se é verdade que seus olhos são mesmo cor de lama?

Ela mudou o apoio de um pé para o outro, perguntando-se se não estaria a ponto de cometer o maior erro do mundo.

— Não — respondeu, temerosa. Seu coração começou a bater mais forte, tão alto que quase podia escutar. — Sobre voltarmos a viver juntos, sobre eu ser importante para você... e que nunca desejou nenhuma mulher como me deseja. É isso mesmo ou tudo não passa de meras palavras que sabia que eu queria ouvir?

Ele não respondeu, e o rasgo de coragem de Victoria acabou.

— Não importa. — Ela caminhou para a segurança de seu quarto.

O barulho da água foi o único aviso de que ele saíra da banheira. Victoria não tinha dado mais que dois passos quando John a alcançou e a apertou contra si.

— É verdade. Nunca fui tão honesto em toda a minha vida — sussurrava, beijando-lhe o pescoço.

O corpo úmido, a boca quente... e essas sensações acabaram de pôr por terra as últimas resistências de Victoria. Como uma represa que explodisse, ela se agarrou ao pescoço do marido. Procurou por seus lábios e o beijou com avidez, um beijo faminto e molhado, esperado por muito tempo. Agora, apertava-se contra seu amor, beijando-o com toda a paixão que negara a ambos.

John, embora surpreso, abraçou-a com mais força e aprofundou o beijo, a língua invadindo aquela boca voluptuosa, as mãos apertando-lhe as nádegas. Tudo o mais no mundo resumiu-se a nada.

John saboreava aqueles beijos enquanto a conduzia de costas pela porta até o quarto dela. Lá, ele se movia e guiava Victoria como se estivessem dançando. Quando ela foi colocada de encontro à parede, ao lado da cama, John procurou pelo laço de seu robe, soltou-o e puxou a peça de roupa para trás, deixando-a cair pelos ombros, mas ficou presa nos quadris. Victoria se afastou da parede e o robe deslizou até o piso.

O ar do dormitório estava gelado, mas quando as mãos de John tocaram sua pele nua, Victoria sentiu-se incendiar. Ele pegou seus seios com ambas as mãos, as pontas dos dedos apertando os mamilos enrijecidos, enquanto beijava com muito carinho seu rosto, o queixo, a testa, os lábios.

Victoria se afastou um pouco para ver as próprias mãos tocando o corpo do homem que tanto amava. Ela se lembrava daquilo — a forte parede de músculos de seu tórax, o abdome firme, as formas de John, tão bonitas e vigorosas como nove anos atrás.

Espalmou as mãos no baixo-ventre dele, mas, antes que pudesse descer mais, John a impediu.

— Não — disse, quando ela murmurou um protesto.

— Mas eu quero tocá-lo!

— Mais tarde. — E a fez calar com um beijo. Em seguida, baixou a cabeça e tomou um dos mamilos de leve entre os dentes.

John sugava um mamilo, depois o outro, mantendo-a presa e imóvel.

Victoria vibrava a cada toque, e gemia, implorando por mais. Quando John prendeu seu mamilo entre os dentes outra vez, ela se curvou com um grito de prazer. Sentia o calor crescendo entre suas coxas, contorcia-se, movendo os quadris na direção dele, mas John estava fora de alcance.

— John, por favor, toque-me!

Ele largou o mamilo e fez um caminho de beijos até o pescoço.

— Já estou tocando você.

— Não demore! — ela implorava — Toque-me.

— Onde?

— Você sabe onde.

— Não, não sei. Mostre-me. Quero que me mostre. Adoro isso, lembra?

E como se lembrava! Envergonhada, Victoria escondeu o rosto no peito de John. Ele estava querendo demais em muito pouco tempo.

Sentiu os dedos ágeis deslizarem por entre suas coxas.

— É aqui que quer que eu a toque? — perguntou, com ternura.

Victoria balançou a cabeça em afirmativa, e ele deslizou um dedo entre suas pernas. Ela gemeu.

— Adoro isso John, adoro!

— Eu sei, querida. — Beijou-a outra vez. — Mas há algo que sei que gosta ainda mais.

John se ajoelhou e Victoria tremeu inteira quando seu marido começou a traçar um caminho de beijos em seu ventre, e mais para baixo...

Os dedos seguiam a boca, movendo-se com perícia ao redor de sua intimidade. John sorria, tocando a marca de nascença em forma de violino que Victoria possuía entre as coxas.

— Eu me lembro disto. Tenho sonhado com ela quase todas as noites. — E pressionou os lábios contra a marca marrom, depois beijando um pouco mais para cima, sentindo a suavidade dos pêlos.

Victoria se curvava, pedindo pelo prazer daquele beijo íntimo. As mãos de John agarravam seus quadris, mantendo-a firme contra a parede.

Começou a carícia devagar, saboreando, sentindo o gosto doce do amor, enviando-lhe sensações de calor que pulsavam por toda a sua corrente sanguínea. Victoria tremia, gemendo, as mãos apertando os ombros dele.

— John! John! — E movimentava os quadris, incapaz de fugir daquela deliciosa prisão. Então, a língua quente tocou aquele ponto mais sensível de todos. Quando Victoria pensava que ia enlouquecer, John a soltou um pouco para que ela pudesse se mover à vontade contra sua boca.

Victoria se deliciava cada vez mais, até que foi envolvida num redemoinho que parecia não ter fim.

John deu-lhe um último e longo beijo, então parou e ficou de pé.

Sem forças, ela se deixou cair para a frente, nos braços dele, arfando, o corpo ainda pulsando de prazer.

Ele a apertou contra si, e Victoria pôde sentir toda a força de sua ereção.

— Quero você, Victoria. Não posso esperar mais. — Agarrou-a com ambas as mãos e atirou-a na cama, fazendo com que se deitasse de costas, e seus joelhos se moveram apartando as pernas de Victoria. — Venha para mim. — Deitou-se sobre ela. — Agora, querida, venha para mim!

Era a vez de John implorar, ela pensou, com satisfação. Ele se comprimia em cima de Victoria, com uma urgência tão desesperada que ela não resistiu mais, e o recebeu.

John a penetrou, sugando os seios com força. Sim, ela se lembrava disso também.

Aquele era John, quente, forte, possuindo-a com paixão. Mesmo assim, dentro dela, não parava de beijá-la, de tocar seus seios. Então, Victoria começou a se mover também, correspondendo às investidas. Quando o sentiu totalmente dentro de seu corpo, Victoria se apertou contra ele e atingiu o auge outra vez.

John soltou um gemido rouco, apertando-se naquele corpo como se ainda não estivesse perto o suficiente. Um forte estremecimento se apoderou dele quando seu prazer chegou, e todos os músculos ficaram rígidos enquanto a inundava de calor.

John se deixou cair em cima de Victoria, ofegando contra o travesseiro. Ergueu a mão e a tocou no rosto.

— Victoria... Oh! Meu Deus, Victoria. Era verdade, juro que era verdade, querida, cada palavra.

Ela sorria, acariciando as costas de seu amado, passando as unhas pelas linhas firmes, sentindo, de novo, o peso do corpo do marido.

John, bem-vindo de volta ao lar.

Capítulo IX

John? Ele acordou com o doce som da voz de Victoria e só então percebeu que tinha adormecido. Sentiu o aroma de violetas e despertou, lembrando-se dos momentos apaixonados. Seus braços a apertaram, o peito contra a pele macia das costas dela. Beijou-a no pescoço e ombros.

— Sim?

— Hora do jantar. — Ela se soltou do abraço. — Estou com fome.

— Eu também. — John não resistiu a passar as mãos naquele corpo nu.

Victoria começou a rir e se desvencilhou dele.

— Fome de comida, John. Quero jantar.

— Não podemos ter um aperitivo primeiro? — Afagou o ventre liso e um seio. — E depois nos alimentar?

— Precisamos de combustível — declarou ao mesmo tempo que começou a se oferecer ao marido.

Gentil, John acariciava-lhe o braço e brincava com os mamilos, tentando se colocar entre as coxas macias. Quando conseguiu, ela gemeu de prazer.

— O que quer primeiro: o jantar ou amor?

— Jantar.

— Jura? — John deslizou um dedo entre as pernas dela. — Acho que quer isto primeiro. Eu quero. — Ele a viu morder o lábio, mexendo a cabeça, negando, enquanto o corpo implorava.

— Jantar.

— Amor primeiro. — Tocou-a com maior intimidade, como se isso fosse possível. — Vamos, Victoria, confesse que me quer.

Ela fez que não, gemendo e suspirando. John a excitava de todas as maneiras, e Victoria começou a tremer inteira, respondendo a cada carícia, até que não pôde mais resistir. Quando estava a ponto de enlouquecer, ele parou.

— Bem, se quer mesmo jantar, eu posso e...

— Não, John, por favor, não pare!

— Tem certeza de que quer que eu continue?

— Tenho, tenho, sim!

— Deseja mais do meu corpo?

— Sim, sim!

Sem esperar mais nada, ele a possuiu. Alcançaram o ápice do prazer quase ao mesmo tempo, e John se manteve dentro dela, imóvel, mesmo depois que seu ritmo cardíaco voltou ao normal. Gostava de senti-la assim, saciada, abandonada em seus braços.

— John? — A voz soou quase inaudível. — Podemos jantar agora?

Ele soltou uma gargalhada e deitou-se de costas.

— Claro que sim. — Fingiu-se de magoado: — Se você continuar a exigir essas extenuantes demonstrações de meu afeto, terá de me alimentar muito bem.

Ela o atingiu com o travesseiro.

Durante a refeição, Victoria tentava não fitar o marido, mas seu olhar continuava a buscá-lo do outro lado da enorme mesa de jantar. Ainda era estranho vê-lo ali; mas sem dúvida muito bom.

John ergueu o rosto e a flagrou olhando-o. — O que foi? — perguntou, sorrindo.

— Estou tentando me acostumar a vê-lo nessa cadeira. John tomou um pouco de vinho.

— Gostando da visão, querida? Ou não?

— Sim. É estranho, mas agradável. Embora... — continuou, agora, séria. — Bem, você terá de aprender a respeitar os horários desta casa e não se atrasar tanto para o jantar.

— Sinto muito.

Ao vê-lo sorrir, Victoria quase se esqueceu de respirar. John ainda podia fazê-la suspirar, quando sorria.

— Tive motivos seriíssimos para me atrasar.

— Sobremesa, sir ? — ofereceu Hawthorne.

— Não, só um cálice de Porto, por favor.

— Para mim também — disse Victoria. — O sol está se pondo, John. Não podemos pegar nosso vinho e dar um passeio pelo jardim?

Apanharam as taças e saíram para o ar frio da noite de maio.

Sem combinar, começaram a caminhar na direção do rio. A medida que andavam, ela sentia o perfume de rosas recém desabrochadas, recordando a época de namoro.

— Lembra-se de quando jantávamos aqui, antes de nos casar? Sempre fazíamos esta mesma caminhada.

— Evidente que me lembro, querida. — John enlaçou os dedos dela.

Sentaram-se, de mãos dadas, no mesmo banco em que costumavam namorar, sem falar, assistindo ao pôr-do-sol.

Uma hora mais tarde, na cama, na plácida escuridão do quarto, voltaram a fazer amor. Victoria apreciou cada momento com o desejo acumulado por oito anos; porém, por mais prazer que tivesse, ainda não era suficiente.

Havia coisas sobre o marido que não compreendia. Ele nunca falava de sua vida, e ela pressentia que deveria haver algo de muito grave. Temia que, não importasse o que viesse a fazer, nada seria capaz de fazê-lo se abrir. Tinha medo de que jamais conseguisse encontrar a chave do coração de John. Mais do que isso: e se nem todos os sorrisos, beijos e carinhos fossem só para ela?

Victoria adorava fazer amor de manhã, mas quando John acordou nem teve tempo de dar-lhe um simples beijo antes da primeira interrupção.

Um leve arranhão foi o único aviso antes de a porta se abrir e Tate entrar trazendo um maço de cartas.

— A correspondência, milady. — Quando a secretária viu a patroa sentada em cima de seu marido, nua, com as cobertas tapando muito pouco de seus corpos, corou violentamente. — Oh! — gritou, deixando cair o que segurava. — Eu sinto muito! Victoria encarou o marido.

— Viu como a pobrezinha ficou? Meu Deus, que susto levou! Creio que Tate não acha adequado fazermos amor de manhã, ainda mais em total nudez.

John rolou para cima dela, sentindo o ar frio do quarto em sua pele.

— Esqueça Tate, querida. Onde estávamos mesmo?

— Bem, deixe-me pensar... — Com os olhos quase cerrados, Victoria se ajeitou embaixo do marido. — Se não me engano, você estava me beijando.

— Sim, creio que era isso mesmo.

Outro arranhão na porta. Era a vez da empregada trazendo o desjejum.

— Seu café, senhora. Jesus Cristo!

— Deus, tenha piedade! — John murmurou, enquanto a empregada saía às pressas, fechando a porta atrás de si.

O casal ouviu vozes cochichando no corredor, sem dúvida comentando o fato de que nenhum homem jamais dormia a noite toda no quarto de sua esposa.

John esperou até que todos os sons cessassem e certificou-se de que nenhuma outra criada iria entrar, para continuar a explorar as delícias das formas de sua mulher.

— Quer um pouco de chá? — Victoria o empurrou, com um sorriso malicioso.

— Se não tiver algo que eu possa tirar de sua boca com um beijo, não, obrigado. — E John se colocou de novo entre as coxas dela.

A porta do quarto se abriu mais uma vez.

— Milorde? — Stephens chamou por John. — O sr. Stone está lá embaixo, esperando para vê-lo.

— Stephens? — John gritou. — Saia daqui.

— Sim, senhor.

John ouviu a porta sendo fechada, mas já tinha havido interrupções demais. O momento se perdera, portanto.

— Lembre-me de ter uma conversa com nossos empregados sobre a rotina matinal — disse ele, desistindo de tentar de novo.

Achando graça, Victoria também saiu do leito. Jogando os cabelos para trás, vestiu a camisola e o robe.

— Talvez você esteja muito afoito.

— Afoito, eu?! — Aproximou-se mais. — Você é que quase me devorou ontem à noite. Nunca se cansa de fazer amor comigo, não é? — Segurando-a pela cintura, beijou-lhe a nuca. — Confesse.

— Não, você já é bastante convencido. — Victoria se soltou do abraço e puxou a sineta para chamar a camareira. — Além disso, seu secretário o aguarda, e eu tenho de ir à cidade. Sendo assim, é melhor pararmos de nos divertir e começar a cuidar de nossos assuntos.

— Por que tem de sair?

— Esqueceu-se de que tenho de comparecer a um baile? Meu baile de caridade, John.

Ele resmungou:

— É imprescindível nossa presença? Detesto bailes à fantasia.

— Esse evento é muito importante para mim. Se não bastasse, perdi o do ano passado e não posso tornar a faltar. De todo modo, não sei do que está reclamando. Você não pode ir.

— Por que não? Ela sorriu.

— Porque não recebeu nenhum convite.

— Não importa. Consegui um com lady Deane há muito tempo. Não admira que sempre perca no jogo de xadrez, Victoria.

Quando entrou em seus aposentos, John ainda a escutou dizendo, do outro lado:

— Não acredito que me casei com esse homem!

O secretário esperava pelo patrão no escritório.

— Fico feliz em saber que se curou do sarampo, Stone — John o cumprimentou, sentando-se atrás da escrivaninha.

— Obrigado, sir. — Abriu uma pasta. — O senhor tem muita correspondência para responder.

— Algo importante?

Stone apresentou a pasta aberta para que John pudesse ver. Estava cheia de pequenas folhas de papel rosa, dobradas e seladas. Emma...

John olhou as missivas, e seu sorriso foi substituído por uma leve irritação.

— Meu Deus, quantas são?

— Sessenta, milorde. Enviadas de Calais.

— Todas nos últimos dez dias? — John apanhou uma porção delas, imaginando que tipo de mulher faria aquilo.

Lembrou-se da mulher que fora sua amante no outono e no inverno do ano passado, e não recordou nada relevante sobre ela. Cabelos ruivos, olhos verdes... Um tipo de jovem fácil de se gostar e fácil de se esquecer.

— O que Emma espera conseguir com isto? Mais dinheiro? Stone nada comentou, pois sabia que se tratava de uma pergunta retórica. Aguardou por suas ordens.

— Stone, quero que você...

John foi interrompido pela abertura da porta:

— John, a que horas pretende ir para a cidade? — Victoria parou à soleira, o olhar fixo no pacote rosa.

Ela empalideceu, e John pôde ler seus pensamentos como se estivessem escritos na testa.

— Victoria...

— Sinto muito. Não pretendia atrapalhar. — E ela deu-lhe as costas.

— Victoria!

Victoria estacou por um segundo, mas logo continuou a andar, sem olhar para trás, até desaparecer da vista dele. John deixou cair a montanha de cartas.

— Queime essa droga toda! — ordenou alto o suficiente para que Victoria ouvisse. —

Ou melhor, mande-as de volta para a srta. Rawlins, com uma mensagem dizendo que não lhe darei mais nem um centavo e que ela não volte a me procurar. Entendeu? — E saiu correndo atrás de Victoria.

Encontrou-a no terraço, mirando o rio, que brilhava a distância. Decerto Victoria ouvira o som de suas botas nas pedras, mas não se voltou.

— Eram cartas de amor, não? Ora, o que estou dizendo? Lógico que eram. Papel cor-de-rosa, letra feminina... pude até sentir o perfume!

— Ela escreve para mim, mas eu não escrevo para ela.

— Sei disso.

O fato de Victoria estar tão calma o impeliu a falar:

— Não estou mais com Emma. Rompemos há alguns meses.

— Não tem de me dar explicações, John.

— Claro que não tenho! Não há nada para explicar. Acabou. Ela cruzou os braços e o encarou.

— Pelo volume de correspondência que envia, parece que a srta. Rawlins ainda não se deu conta desse fato.

— Mas deveria. Deixei tudo bem claro, paguei o contrato dela. Já a havia abandonado meses antes da morte de Percy. Você é a única mulher com quem tenho estado desde então.

— Acredito em você.

Mas a frieza intensa em seu olhar machucou John. *Não, não faça isso, querida/*, pensou.

— Emma está apaixonada por você?

— Quer saber se ela me ama? De modo algum. Emma é uma cortesã, Victoria, uma acompanhante paga. Esses arranjos não têm nada a ver com amor; não compreende?

— Creio que é a srta. Rawlins quem não compreende isso. — E Victoria tornou a olhar para o rio.

John fitava as costas rígidas de sua esposa, sem saber o que ela queria que ele dissesse ou o que fizesse. Com um suspiro, girou nos calcanhares e foi embora.

Capítulo X

Mais uma vez, o baile de caridade em favor dos hospitais de Londres foi um sucesso. Foram arrecadados milhões de libras, pois tal evento se tornara um dos mais populares da cidade. Todos os que queriam participar se dispunham a pagar somas exorbitantes pelos convites.

Victoria estava feliz com o sucesso, pois aquele baile era um de seus favoritos, apesar de ser bastante cansativo. John a acompanhara, algo que nunca fizera antes, e os comentários sobre a reconciliação foi inevitável.

A conclusão geral era de que eles tinham feito as pazes. Naquela manhã estariam certos; mas naquele momento, à noite, Victoria já não sabia mais.

A viagem de Chiswick a Londres fora feita em silêncio. Nenhum dos dois tentara entabular conversa. As missivas de Emma Rawlins deviam estar no caminho de volta para a França, porém permaneciam entre Victoria e John como se estivessem empilhadas ali, dentro da carruagem.

John não entendia por que, mas Victoria sim. Ele não compreendia que uma amante, mesmo sendo paga, poderia se apaixonar perdidamente.

No baile, dançaram juntos e depois misturaram-se aos demais convidados. Após algumas horas circulando no meio da multidão, e cansada de ostentar um sorriso formal, a cabeça de Victoria começou a doer, e ela procurou um canto sossegado do salão.

Encostada contra uma parede, tomando uma taça de vinho, percebeu que entre aquelas pessoas estavam todas as antigas amantes de John, exceto Emma Rawlins. Lady Deane teve de se esforçar bastante, mas conseguiu convidar todas: Anne Pomeroy, Peggy Darwin, Jane Morrow, Maria Allen e até Elsie Gallan.

Victoria olhava para todas elas, mas, para seu espanto, não sentiu raiva, nem ciúme. Sentia-se distante, e chegou até a ter um pouco de pena daquelas mulheres.

John não amara nenhuma delas. Mas e elas, como se sentiriam? Lembrou-se do terno olhar que Peggy Darwin dirigira a John na loja de tecidos, confirmando o que ela já sabia. A baronesa o amara. Também lhe veio à memória a pilha de cartas cor-de-rosa na pasta do sr. Stone. Pobre Emma Rawlins!

Victoria apertou a testa com a mão. A enxaqueca piorava e seu coração doía. Sentia-se triste e deprimida. Não conseguia parar de pensar no desespero daquela pobre mulher. Entendia o amor de Emma por um homem que nem se dava conta de sua existência.

Que estranho sentir compaixão pela amante de seu próprio marido.

Victoria e John saíram do baile cedo e voltaram para Chiswick na mesma noite.

Dormiram separados, pois ela usara suas regras como pretexto. Ficou feliz por ele ter aceitado sem protestar, pois não queria que o marido a visse chorar.

Ela está se afastando. Posso sentir isso.

John, deitado de costas na cama, fitava o teto, no escuro, tentando convencer-se de que eram mesmo as regras de Victoria que o afastavam naquela noite.

Passou as mãos pelo rosto, perguntando-se o que poderia fazer para consertar tudo de uma vez por todas. Os anos passaram por sua mente como páginas de um livro de História, mas as imagens mais gratificantes eram as de Hammond Park. Pensou nos passeios a cavalo e em como Victoria os adorava. Foram felizes em Hammond Park. Talvez a solução fosse retornarem para lá. Voltariam a dormir naquela maravilhosa cama de madeira polida. Victoria poderia cavalgar a égua puro sangue que ganhara do marido. John poderia roubar dela no jogo de xadrez. Imaginava-a cavalgando à sua frente, tirando o chapéu, rindo; e só assim conseguiu adormecer.

Victoria não se opôs a deixar a capital, mas, durante a viagem, falou muito pouco.

Embora John tivesse conseguido um sorriso ou dois, ela continuava alegando

desconforto por causa das regras. Lógico que a viagem de seis dias até Northumberland não colaborava nem um pouco, mas, mesmo após a chegada deles, já no sétimo dia, ela continuava a evitá-lo.

John, entretanto, não pretendia permitir mais portas fechadas entre os dois. Naquele noite, quando se dirigiu aos aposentos do casal, estava disposto a deixar aquilo bem claro para ela.

Victoria estava lá quando ele entrou, sentada no toucador, de camisola, escovando os cabelos. Parou por um momento ao avistá-lo, mas logo prosseguiu com sua tarefa.

John foi ao quarto de vestir e viu que o sofá estava arrumado, mas não tinha intenção nenhuma de usá-lo. Nunca mais. Despiu-se, saiu dali e parou atrás da cadeira de Victoria.

Ela parou de se pentear, a escova entre os cabelos, vendo a imagem do marido refletida no espelho. John se inclinou e deslizou os braços ao redor dela, que largou a escova, segurou-o pelos pulsos e o afastou.

John se endireitou, mas já sabia com o que estava lidando.

— Vamos ter uma briga esta noite, Victoria?

— Por que pergunta? Só porque não quero fazer amor com você?

— Bem, algo está errado e quero saber o que é.

— É só que eu... — Victoria se virou e o encarou com uma tristeza tão grande no olhar que o atingiu como um golpe no peito.

— Ainda zangada por causa das cartas de Emma?

— Não estou zangada, John. Nunca estive.

— Então, por que esse mau humor? Você continua... — Victoria enrubesceu.

— Não! Outra tentativa:

— Então aborreceu-se porque deixamos Londres antes do fim da temporada?

— Meu Deus, não! John desistiu.

— Por caridade, diga-me o que é!

Victoria ergueu a mão, num gesto de desespero.

— Sinto tanta pena daquela mulher!

— Que mulher? Emma? — John arregalou os olhos. — Por quê?!

— Ora, John, por favor. Ela tem sentimentos por você. A pobrezinha está sofrendo.

Caso contrário, não se humilharia daquela maneira.

John fizera uma pergunta tola, e deveria ter adivinhado que não iria gostar da resposta.

Pousou as mãos nos ombros da esposa e pressionou sua testa contra a cabeça de Victoria, respirando fundo.

— O que sugere que eu faça, querida?

— Não sei.

Victoria se encolheu como se quisesse que ele a soltasse, mas John não o fez.

Endireitou-se e encontrou o olhar dela no espelho.

— Talvez eu seja tolo, mas não consigo ver onde está o problema.

— Sei como Emma se sente.

— Não é a mesma coisa, Victoria.

— É exatamente a mesma coisa. Os homens acreditam mesmo que amantes não têm sentimentos, que não se apaixonam? Tentei lhe dizer isso quando vimos Peggy Darwin na loja de tecidos. Ela já o amou. Eu sempre soube disso.

— Mas eu nunca amei nenhuma delas.

— Não me refiro aos seus sentimentos, mas... aos meus. Oh, John, você não vê?! As mulheres se apaixonam por você. A culpa é do jeito como sorri, as coisas que diz, tudo o que faz!

Aquilo era um absurdo. Ele desviou o rosto.

— Não acredito que alguém se apaixone só por causa de alguns sorrisos e de algumas palavras de amor.

— Você é um homem muito atraente, tem muito magnetismo, muito charme. Sabe conquistar as mulheres, lembra-se das coisas, presta atenção a elas. Foi assim que me cativou.

— Se tudo isso fosse verdade, nós já teríamos meia dúzia de filhos — tentou brincar. Victoria ficou de pé, afastou-se e foi para o leito.

— Agora, se não se importa, gostaria de dormir.

John olhou para o sofá que tinha sido preparado para ele no quarto de vestir.

— Diga-me uma coisa, Victoria. Quer mesmo que eu durma no outro aposento?

Ela não o encarou.

— Eu... — Mordeu o lábio.

— Sim ou não, Victoria?

— Não quero fazer amor. Só isso.

Isso seria uma tortura deitar-se com ela e se comportar. Mas tinha de ser assim, iria suportar. Assim, John fitou-a e fez algo que jurara nunca mais fazer: mentiu.

— Se não quer fazer amor, eu também não quero.

Victoria abaixou os cílios e pareceu ainda mais bonita naquela cama enorme, a camisola de seda branca e aquele ar angelical.

— Onde devo dormir Victoria?

Ela por fim o fitou. Hesitou ainda, mas enfim puxou as cobertas, convidando-o. John ficou tão aliviado que teve de fazer um esforço enorme para não demonstrar. Deslizou para debaixo dos cobertores e a abraçou, enterrando o rosto em seus cabelos.

Dessa vez, Victoria não procurou se desvencilhar. Ficou imóvel, no escuro, permitindo que John a apertasse de encontro a si.

Aquilo era uma tortura para ele, mas tudo bem. Trouxera Victoria para Hammond Park, pensando que assim resolveria tudo, mas nada era fácil quando se tratava de sua esposa. John já havia saído quando ela acordou. Victoria sentou-se no colchão, avistando a luz do sol passando através das cortinas.

Uma batida na porta, anunciou a chegada da empregada com uma bandeja.

— Bom dia, milady. Meu nome é Hill. Sou a segunda governanta. A sra. Miller disse que milady prefere tomar o desjejum na cama.

— A sra. Miller ainda está aqui?

— Sim, e diz que ficará, enquanto tiver forças para bater os pudins.

Victoria riu.

— Eu me lembro do pudim de Natal da sra. Miller. Ela o preparava em setembro, e todos na casa tinham de ir à cozinha e dar uma mexida nele, antes de colocar para assar.

— E ela ainda faz isso, milady. Todos os anos. Até lorde Hammond tem de ir mexer o pudim.

— Onde está meu marido?

— Milorde foi ao encontro do sr. Whitmore, o capataz.

— Entendo.

Victoria experimentou um certo desapontamento. Mas, afinal, ele tinha negócios a cuidar. Não podia esperar que o marido tomasse o desjejum com ela, no quarto, todas as manhãs. Mesmo nos primeiros tempos de casamento, John não conseguia fazê-lo sempre.

A jovem criada pôs a bandeja na mesa-de-cabeceira.

— Importa-se se eu puxar as cortinas, milady?

— Não, não me importo.

A luminosidade inundou o quarto, e Victoria foi até a janela.

— Que dia lindo!

— Parece que não vai chover. Milorde disse que, se a senhora quiser dar um passeio antes de ele voltar, para não ir aos estábulos, pois há algo que ele mesmo quer lhe mostrar.

Victoria sorriu. A frustração pela ausência de John ao desjejum desapareceu num instante. Ele queria mostrar-lhe os cavalos!

— Obrigada, Hill. Diga à srta. Tate que desejo vê-la dentro de uma hora em meu escritório.

— Pois não, senhora. — A garota sorriu-lhe, fez uma reverência e dirigiu-se para a porta. — É bom tê-la aqui, milady. Todos estão felizes porque a senhora voltou para casa;

— Eu também — afirmou, com sinceridade.

A surpresa era uma égua, a mais linda alazã que Victoria já tinha visto.

— John! — ela gritou, rindo, deliciada, quando o cavaleiro trouxe-lhe o animal. — Onde a comprou? Na Tattersals?

— Sim, há cerca de um mês. Gosta?

— Se gosto?! — Alisava o focinho sedoso. — Ela é uma beleza!

Victoria correu para os braços do marido e o beijou.

— Obrigada. — E logo voltou a atenção para a égua. — Vamos tirá-la daqui!

Victoria agarrou as rédeas, e John a ajudou a montar. Em seguida, ele mesmo montou seu animal, e saíram a cavalgar pela propriedade.

Ao chegarem a campo aberto, Victoria fez o que ele esperava: arrancou o chapéu de montaria e o atirou longe, soltando os cabelos ao vento. A seu lado, John gargalhava.

— Adoro quando faz isso! Victoria sorriu.

— Eu sei.

Pararam em uma colina, nos limites da propriedade, para dar descanso aos cavalos, e sentaram-se na grama, olhando para as fazendas ao redor.

— Está tudo muito bonito, John. Lembro que este lugar estava um pouco malcuidado da última vez em que estive aqui.

— Isso porque não viu como era antes de nosso casamento. Tive de pedir um empréstimo a seu irmão para consertar os encanamentos e a drenagem. Só depois disso é que pude trazê-la para cá.

— Então foi por esse motivo que ficamos tanto tempo na Escócia?

— Sim. Usei sua mesada para tornar o lugar mais decente para recebê-la. Queria que soubesse o que fiz com seu dinheiro, Victoria.

Ela ergueu as mãos entrelaçadas dos dois e beijou os dedos dele.

— Obrigada.

John indicou o grande vale abaixo.

— O mais estranho é que, antes de herdar o título, eu odiava esta propriedade. Nunca vinha aqui.

Victoria se espantou.

— Mas... este é seu lar. Você passou nove anos cuidando dele, e diz que o odeia?

— Não mais. Odiava quando era garoto. Minha casa era a mais fria que já tinha existido. Eu via minha mãe poucas vezes durante o ano, quando ela se dignava a deixar o amante do momento para me ver. Meu pai não dava a mínima, pois também mantinha muitas amantes; a menos que estivesse bêbado demais para visitá-las. Quando se encontrava em casa, era comum vê-lo adormecer antes da sobremesa. A única coisa suportável deste lugar era deixá-lo. Eu costumava ir para a casa de Percy, nas férias de verão.

Victoria se mantinha calada. Era tão raro John se abrir daquele modo que não quis interrompê-lo. Assim, ficou ali segurando a mão dele e ouvindo.

— Ser mandado para a escola foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Percy e eu fomos para Harrow, e vi meus pais muito poucas vezes depois disso. Quando minha mãe morreu, vim de Cambridge para os funerais, fiquei duas horas e parti. Não tinha vontade nenhuma de permanecer aqui, e só retornei após o falecimento de meu pai.

Virou-se para ela e continuou:

— Por isso nunca contei nada disso a ninguém. Não queria que as pessoas soubessem como fui irresponsável. Seu irmão estava certo a meu respeito. Sei que você brigou com Anthony por minha causa, mas ele tinha razão. — Apertou-lhe os dedos.

— Em Cambridge, quase fui expulso uma dúzia de vezes. Gastava cada centavo de minha mesada, e em seguida contraía dívidas, jogava e bebia. E havia as mulheres. Tive amantes desde os quinze anos de idade, e dava a elas presentes caros. O que me importava? Um dia eu seria um visconde. Gastava fortunas, sem querer saber de onde vinham. Resumindo, eu era exatamente como o pai que eu desprezava.

Doeu muito no coração de Victoria vê-lo relembrar daquele modo de seu passado.

Mesmo porque, sabia que havia ali muita verdade. Se ela queria realmente entendê-lo, teria de aceitar isso.

— Ficando tanto tempo ausente, não tinha idéia do lamentável estado de Hammond Park e, para ser franco, Victoria, não me interessava saber. Depois de Cambridge, fui viver em Enderby. Fiz, então, uma longa viagem pela Europa e, onde quer que estivesse, meu pai enviava dinheiro e eu gastava cada centavo. Até que ele morreu de febre tifóide e tive de voltar à Inglaterra.

Fez um gesto largo, apontando para o vale abaixo.

— Tudo isso me pertencia, mas que estranho legado era esse. Antes de chegar aqui, não sabia que as drenagens não tinham sido reparadas e que a água parada podia causar surtos de febre. Meu pai não foi o único a morrer. Dezenas de outras pessoas também morreram, vítimas da doença. Ao chegar, fiquei chocado com o estado das coisas. Meu pai estava falido, os campos não haviam sido cultivados, os animais estavam enfermos, e os credores, a ponto de tomar tudo o que pudessem carregar.

Anthony tentara contar tudo aquilo a Victoria, mas ela se recusara a ouvir.

— Deve ter sido terrível para você.

— Nem diga. Por fim, entendi que tinha de agir. Eu era o lorde, e toda aquela gente dependia de mim para não morrer.

— Foi quando decidiu se casar com uma garota rica. John a encarou, sem se sentir nem um pouco envergonhado.

— Isso mesmo. Estava assustado e desesperado o suficiente para mentir para aquela menina e conquistá-la. Usei todos os artifícios para fazê-la se apaixonar pelo homem que ela achava que eu era. E não me arrependo, Victoria. — Segurou-a pelos ombros e beijou sua boca, um beijo firme e sincero, como nunca lhe dera antes. Fez com que Victoria se deitasse na grama macia, inclinou-se sobre ela e colocou um braço debaixo de sua cabeça. — E nunca me arrependerei.

Victoria fitava seu marido com adoração.

— Eu também não me arrependo.

— Mesmo?

— Mesmo, John. Não sei bem quando parei de lamentar ter me casado com você.

Talvez naquele dia, no barco.

— Quer dizer que poderei roubar alguns beijos hoje? — ele perguntou, esboçando um sorriso.

Victoria estreitou os lábios e fingiu pensar.

— Isso depende. Vai pedir para ficarmos de bem primeiro?
— Não.
— Como assim, não?
— Não pedirei para fazermos as pazes. — E enquanto dizia isso, ele tentava levantar as saias dela. — Da última vez fui eu quem pedi, agora é sua vez. Estou cansado de ser sempre aquele que tem de começar a reconciliação.
John acariciava-lhe as pernas, acima das botas.
— É porque você está sempre fazendo coisas erradas.
— A tortura a que me submeteu ontem não foi algo errado? Passei a noite inteira deitado a seu lado, sem sequer tentar beijá-la, e diz que não agiu mal?
— Uma noite inteira! Como deve ter sofrido, pobrezinho!
As mãos não paravam, tentando livrá-la daquelas roupas, afagando cada parte de seu corpo que podia tocar.
Victoria começava a sentir aquele calor que doía, a dor do desejo.
— Diga que lamenta muito por ter me torturado daquela maneira.
Ela cerrou as pálpebras e balançou a cabeça, começando a rir.
— Não vou dizer.
John começou a tocar o interior das coxas firmes, o suficiente para atormentá-la.
— Diga.
— Não, não direi. — Victoria gemeu, quase sem forças.
— Está bem, então. — Ele retirou a mão e rolou no chão, afastando-se.
— Você é um homem mau! — Gargalhando, Victoria se sentou e se inclinou sobre ele.
— Quem deveria me pedir desculpas por me atormentar deste jeito?
John também já não suportava mais a dor de uma completa ereção. Por isso, capitulou:
— Está bem, eu digo primeiro. Vamos fazer as pazes. E se amaram ali mesmo.

Capítulo XI

John procurou deixar bem claro para os empregados de Hammond Park, que, quando viessem trazer o desjejum, deveriam bater de leve na porta e deixar a bandeja no corredor. Até que a bandeja fosse posta do lado de fora, ninguém deveria entrar nos aposentos do casal.

Durante o mês de junho, ele e Victoria tomaram o café da manhã na cama quase todos os dias. Jogavam xadrez, e John sempre ganhava, mas deixava que ela ganhasse nas cavalgadas, para compensar. Também conseguiu ensiná-la a nadar, como queria: nua ao luar.

Deram uma festa, e todas as famílias da região vieram. O casal passeava a cavalo juntos pela propriedade, e John podia vê-la soltar os cabelos ao vento. Gastava uma fortuna comprando chapéus novos, mas não se importava.

Julho chegou, e o vazio que até então existira dentro de John desaparecera. E ele mal se lembrava do tempo em que não podia dormir ao lado de Victoria.

Brigavam com frequência. Em geral porque ela insistia em conversar sobre tudo, e John evitava isso o máximo que podia. Mas sempre se reconciliavam, e ele adorava essa parte. Não importava o quanto tivessem se desentendido durante o dia, dormiam juntos à noite.

John adorava provocá-la. Quando Victoria pediu para convidar Dylan, Grace, Anthony e Daphne para passar alguns dias na propriedade, ele negou.

— Por que não? — ela indagou, surpresa.

— Seu irmão me detesta. Se pudesse, cortaria minha cabeça.

— Não é verdade. Além disso, Dylan estará aqui para ajudar, se as coisas ficarem ruins.

— Dylan só vai querer se divertir com a situação.

— Grace o quer muito bem, assim como Daphne.

— Tenho muita consideração pela duquesa, mas isso não altera o fato de que seu irmão me odeia.

Victoria se aproximou e começou a beijá-lo. — Talvez esteja na hora de vocês dois fazerem as pazes. John virou a cabeça, deixando-se beijar.

— Se eu concordar, qual será minha recompensa? Victoria passou a mão pelo peito másculo, sabendo que já tinha ganhado, mas sem querer demonstrar.

— O que você quer?

Ele disse, e ela concordou. E, dez dias depois, a duquesa e o duque de Tremore assim como Grace e Dylan Moore, receberam convites para passar as duas últimas semanas de agosto em Hammond Park.

Os dias quentes e longos de agosto passavam, sem novidades. Apesar das dúvidas de John sobre a vinda do cunhado, Victoria estava contente. Sabia que seu irmão seria gentil, por ela e porque tinha boas maneiras. Quando Anthony testemunhasse como a irmãzinha estava feliz, sem dúvida perdoaria seu marido. No fim das duas semanas, esperava que John e Anthony estivessem vendo um ao outro de maneira diferente. Pelo menos era esse seu sonho.

Apesar de suas esperanças, no entanto, as coisas não começaram tão bem assim. Os primeiros dias foram muito estranhos. John e Anthony procuravam ser educados, mas o ressentimento do duque pelo passado de John era palpável. Havia longos silêncios ao jantar, e apenas a habilidade de Dylan ou algum comentário de Daphne ou de Grace salvavam a situação. A pior parte, contudo, era quando as mulheres se retiravam para a sala de visitas e os homens permaneciam na de jantar, para bebericar vinho do Porto ou conhaque. O costume era de que isso durasse meia hora. Mas, após quinze minutos ou menos os cavalheiros já voltavam a se reunir a elas.

Naquela noite, porém, tudo foi diferente.

Os quinze minutos se foram; meia hora, uma hora.

— O que acham que eles estão fazendo lá? — Victoria perguntou a Daphne e Grace. — Será que conversam ou procuram uma maneira de matar um ao outro?

De repente, ouviram risadas altas, e Victoria tocou o braço de Daphne.

— Eles estão rindo! — Victoria arregalou os olhos, maravilhada. — Anthony e John estão juntos, e rindo!

— Na certa por estarem ébrios. — Grace tomou um gole de seu cálice. — Dylan disse que essa bobagem entre seus dois melhores amigos já durou tempo demais, e que iria embebedá-los esta noite, para acabar com isso.

— Embebedá-los? — Daphne franziu o cenho. — Será essa a solução?

— Perguntei o mesmo a Dylan, e ele me falou que John fica bem-humorado quando bebe, e Anthony consegue esquecer que é um duque e se torna bem mais amigável. Mais gargalhadas ecoaram pela sala, e Victoria se levantou.

— Não suporto mais. Minha curiosidade está me matando! Tenho de descobrir do que eles tanto riem. Vamos!

As amigas a acompanharam.

Três orelhas se colaram na porta fechada. Só foi preciso um minuto para descobrirem o que estava havendo: os cavalheiros contavam piadas indecentes!

Victoria se afastou, rindo das obscenidades que acabara de ouvir.

— E pensar que são os homens que governam o mundo!

— Assustador, não? — Grace meneou a cabeça.

Elas retornaram à sala de visitas nas pontas dos pés. Assim que chegaram, Daphne se sentou numa cadeira, gargalhando.

— Querida, podemos ter certeza de duas coisas. A primeira é que nossos maridos vão se dar muito bem daqui para a frente. E a segunda é que acordarão com uma tremenda enxaqueca!

Victoria sorriu. Este, sem dúvida, seria um preço muito baixo a se pagar pela paz em família.

Embora a previsão de Daphne sobre o estado em que acordariam tivesse se confirmado, o resultado daqueles momentos foi ainda melhor do que o previsto. Pouco mais de uma semana depois da chegada dos convidados a Hammond Park, John e Anthony discutiam negócios, pescavam e até concordavam em alguns assuntos de política. Victoria notou que Dylan sempre defendia um ponto de vista contrário, de propósito, para fazer com que os dois se juntassem contra ele em um determinado tópico.

No oitavo dia da visita, foram todos tomar chá na casa de lorde e lady Steyne, o que fortaleceu ainda mais as relações entre eles, pois o conde era amigo de John e bastante respeitado por Anthony.

Na manhã seguinte, os seis foram cavalgar, e Anthony ficou tão impressionado com a nova égua, que insistiu em ganhar um potrinho, quando ela desse cria.

— Hammond, seus jardins são maravilhosos! — comentou Daphne, no retorno do passeio, ao atravessarem o pórtico em direção à entrada da residência. — Agora tenho muitas idéias para aplicar em nossos jardins, em Tremore Hall.

— Minha mulher é apaixonada pelos jardins ingleses — Anthony revelou aos cavalheiros. — E sabem por quê? Victoria adora caminhar por eles na chuva. Diz que um jardim inglês na chuva cheira como o paraíso.

Antes que alguém pudesse responder ao comentário, ouviu-se o som de uma carruagem chegando. Todos pararam no pórtico e se voltaram para ver o veículo, sem identificação, parar diante da mansão. O cocheiro saltou para o chão, abriu a porta, desdobrou os degraus, e uma jovem senhora, vestida de verde, desceu.

Era Emma Rawlins.

Victoria mal podia acreditar em seus próprios olhos. A mulher a fitou, mas pareceu não vê-la. Sua atenção era toda para John.

— Milorde, temos negócios a discutir.

Negócios? Era audácia demais para uma ex-amante vir até a casa de um homem e dirigir-se daquele modo a ele, na frente de convidados e de sua esposa. Porém, Emma parecia não se dar conta disso.

— Não temos negócio nenhum a tratar, senhorita. — John não demonstrava a menor emoção. — Achei que tivesse deixado isso bem claro.

— Claro?! Como poderia ter esclarecido o que quer que fosse se nem sequer me escreveu? Nem se dignou a responder minhas cartas!

— Respondi às três primeiras. Depois disso, não julguei mais necessário.

— Nem ao menos as leu. Mandou-as de volta, seladas. — Emma tirou um pacote do bolso da saia e a atirou no rosto dele. — Você é o homem mais cruel que já conheci!

— Controle-se, srta. Rawlins—disse ele, nervoso, enquanto as cartas caíam a seu redor.

— Não estamos a sós.

— Por que deveria me controlar? — Dirigiu um olhar a Victoria. — Porque sua esposa está aqui? Porque vocês têm convidados? Porque isso o humilha? — O rosto de Emma se contorceu em agonia, e ela começou a chorar. — Eu é que fui humilhada. Não o senhor.

Como se, de repente, todas as forças a tivessem abandonado, caiu de joelhos.

— Eu te amava, John. Deus, como eu te amava! E dei-lhe tudo, tudo! Como teve coragem de fazer isso comigo?

Victoria, horrorizada, via *ou* ombros de Emma sacudirem com os soluços, os dedos arranhando as pedras perto das botas dele. Olhou ao redor, mas todos os que tinham saído ao escutar o som da carruagem, inclusive os empregados, assistiam à cena, como que paralisados.

— Você me amou também, sei disso. Deve ter me amado. As coisas o que dizia, o que falava para me agradar... As rosas amarelas que enviava porque sabia que eram minhas prediletas. O chá do Ceilão que trouxe só porque comentei, uma vez, que gostava. Ah! Você deve ter me amado!

Victoria analisava o semblante de seu marido. John estava pálido, o corpo, imóvel. Não mostrava nada, nem afeição, nem compaixão.

— O que fiz para você me odiar?—Emma ergueu a cabeça, encarando-o, banhada em lágrimas. — O que fiz de errado?

John emitiu um som e levou a mão até a cabeça da jovem, com piedade, mas mudou de idéia e pressionou os lábios com o pulso.

— Eu escrevi para você — continuou Emma, indiferente à platéia. — Páginas e páginas. Seu secretário as mandou de volta com um bilhete, dizendo para eu não voltar a escrever.—Soltou um gemido como o de um animal ferido; o corpo pendeu para a frente, mechas de cabelos ruivos se colando no rosto molhado. — Seu secretário!

Depois de tudo o que houve entre nós, não podia, ao menos, escrever você mesmo o tal bilhete?

O coração de Victoria ardia de piedade. Não podia mais suportar aquilo. Assim, deu um passo na direção de Emma, mas parou. Sendo esposa de John, seria crueldade demais tentar confortar aquela mulher. Desse modo, fez um sinal para Daphne e Grace.

Como se estivessem acordando de um pesadelo, as duas entenderam o desejo de Victoria e desceram os degraus, para amparar a jovem. Aproximaram-se e a seguraram para ajudá-la a se levantar.

Emma, entretanto, se desvencilhou e ficou em pé sozinha.

— Eu te odeio, John! Amava você com todo o meu coração, mas para quê? Vou lhe mostrar o resultado de amá-lo!

Emma se virou e se dirigiu até a carruagem como se fosse partir. Abriu a porta e retirou algo. Só quando ela se voltou, puderam ver do que se tratava: um bebê.

— Olhe para ele! — Emma ordenava, segurando a criança diante de John. — Este é seu filho. Por que acha que enviei tantas missivas? Aquelas que nem se preocupou em abrir. Nelas eu lhe contava que estava grávida. E sim, John, ele é seu filho. Pelos termos do contrato, você é responsável por esta criança.

Enquanto falava, balançava o bebê, descontrolada. Isso conseguiu tirar Victoria de seu estado de choque. Ela desceu os degraus, aproximou-se da mulher e, com toda a delicadeza, pegou o bebê dos braços da mãe. Emma, devastada pela dor, quase nem percebeu, pois seus olhos estavam fixos em John, exigindo uma palavra dele.

O bebê chorava. Victoria o acalentava, dando palmadinhas em suas costas. Fitou seu marido e viu que ele não olhava para Emma. Em vez disso, olhava fixo para Victoria, como se fosse uma estátua de pedra.

Victoria sentiu um arrepio gelado percorrer seu corpo, de repente, e ficou imaginando como um homem poderia ser a causa de tamanha ruína. Como ele conseguia ver tal cena se desenrolar a sua frente e não fazer nada, não dizer nada, não ter nenhuma palavra de conforto.

Um músculo da face de John se moveu, seus lábios se abriram, mas nenhum som foi emitido. E então ele girou nos calcanhares e entrou na mansão.

— Eu odeio você, John! — Emma gritava. — E o odiarei até o dia em que morrer! Ela retornou à carruagem, pegou uma sacola de couro e atirou-a aos pés de Victoria. Então, ignorando o bebê, entrou no veículo e partiu.

Daphne, Grace, Dylan e Anthony entraram, mas Victoria não os seguiu. Dirigiu-se em direção contrária, deu a volta na casa e se sentou num banco de pedra no jardim, perto da cozinha. Apertando o bebê em seus braços, beijou-o, ouvindo seus soluços e sentindo as lágrimas do pequenino em seu próprio rosto.

E começou a chorar também.

John atravessou toda a casa e saiu. Andou na direção dos jardins, dos estábulos e em seguida o bosque. Não sabia para onde ir, nem o que fazer. Sentia raiva, mas não conseguia esquecer os soluços de Emma. Tentava justificar a zanga pelo fato de Emma ter invadido sua privacidade e feito aquela cena na frente de todos. E também pelo fato de ter lhe dado um filho que nunca poderia ser seu herdeiro.

Sentia raiva por descobrir que uma amante podia se apaixonar. O chá, as rosas, coisas tão sem importância... Como uma mulher que era paga para ir para a cama poderia achar que seriam provas de amor?

O que Victoria lhe dissera voltou a sua memória, fazendo eco aos soluços de Emma: *Oh, John, você não vê?! As mulheres se apaixonam por você. A culpa é do jeito como sorri, as coisas que diz, tudo o que faz!*

Muito estranho pensar naquilo, naquele momento. Sua esposa se apiedara e tentara justificar uma mulher que deveria desprezar. Emma apaixonada por ele. Que absurdo! Porém, poucos minutos atrás essa verdade desabara diante dele.

John jamais poderia ter sonhado que Emma nutrisse sentimentos tão desesperados. E um filho com ela, então, não cabia em sua cabeça. Ele tomara precauções. Como poderia ter certeza de que era o pai? Mas, afinal, por que amantes tinham de se apaixonar?!

Mesmo quando tentava se justificar, sentia nojo de si mesmo. E o ódio veio logo depois da náusea. Não nutria mais raiva de Emma, mas sim pena. Imaginava-a grávida, sozinha

na França, tentando esconder a barriga volumosa. O quanto devia ter sofrido, assustada, sem saber o que seria dela e da criança se ele continuasse a ignorá-la...

Parou de andar e recostou-se numa árvore. Nada mudara, afinal, percebeu com desespero. Depois de tudo o que fizera naqueles nove anos para tornar-se responsável e respeitado, ainda era tão indiferente aos sentimentos dos outros como fora em sua juventude.

Sentou-se no chão e colocou a cabeça entre as mãos, o patético gemido de Emma ainda em seus ouvidos. Amantes não deviam apaixonar-se, mas estava claro que, às vezes, isso acontecia. Victoria tentara alertá-lo, mas ele não entendera. Recusara-se a escutar o que ela dizia, e agora via-se confrontado com a verdade inegável e de posse de seus resultados.

Pela primeira vez na vida, John entendeu o que ele era: um conquistador. Teve o coração de Victoria em suas mãos e o partiu. Peggy Darwin o amara também. Disse-o uma vez, rindo, mas John viu a dor nos olhos da moça quando não lhe disse o mesmo. Quatro anos se passaram desde então, mas naquele dia, na loja de tecidos, Peggy ainda o olhara com amor.

E havia Victoria. Essa era a pior parte. Não tinha como curar suas feridas, nem existia conserto para o coração de sua esposa. Ela devia estar ressentida com ele, e tinha todos os motivos do mundo para isso.

Esfregou o rosto. Não podia pensar em sua esposa naquele momento. Uma coisa de cada vez. Era pai, agora, e era preciso decidir o que fazer a esse respeito, primeiro. Não havia como fugir. E prometera a Victoria nunca mais tentar fazê-lo.

Assim, levantou-se e dirigiu-se aos estábulos. Pediu para prepararem um cavalo e partiu em direção a Falstone.

As lágrimas de Victoria já tinham secado quando Anthony a encontrou, no jardim.

Sentou-se ao lado dela, observando o bebê em seus braços.

— Eu poderia matá-lo, mas sei que não quer que eu faça isso, não é?

— Não. — Victoria sorriu e o encarou. — Mas obrigada pela oferta.

— Se serve de algum consolo, John rompeu mesmo com ela antes do início da temporada.

— Eu sei. — Fez uma pausa — Eu o amo, você sabe. Sempre amei, mesmo quando o detestava.

Anthony passou um braço ao redor de seus ombros.

— Gostaria que a levasse daqui?

Victoria ponderava sobre isso fazia mais de uma hora. Pensou em seu marido, aquele homem charmoso, que podia fazer cada dia ser especial. Mas que também era capaz de se manter impassível enquanto uma mulher apaixonada se atirava a seus pés. E, com repentina clareza, entendeu o que significava a expressão implacável de seu marido. Era o rosto de um homem em agonia. Um homem que queria fazer a coisa certa, mas não sabia como.

Victoria ficou de pé.

— Não, Anthony. Não irei a lugar nenhum. Só gostaria que todos vocês partissem.

Hammond e eu precisamos resolver isso sozinhos.

Ele também se levantou.

— Mesmo?

Ela olhou para o bebê em seu colo, o filho de seu marido. O caso com Emma Rawlins ficara para trás, e Victoria não ia condená-lo por isso. O passado não podia ser desfeito, mas o futuro poderia ser diferente. Conhecia bem seu marido para saber que ele assumiria a criança. Emma decerto não a queria, ou não a teria deixado ali. O bebê ia ficar ali mesmo, e ela também.

O que significava que Victoria se tornara mãe. Portanto, havia providências a tomar, como mandar preparar um quarto, contratar uma babá, uma ama-de-leite...

Apertou o menino junto ao peito e fez-lhe uma promessa: ia ser a melhor mãe que pudesse.

Encarou Anthony.

— Eu tenho absoluta certeza.

John a encontrou na Black Swam. Apresentou seu cartão à esposa do dono da hospedaria e aguardou no vestíbulo. Dez minutos depois, Emma desceu.

— O bebê é seu. Pretende negar isso?

O rosto estava pálido, os olhos, inchados de tanto chorar. Seu ressentimento era palpável, sua dor, evidente, e seu amor por ele, inegável.

— Não, Emma. Acredito em você. — Fitou o chapéu em suas mãos, respirou fundo e olhou para ela de novo. — Perdão. Eu sinto muito.

Emma atravessou o vestíbulo e se sentou no sofá. John se colocou a seu lado.

Cabisbaixa, ela fitava as próprias mãos.

— Acha que vir aqui, dizer-me que sente muito adiantará de alguma coisa?

— Não. Mas, embora eu seja capaz de dizer muita tolice, não consigo falar aquilo que é de fato importante. Acho que desculpas adiantam, sim. Eu lhe devo desculpas e muito mais. — John viu uma lágrima rolar pela face de Emma, puxou um lenço e ofereceu-lhe. — Eu não sabia da criança.

— Se tivesse lido as cartas, teria sabido.

— Li as três primeiras. Por que não me contou logo? Ela enxugou os olhos no lenço, sem encará-lo.

— No começo, eu não queria acreditar. Ignorei os sinais, na esperança de que não fosse verdade. Quando nos encontramos no baile, na casa dos Kettering, eu queria tanto lhe falar... mas sua esposa estava lá. Então fui até sua residência em Bloomsbury Square, mas não o achei. Pelo menos, o mordomo me disse que você havia saído.

— Não fiquei sabendo disso. Eu não devia mesmo estar em casa.

Emma começou a torcer o lenço, tensa.

— Naquela época, a gravidez já começava a aparecer, e tive de deixar a cidade. Não conseguiria suportar o falatório, por isso peguei todo o dinheiro que possuía e fui para a França. Fiquei morando com uma prima em Calais, e de lá, comecei a escrever-lhe.

— Por que não me mandou um mensageiro?

— Quem eu poderia enviar? — Olhou para ele, seus lindos olhos verdes evidenciando todo o seu desamparo. — Fora minha prima, que é viúva como eu, não tenho mais ninguém. Minha família me desertou quando me casei com Rawlins. O pobre-coitado morreu e me deixou sem nada.

Emma se calou, chorando baixinho.

Por isso, as mulheres se tornam amantes. Por desespero. John conhecia bem aquilo.

Sabia também que as mulheres costumavam amar os canalhas. Parecia ser uma característica preponderante delas. E ele era uma prova viva disso.

Quando conheceu Emma, John não quis saber de nada sobre ela, suas finanças, as circunstâncias que a levaram a se tornar concubina; nada. Era um egoísta, um aproveitador. Mas pretendia nunca mais voltar a sê-lo.

— Qual nome de meu filho, Emma?

— James.

O nome de batismo do pai dele. Era muita ironia.

— O que quer fazer com o menino?

— Não posso criá-lo, John! Não posso. James é um bastardo. Todos irão comentar, dirão coisas horríveis a meu respeito e dele também. Não suportaria, tenho muito medo.

Vou embora para a América. Pretendo começar vida nova, e não posso levar o bebê comigo. A carruagem do correio passará dentro de algumas horas, e quero estar nela. O próximo navio para Nova York parte em dois dias; já comprei a passagem. — Enxugou outra lágrima. — Como sou egoísta!

— Não é, não. Sua atitude é compreensível. — John respirou fundo, escolhendo as palavras. — Se não pode ficar com ele, então eu o criarei.

— O que diz?! — Ela o encarou, espantada. — Quer criar um bastardo em seu próprio lar, como se fosse seu filho legítimo?

— Sim.

Os olhos de Emma tornaram a se encher de lágrimas, e ela virou o rosto para enxugar o nariz. Nada comentou, mas John sabia que a jovem lamentava o fato de ele estar casado, pois, caso contrário, poderiam criar seu bebê juntos.

— O que temos de fazer? Há papéis para assinar ou algo assim? Não tenho muito tempo.

. — O escritório de meu advogado fica nesta mesma rua. Vamos até lá e ver se ele pode arranjar tudo agora mesmo.

— Claro, claro — concordou, aliviada.

Uma hora depois, John tinha nos bolsos os papéis que transformavam James em seu filho legítimo. Emma declinou de todos os seus direitos sobre a criança e concordou em receber uma boa soma de dinheiro por isso. O advogado ficou surpreso com a quantia, mas John achava que nada seria suficiente para compensá-la.

Quando alcançaram a carruagem que a levaria, John tocou-lhe o braço.

— Emma?

Ela interrompeu a subida ao veículo para fitá-lo.

— Se precisar de algo, qualquer coisa, escreva-me. Prometo que lerei desta vez. Eu juro.

Ao se sentar no interior da carruagem, ela começou a chorar de novo.

— Nunca conte nada a James sobre mim, John. Nunca.

— Adeus, Emma.

Ele ficou olhando o coche se afastar e decidiu que, ao contrário do desejo de Emma, contaria a seu filho sobre a mulher maravilhosa que fora a mãe dele. O garoto sem dúvida perguntaria, e tinha todo o direito de saber que o único erro da mãe fora se apaixonar pelo homem errado.

John retornou à Black Swam para apanhar seu cavalo. Quando chegou à hospedaria, dirigiu-se para o estábulo, mas algo o fez parar de repente.

Uma carruagem ricamente adornada parou na frente da Wild Boar, uma outra hospedaria, bem diante da Black Swam. Ostentava a inconfundível insígnia do duque de Tremore e vinha carregada de baús e malas de viagem.

Victoria o estava abandonando. Tremore a estava levando embora. O coração de John ameaçou parar. Ele sentiu um vazio intenso, e seu corpo se moveu em direção às portas da Wild Boar, sem que se desse conta disso.

Todos resolveram almoçar na hospedaria, antes de voltar para casa. Victoria os acompanhara. Dylan e Anthony tinham ido até o bar para tomar uma cerveja e discutir o estado das estradas, enquanto as mulheres ficaram sentadas a uma mesa da lotada sala de jantar.

— Onde posso arranjar uma ama-de-leite? Não faço a menor idéia.

— Fale com o médico local, Victoria. Ele deve saber.

— Ótima idéia, Daphne. Quando sairmos daqui, irei ver o dr. Morrison.

— Quer mesmo continuar com isso, Victoria? — perguntou Grace. — As pessoas irão comentar. Assumir uma criança que não é sua como filho legítimo é muito difícil.

— Você conseguiu. — Victoria se referia à filha de Dylan, de oito anos de idade, Isabel, cuja mãe fora uma cortesã.

— Eu sei, mas são casos diferentes. Isabel era mais velha, e ainda não éramos casados quando a menina nasceu. Além disso, Dylan não é um lorde. Nenhuma outra esposa de um lorde aceitaria um filho ilegítimo de seu marido dentro de casa. E se John não o quisesse?

— Sei que ele há de querer ficar com o bebê.

Victoria não sabia por que, mas tinha absoluta certeza disso. Talvez por recordar o olhar dele quando a viu com Nicholas no colo.

Dylan e Anthony juntaram-se a elas, colocando suas canecas no tampo.

— Concordo com Victoria — afirmou Dylan. — John ficará com o menino. Anda maluco por crianças, ultimamente.

Anthony fez um esgar de incredulidade.

— Resta saber que tipo de pai ele será.

— Só há uma única questão a considerar. — Daphne ajeitou os cabelos. — Hammond a ama, Victoria?

O duque fez um gesto de impaciência.

— Bem próprio das mulheres colocar o amor em qualquer tipo de discussão.

— Ele a ama? — repetiu Daphne, ignorando o comentário. Victoria encarou a cunhada com um sorriso.

— Para ser honesta, não sei.

Nesse momento, a porta da Wild Boar se abriu, e John adentrou o salão. Olhou ao redor e caminhou direto para eles.

Tirou o chapéu e se aproximou da mesa, dirigindo-se a sua esposa e ignorando os demais. Respirou fundo, olhou bem nos olhos dela e disse apenas uma palavra:

— Não.

— O quê? — Victoria piscou, sem entender. — Não o quê? Está falando do bebê?

— Não. Você não vai me deixar. Não permitirei! Victoria ficou sem ação, tamanho seu espanto, quando compreendeu. John achava que ela o estava abandonando.

— John...

— Sem discussão, Victoria. — Fez um gesto largo. — Eles todos podem ir para casa, mas você não irá a lugar algum.

Ela tentou de novo:

— Mas, eu...

— E vamos cuidar de James.

— Quem?

— O bebê. Ficaremos com ele e vamos criá-lo. Você e eu, juntos. Pensei muito sobre tudo, e terá de ser assim. Sei que não tenho o direito de pedir-lhe nada, sei que será difícil, mas temos de agir assim. Sou responsável pelo menino.

— Claro que é, mas...

— Além disso, Emma foi para a América. Ela não o quer, mas eu quero. O bebê precisa de uma mãe, você não pode me deixar. — John respirou fundo. — Nada de ir embora, Victoria, nunca mais, nenhum de nós. Esse tem sido nosso maior problema. Estamos sempre partindo. Sobre tudo eu, admito. Mas fiz uma promessa, lembra? Prometi que nunca mais iria embora e não irei. Nunca mais. E não vou deixar você ir também!

Ela tornou a tentar.

— John, eu queria...

— Mas que droga! Você sempre quer conversar sobre as coisas, e agora que estou tentando lhe falar, quer, por favor, parar de me interromper?!

Victoria desistiu.

— Por Deus, quantas vezes você quase me enlouqueceu querendo conversar, e quando eu tentava... — John ergueu as mãos, exasperado. — Ninguém me conhece tão bem como você. Ninguém me enlouquece como você, e eu nem sei por quê.

Ela lutava para não rir. Um sorriso estragaria tudo, e Victoria estava adorando aquilo.

— Não sei o que é, mas consegue me desmontar com um olhar, Victoria. Ninguém mais me faz vislumbrar o paraíso quando sorri. Tive muitas mulheres, Deus é testemunha disso. Mas só uma me fez ver que tenho um coração dentro do peito. Só uma conseguiu preencher o vazio em meu peito. E essa mulher é você.

Toda a vontade de rir desapareceu diante daquele discurso. John estava sendo sincero. Não havia nada de inteligente ou de engraçado naquilo, mas era a coisa mais linda que Victoria já ouvira.

John se calou, para recuperar o fôlego, e logo prosseguiu:

— Adoro que tenha os cabelos da cor do sol e os olhos cor de lama, e agradeço a Deus todos os dias pela geléia de amora. Adoro a pinta no canto de sua boca e seu jeito de rir. Amo brigar com você porque sei que vou amar a reconciliação. Não quero mais ninguém em minha vida. Ninguém. Por todos os momentos preciosos que me proporcionou, você é e será sempre a única. E eu seria o homem mais estúpido do mundo se...

— Chega, chega! — interrompeu-o Anthony. John não lhe deu ouvidos e seguiu em frente:

— Pode ter demorado nove anos, mas descobri o que é o amor. E isso porque você me ensinou. Eu te amo. Sei que não a mereço, nunca mereci, mas eu te amo. Mais do que a minha própria vida.

Enfim, John se calou.

Victoria esperou um momento e, como ele permanecesse mudo, deu uma tossidela.

— Terminou?

John olhou ao redor e se deu conta, então, de que o salão estava lotado, e todos os presentes o fitavam. Sem se intimidar, ergueu o queixo com dignidade, ajeitou a gravata e respondeu:

.— Sim.

Girando nos calcanhares, John caminhou para a saída, mas parou à soleira.

— Estarei em Hammond Park — afirmou, orgulhoso. — Em nossa casa. Esperando minha esposa voltar para o lugar a que pertence. — Com isso, abriu a porta e saiu, fechando-a atrás de si.

O salão ficou tão silencioso que mais parecia uma igreja. Dylan foi o primeiro a quebrar a quietude:

— Creio que não precisamos mais discutir esse assunto. Está claro que seu marido é louco por você, Victoria, pois acabou de fazer papel de bobo na frente de todos nós.

O quarto de criança era um dos lugares da casa que John nunca visitava. Mas, naquela tarde, ele o fez.

Quando entrou, encontrou Hill sentada numa cadeira, ao lado do berço. O bebê dormia com uma camisola branca e touca de linho na cabecinha.

John ficou olhando para James por segundos, então tocou-o com as pontas dos dedos.

— Ele é tão pequeno!

— Mas vai crescer logo, sir. — Hill sorriu-lhe. — Só tem um mês de idade.

James abriu os olhos ao escutar as vozes. Eram castanhos, cor de conhaque, como os do pai.

— Olá, James. — John se dirigiu à criada: — Gostaria de segurá-lo, mas ele é tão frágil...

— Nem tanto assim, milorde. Os bebês estão sempre prontos para serem embalados. Só tem de ter cuidado para apoiar o pescocinho.

John tirou o casaco e o jogou de lado.

— Mostre-me.

Ficou olhando quando Hill tirou o bebê do berço, prestando atenção à posição das mãos dela, uma sob a cabeça e a outra mais embaixo. A governanta colocou o menino em seus braços, e John se sentou na poltrona.

— Estou fazendo certo?

— Como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, sir — disse Hill, fazendo-o lembrar-se daquela noite na casa dos Tremore, quando a babá fizera comentário semelhante. Desejava que ambas estivessem certas, pois pretendia ser o melhor pai da Inglaterra. James cerrou as pálpebras e voltou a adormecer. Hill pigarreou para chamar a atenção do lorde.

— Se não se importa, sir, pode me devolver o bebê? Tenho de ir até a lavanderia apanhar roupas limpas para ele. Terei de trocá-lo em breve.

John balançou a cabeça, sem desviar o olhar de seu filho.

— Não. Deixe-me ficar com ele. Pode ir à lavanderia, eu tomarei conta de James até você voltar.

— Mas e se ele começar a chorar? Os homens odeiam isso. Não posso deixá-lo.

— Isso não vai acontecer comigo. Pare de se preocupar e vá. — Piscou para ela, sorridente. Sempre o mesmo galanteador.

Hill fez uma reverência e se retirou. Sozinho com seu filho, John tocou-lhe o rosto. Era a coisa mais suave que já afagara.

— Vou comprar uma fazenda para você. E ações de ferrovias. James se espreguiçou, fazendo um som estranho.

— Qual o problema com ações de ferrovias? Elas são o caminho do progresso, meu rapaz. Veja se não estou certo. Com uma fazenda e bons investimentos, você será um homem rico quando for para Cambridge.

Seu filho deu um pequeno chute, mas não acordou.

— Cambridge — repetiu, com ênfase. — Não Oxford.

Os olhos castanhos piscaram e se abriram diante da firmeza da voz, e fecharam-se de novo. A boquinha se contorceu num bocejo desinteressado. John sorriu, satisfeito.

— Já entediado com os estudos? Não vai saber o que é tédio até que comecem a lhe ministrar lições de latim. Eles serão cruéis, James. Vão chamá-lo de bastardo, e eu sinto muito por isso. Mas eu o ensinarei a andar de cabeça erguida e a não ligar para isso. Tomarei conta de você. Prometo que nunca se sentirá desesperado ou assustado. Estarei sempre por perto para evitar que faça coisas estúpidas. Não contrairá dívidas, não se envolverá em jogatinas, e quanto às mulheres...

Pensou um pouco, depois suspirou e rendeu-se ao inevitável.

— Sei que serei sempre melhor que você nesse assunto. — Inclinou-se e beijou a testa de seu bebê. — Mas não contaremos nada a Victoria. Ela poderá ficar brava... se voltar para casa.

Esse pensamento congelou seu sangue. Se Victoria não voltasse, o que seria dele?

O conhecido sentimento de vazio voltou com força. Achava que o discurso que fizera na Wild Boar não a impressionara. Mal podia se lembrar do que dissera, mas sabia que não fora nada inteligente, nem poético. Ela ficara lá, olhando para ele, atônita, como se não entendesse como o marido ousava ir atrás dela e falar de amor, depois de tudo o que acontecera.

John sabia que não havia nada que pudesse fazer para trazê-la de volta. Nada. Victoria não ia voltar. Afinal, ele sempre ia embora. Se agora ela decidisse inverter os papéis, ele não poderia dizer nada, a não ser que merecera tudo aquilo.

Mas homens desesperados tomam atitudes desesperadas.

John sabia disso melhor que ninguém. Sendo um homem desesperado, rezou:-

— Volte, Victoria — pediu, segurando o bebê. — Por favor, volte para casa!

Victoria apertou a boca com o pulso, ouvindo-o. Como amava aquele homem! Agora entendia que sempre o amara e que o amaria por toda a eternidade.

Entrou no quarto e o viu ao lado do berço. Quando olhou para John com a criança nos braços, seu coração começou a bater tão rápido que mal podia respirar. Toda a sua vida sonhara em ter o amor de um homem bom e honesto. Não era mais um sonho agora. Era vida. Não aquela que imaginara. Não era fácil, e cada dia era uma lição de como aprender a conviver. Mas era sua vida, real e preciosa. Dali em diante, iria se agarrar a ela e àquele homem com todas as suas forças.

Victoria fez um ruído alto o suficiente para John ouvir, mas sem acordar o bebê. Ele ergueu a cabeça, a viu, mas não sorriu, nem se moveu.

— Vim para fazermos as pazes.

— Jura?

— Sim. Foi seu discurso. — Victoria decidiu não lhe dizer que nunca pretendia deixá-lo. Talvez dissesse um dia. Talvez não. — Foi a coisa mais incoerente, mais ridícula e mais bonita que já ouvi. — Ajoelhou-se ao lado dele. — Eu também te amo.

John esboçou um sorriso de incredulidade.

— Não posso imaginar por quê.

Victoria encarou seu marido, tirou-lhe os cabelos da testa e sorriu também.

— Porque você continua a me surpreender.

— Quero subir. — John parou no fim da longa galeria de Hammond Park, roendo a unha do polegar. — Meu Deus, por que não posso subir?!

Anthony despejou um pouco de vinho do Porto numa taça e ofereceu a ele.

— Homens não podem entrar — declarou, pela milionésima vez.

— Que estupidez! Afinal, nós somos a causa de tudo isso! — Passou os dedos pelos cabelos.

Detestava aquela espera, aquela impotência. Estava tão assustado que pensou que fosse vomitar. Seu cunhado ofereceu-lhe o vinho.

— Tome outro gole.

— Não quero beber. Como você pode ficar assim tão calmo?! Anthony suspirou e pôs a tacinha na mesa.

— Sei como se sente, creia-me. E não estou calmo. Apenas tento disfarçar.

Um grito de dor intensa veio do andar de cima, interrompido pelo bater de portas.

Aquele berro doeu fundo nas entranhas de John.

— Eu vou subir! Anthony o segurou.

— Você não pode!

— Deus do Céu! — Gemeu, recomeçando a andar de lá para cá. — Já está quase amanhecendo. Quanto tempo vai demorar?

— Para sempre.

Ouviram mais passos lá em cima, passou-se mais uma hora e nada aconteceu. O medo de John aumentava a cada segundo, e ele quase perdeu o juízo quando ouviu outro grito de agonia de sua esposa.

— Vou subir. Victoria está precisando de mim. Anthony o agarrou, mas John conseguiu se livrar. No andar de cima, Daphne o interpelou.

Nada, em toda a sua vida, lhe causara tamanha ansiedade.

— Como está ela?

— Bem. Eu saí porque achei que você deveria estar preocupado.

— Preocupado?! — Era uma descrição tão falha do que sentia que John teve vontade de rir.

Daphne tocou-lhe o braço.

— Vamos, vamos, desça. Tudo dará certo. Você não pode ajudar. Só iria atrapalhar. Vá. Ele obedeceu, embora relutante.

— Esse tipo de coisa leva muito tempo, John. Eu mesma fiquei em trabalho de parto por dois dias.

— Deus! Dois dias mais disso e terão de me internar no manicômio!

Outra hora se passou, outra eternidade até que Daphne voltasse a sair do quarto. John estava no pé da escada, quando ela o chamou:

— John?

Ele começou a correr escada acima, e já estava perto dela quando Daphne lhe disse:

— Agora você pode entrar.

— Victoria está bem?

— Ótima. — E abriu caminho para ele passar.

John tinha de constatar por si mesmo. Ao entrar no quarto, quase atropelou o dr.

Morrison. Viu sua mulher, tão pálida, de cabelos tão desordenados... Aproximou-se dela com um nó na garganta.

— Victoria! — Caminhou para perto da cama e viu o bebê em seus braços, tão pequeno e cor-de-rosa, com um nariz minúsculo. — Victoria! — repetiu, pois não conseguia dizer outra coisa além do nome dela. Ajoelhou-se ao lado da cama.

— O que aconteceu com aquele homem forte, com quem me casei? — Ela afagou-lhe o rosto.

John balançou a cabeça, segurou a mão da esposa e a beijou.

O que um homem poderia dizer num momento daqueles? Não havia palavras.

— John... Eu e o bebê estamos bem. Acalme-se.

— Tem certeza? Victoria fez que sim.

— Olhe, temos uma menina.

— Uma menina! — Deslumbrado, John olhou de novo para a criança, observando como o choro foi se transformando em leves soluços, enquanto se aninhava nos braços de Victoria, procurando o seio da mãe. — Deve estar com fome!

Uma garotinha.

Chegou mais perto, analisando a menina, e foi aí que viu a pinta no canto de sua boca.

Uma alegria imensa invadiu seu peito. E John começou a rir.

— Uma garotinha! Ela é linda! Por Deus, como é linda! Parece-se tanto com a mãe.

— Pare com isso, John! — Victoria sorria.

— É verdade. É linda como a mãe, não é, Daphne?

— Acho que tem razão. — Daphne achou graça.

— Claro que tenho! Veja. — E tocou a cabeça da criança. — Tem os cabelos idênticos aos seus, Victoria. E a pinta, então! A boca tão linda, tão bem-feita... — Riu de novo. — E aposto mil libras como os olhos também são cor de lama.

Dessa vez Victoria gargalhou.

— Não saberemos tão cedo. Todos os bebês nascem com olhos azuis. Teremos de esperar para constatar.

John não precisava esperar. Olhou para o lindo bebê e para sua linda esposa. Sim, olhos da cor da lama da lagoa, cabelos dourados como a luz do sol e um coração tão bom para amar até alguém como ele. E, além disso, John tinha um filho forte e saudável dormindo

no aposento ao lado. Como, afinal, um sujeito tão irresponsável poderia ter merecido tanta sorte na vida?!

***** FIM *****